

JOHN GREEN

Enquanto a maré banhava a areia da praia, o Homem das Tulipas Holandês contemplava o oceano:

- Juntadora treplicadora envenenadora ocultadora reveladora. Repare nela, subindo e descendo, levando tudo consigo.
 - O que é? Anna perguntou.
 - A água respondeu o holandês. Bem, e as horas.

PETER VAN HOUTEN, Uma aflição imperial

CAPÍTULO UM

altando pouco para eu completar meu décimo sétimo ano de vida minha mãe resolveu que eu estava deprimida, provavelmente porque quase nunca saía de casa, passava horas na cama, lia o mesmo livro várias vezes, raramente comia e dedicava grande parte do meu abundante tempo livre pensando na morte.

Sempre que você lê um folheto, uma página da Internet ou sei lá o que mais sobre câncer, a depressão aparece na lista dos efeitos colaterais. Só que, na verdade, ela não é um efeito colateral do câncer. É um efeito colateral de se estar morrendo. (O câncer também é um efeito colateral de se estar morrendo. Quase tudo é, na verdade.) Mas a mamãe achava que eu precisava de tratamento, então me levou ao meu médico comum, o Jim, que concordou que eu, de fato, estava nadando numa depressão paralisante e totalmente clínica e, portanto, ele ia trocar meus remédios e, além disso, eu teria que frequentar um Grupo de Apoio uma vez por semana.

O grupo era formado por um elenco rotativo de pessoas com várias questões psicológicas desencadeadas pelos tumores. A razão de o elenco ser rotativo? Efeito colateral de se estar morrendo.

O Grupo de Apoio era megadeprimente, óbvio. A reunião acontecia toda quarta-feira no porão de uma igreja episcopal — uma construção no formato de cruz com paredes de pedra. Nós nos sentávamos em uma roda bem no meio da cruz: onde os dois pedaços de madeira um dia se cruzaram, onde esteve o coração de Jesus.

Sabia disso porque o Patrick, Líder do Grupo de Apoio e o único naquele lugar com mais de dezoito anos, falava sobre o coração de Jesus todo raio de reunião, sobre como nós, jovens sobreviventes do câncer,

chamado Isaac, um magrelo de rosto comprido, com cabelos loiros e lisos que cobriam um de seus olhos.

E seu problema eram os olhos. Ele teve um tipo inacreditavelmente improvável de câncer ocular. Um olho foi extraído quando ele era pequeno, e agora o Isaac usava um par de óculos fundo de garrafa que fazia os olhos (tanto o de verdade quanto o de vidro) parecerem sobrenaturalmente grandes, como se a cabeça inteira fosse basicamente o globo ocular de mentira e o de verdade olhando para você. Pelo que pude entender das raras vezes que ele se abriu para o grupo, uma recorrência colocou o olho que resta em perigo mortal.

O Isaac e eu nos comunicávamos quase exclusivamente por meio de suspiros. Cada vez que alguém falava de dietas anticâncer, de cheirar cartilagem de tubarão em pó ou sei lá, ele me olhava e suspirava de leve. Eu balançava a cabeça em um movimento microscópico e dava um suspiro em resposta.

* * *

Então o Grupo de Apoio deu o que tinha de dar, e depois de algumas semanas eu passei a surtar quando tocavam no assunto. Na verdade, na quarta-feira em que conheci o Augustus Waters, tinha feito de tudo para me livrar da ida à sessão de grupo enquanto estava sentada no sofá com a mamãe, no meio da terceira parte da maratona de doze horas da temporada anterior de *America's Next Top Model,* que, confesso, já tinha visto, mas mesmo assim...

Eu: "Eu me recuso a ir ao Grupo de Apoio."

Mamãe: "Um dos sintomas da depressão é a falta de interesse em participar de atividades."

Eu: "Por favor, mãe, deixe eu ficar vendo America's Next Top Model. Isso é uma atividade."

Mamãe: "Televisão é passividade."

Eu: "Pô, mãe, por favor..."

Mamãe: "Hazel, você já é adolescente. Não é mais criancinha. Precisa

- Eu te amo ela disse, enquanto eu saltava do carro.
- Eu também, mãe. Vejo você às seis.
- Faça amigos! ela gritou pela janela abaixada enquanto eu me distanciava. Não quis usar o elevador porque isso é o tipo de coisa que você faz nos seus "Últimos dias no Grupo de Apoio", então fui de escada. Peguei um biscoito, coloquei um pouco de limonada num copo descartável e me virei.

Um garoto olhava fixamente para mim.

Eu tinha quase certeza de nunca ter visto aquele cara na vida. Alto e magro, mas musculoso, ele fazia a cadeira de plástico, daquelas usadas em sala de aula, parecer minúscula. Cabelo acaju, liso e curto. Parecia ter a minha idade, talvez um ano mais velho, e estava sentado com o cóccix na beirada da cadeira, uma postura péssima, com uma das mãos enfiada até a metade no bolso da calça jeans escura.

Desviei o olhar, repentinamente consciente da quantidade infinita de coisas erradas em mim. Eu estava com uma calça jeans velha, que algum dia foi justa mas que agora ficava folgada nos lugares mais estranhos, e uma camiseta de malha amarela com o nome de uma banda da qual eu nem gostava mais. Tinha também meu cabelo: cortado tipo Príncipe Valente, e eu nem tive a preocupação de, puxa, dar uma escovada nele. Além disso, minhas bochechas estavam ridiculamente redondas, como as de um esquilo, efeito colateral do tratamento. Eu era uma pessoa de proporções normais com um balão no lugar da cabeça. Isso sem falar do inchaço nos tornozelos. Mesmo assim, dei uma espiada rápida e os olhos dele ainda estavam grudados em mim.

Foi então que entendi o verdadeiro sentido de aquilo ser chamado de contato visual.

Andei até a roda e me sentei ao lado do Isaac, a duas cadeiras do garoto. Olhei de novo, rapidamente. Ele ainda me observava.

Na boa, vou logo dizendo: ele era um gato. Se um cara que não é gato encara você sem parar, isso é, na melhor das hipóteses, esquisito, e na pior, algum tipo de assédio. Mas se é um cara gato... na boa...

Peguei meu celular e apertei uma tecla para ver as horas. Os lugares

um longo período de remissão de um câncer de apêndice, que eu nem sabia que existia. Ela disse — como em todas as outras vezes que eu fui às sessões do grupo — que se sentia forte, o que para mim, com aquela chuvinha de oxigênio fazendo cosquinhas no nariz, era o mesmo que tirar onda. Outros cinco falaram antes do cara gato. Ele deu um sorrisinho quando chegou sua vez. A voz era baixa, aveludada e supersensual.

- Meu nome é Augustus Waters disse. Tenho dezessete anos. Tive uma pitada de osteossarcoma um ano e meio atrás, mas só estou aqui hoje porque o Isaac pediu.
 - E como está se sentindo? o Patrick perguntou.
- Ah, maravilha. Augustus Waters deu um sorrisinho. Estou numa montanha-russa que só vai para cima, amigão.

Quando chegou minha vez, eu disse:

— Meu nome é Hazel. Tenho dezesseis anos. Tireoide com metástase nos pulmões. Estou bem. A hora passou rápido. Lutas foram recontadas, batalhas ganhas em guerras que com certeza seriam perdidas; a esperança virou tábua de salvação; famílias foram celebradas e recriminadas; foi consenso que os amigos não entendiam nada; lágrimas foram compartilhadas, e consolo, oferecido.

Nem eu nem o Augustus Waters tínhamos soltado uma palavra, até que o Patrick disse:

- Augustus, talvez você queira falar de seus medos para o grupo.
- Meus medos?
- É.
- Eu tenho medo de ser esquecido disse ele de bate-pronto. Tenho medo disso como um cego tem medo de escuro.
 - Calma aí... disse Isaac, abrindo um sorriso.
- Estou sendo insensível? perguntou o Augustus. Eu posso ser bem cego quando o assunto são os sentimentos das outras pessoas.
- O Isaac estava rindo, mas o Patrick levantou um dedo, repreendendoo.
- Por favor, Augustus. Voltemos a você e às suas questões. Disse que tem medo de ser esquecido?

se abrindo de um canto ao outro no rosto do Augustus — não o tipo de sorriso cafajeste do garoto tentando parecer sexy ao me encarar, mas um sorriso sincero, quase maior que a cara dele.

— Caramba! — disse ele baixinho. — Não é que você é mesmo demais?

Nós dois não falamos mais nada até o fim da reunião, quando todos se deram as mãos e o Patrick nos guiou em uma prece.

— Senhor Jesus Cristo, estamos aqui reunidos em Seu coração, literalmente em Seu coração, como sobreviventes do câncer. O Senhor e somente o Senhor nos conhece como conhecemos a nós mesmos. Nos guie pela vida e para a Luz em nossos períodos de provação. Oremos pelos olhos do Isaac, pelo sangue do Michael e do Jamie, pelos ossos do Augustus, pelos pulmões da Hazel, pela garganta do James. Oremos para que o Senhor consiga nos curar e para que possamos sentir Seu amor e Sua paz, que excedem todo o entendimento. E nos lembremos em nossos corações daqueles que um dia conhecemos, amamos e que foram para a Sua casa: Maria, Kade, Joseph, Haley, Abigail, Angelina, Taylor, Gabriel...

A lista era grande. Tem muita gente morta no mundo. E enquanto o Patrick continuava a ladainha, lendo a relação em uma folha de papel porque era muito comprida para ser decorada, fiquei de olhos fechados, tentando elevar os pensamentos em oração, mas a maior parte do tempo imaginava o dia em que meu nome ocuparia um lugarzinho ali, bem no fim da lista, quando ninguém mais está prestando atenção.

Quando o Patrick acabou, entoamos juntos aquele mantra idiota — VIVENDO O MELHOR DA NOSSA VIDA HOJE — e foi o fim da reunião. O Augustus Waters empurrou o corpo para fora da cadeira e caminhou na minha direção. O andar dele era tão cafajeste quanto o sorriso. Ele parou na minha frente, mas manteve uma certa distância para eu poder olhá-lo nos olhos sem ter de esticar o pescoço.

- Qual é o seu nome? ele perguntou.
- Hazel.
- Não, o nome completo.
- Ahn, Hazel Grace Lancaster.

- Estamos literalmente no coração de Jesus... Achei que estivéssemos no porão de uma igreja, mas estamos literalmente no coração de Jesus.
- Alguém deveria contar isso para Jesus falei. Quer dizer, deve ser perigoso ficar guardando crianças com câncer no coração.
- Eu mesmo poderia contar o Augustus falou —, mas, para minha infelicidade, estou literalmente enterrado no coração Dele, então Ele não vai conseguir me ouvir.

Eu ri. O Augustus balançou a cabeça, me olhando.

- O que foi? perguntei.
- Nada ele respondeu.
- Por que você está olhando para mim desse jeito?

Ele deu um sorrisinho.

— Porque você é bonita. Eu gosto de olhar para pessoas bonitas, e faz algum tempo que resolvi não me negar os prazeres mais simples da existência humana. — Um silêncio constrangedor se seguiu.

Mas o Augustus quebrou o gelo.

— Quer dizer, principalmente porque, como você deliciosamente observou, tudo isso vai acabar em total esquecimento, e tal...

Eu meio que engasguei, ou suspirei, ou soltei o ar de um jeito que pareceu quase uma tosse, e disse:

- Eu não sou boni...
- Você é tipo uma Natalie Portman milenar. Tipo a Natalie Portman em *V de Vingança*.
 - Não vi esse filme falei.
- Sério? ele perguntou. Garota linda, de cabelo curto, rejeita a autoridade e não consegue resistir a um cara que ela sabe que vai ser um problema. É sua autobiografia, pelo menos até aqui, pelo que posso ver.

Cada sílaba que saía da boca dele flertava comigo.

O.k., ele meio que me deixava excitada. Eu nem sabia que garotos podiam me deixar excitada — pelo menos não, tipo, na vida real.

Uma menina mais nova passou por nós.

— E aí, Alisa. Tudo bem? — ele perguntou.

alta, morena e boazuda imprensava o Isaac na parede de pedra da igreja, beijando o menino de um jeito quase agressivo. Estávamos tão perto que eu podia escutar os ruídos estranhos das duas bocas grudadas, e ouvi o Isaac dizendo "sempre", e ela respondendo com "sempre" também.

- O Augustus apareceu de repente ao meu lado e sussurrou:
- Eles são grandes adeptos de demonstrar afeto em público.
- Qual é a do "sempre"?

O ruído da troca de saliva aumentou de intensidade.

— "Sempre" é o lema deles. Sempre vão se amar, e tal. Pelos meus cálculos, e sendo bastante conservador, eles devem ter trocado quatro milhões de mensagens de texto com a palavra sempre no ano passado.

Mais dois carros chegaram, levando embora o Michael e a Alisa. Aí sobramos só o Augustus e eu, observando o Isaac e a Monica, que continuavam frenéticos, como se não estivessem encostados na parede de um local de oração. Ele pôs a mão no peito dela, por cima da blusa, e apalpou o mamilo, a mão imóvel enquanto os dedos se mexiam. Fiquei me perguntando se aquilo seria gostoso. Não parecia, mas resolvi perdoar o Isaac levando em conta o fato de que ele estava para ficar cego. Os sentidos devem aproveitar enquanto ainda há apetite, e tal.

— Imagine a última ida de carro até o hospital — falei, baixinho. — A última vez que você vai dirigir um carro.

Sem me olhar, o Augustus disse:

- Você está atrapalhando a minha vibe aqui, Hazel Grace. Estou tentando observar o amor adolescente em sua esplendorosa estranheza. Acho que ele está machucando o peito dela comentei.
- É. É difícil saber ao certo se ele está tentando excitar a menina ou fazer um exame de mama.

Aí o Augustus colocou a mão no bolso e tirou de lá, por incrível que pareça, um maço de cigarros. Levantou a tampa da caixinha e colocou um cigarro na boca.

- Isso é *sério?* perguntei. Você acha isso legal? Ai, meu Deus, você acabou de estragar a coisa toda.
 - Que coisa toda? ele perguntou, virando para mim.

- É uma metáfora ele repetiu.
- Você determina seu comportamento com base nas ressonâncias metafóricas...
- Ah, é. Ele sorriu. O sorriso largo, meio bobo e sincero. Sou um grande adepto da metáfora, Hazel Grace.

Eu me virei para o carro. Dei uma batidinha na janela. Que se abriu.

— Vou ver um filme com o Augustus Waters — falei. — Grave, por favor, os próximos episódios da maratona do ANTM para mim.

doença recebem e as saudáveis, não: bolas de basquete autografadas por ídolos do esporte, perdão pelo atraso na entrega do dever de casa, carteiras de motorista não merecidas etc.

— É — ele disse.

O sinal ficou verde. Segurei firme no banco. O Augustus meteu o pé no acelerador.

- Você sabe que existem controles manuais para pessoas que não podem dirigir usando os pedais? perguntei.
 - Sei ele respondeu. Quem sabe algum dia?

E suspirou de um jeito que me fez pensar se ele achava que esse algum dia ia chegar. Eu sabia que o osteossarcoma tinha uma probabilidade de cura muito grande, mas, mesmo assim...

Existem várias maneiras de estabelecer a expectativa de vida aproximada de alguém sem perguntar isso diretamente. Eu fui pela mais tradicional.

— Então, você estuda?

Normalmente seus pais tiram você da escola quando já estão esperando que bata as botas.

— Estudo — ele respondeu. — Na North Central. Mas estou atrasado um ano, dei uma parada no segundo. E você?

Pensei em mentir. Afinal de contas, ninguém se interessa por um cadáver ambulante. Mas acabei dizendo a verdade.

- Não. Meus pais me tiraram da escola há três anos.
- Três anos? ele perguntou, boquiaberto.

Contei ao Augustus a versão resumida do meu milagre: diagnosticada com câncer de tireoide em estágio IV aos treze anos. (Não contei que o diagnóstico veio três meses depois da minha primeira menstruação. Tipo: Parabéns! Você já é uma mulher. Agora morra.) E, foi o que nos disseram, era incurável.

Passei por uma cirurgia chamada dissecação radical do pescoço, tão desagradável quanto o nome. Depois, radioterapia. Aí tentaram quimioterapia para os tumores no pulmão, que diminuíram num primeiro momento, mas cresceram de novo. Nessa época eu já tinha quatorze anos.

funcionando indefinidamente no sacrifício com o auxílio da chuvinha de oxigênio e de doses diárias de Falanxifor.

Devo confessar que a história de milagre do meu câncer só resultou em um pequeno ganho de tempo. (Eu só não sabia ainda quão pequeno.) Mas, enquanto contava tudo ao Augustus Waters, pintei o quadro mais otimista possível, ressaltando a miraculosidade do milagre.

- Então você precisa voltar a estudar ele disse.
- Na verdade, não dá expliquei —, porque já peguei meu certificado de conclusão do ensino médio. Por isso tenho assistido às aulas no MCC. Que é a faculdade comunitária da cidade.
- Uma universitária ele disse, balançando a cabeça. Isso explica a aura de sofisticação.

Ele abriu um sorriso afetado. Dei um empurrão no seu braço, de brincadeira. E pude sentir o músculo logo abaixo da pele, todo contraído e incrível.

Fizemos uma curva cantando pneu e entramos em um loteamento com muro emboçado de dois metros e meio de altura. A casa dele era a primeira à esquerda. Estilo colonial, dois andares. Paramos, com um tranco, na entrada de carros.

Fui atrás dele até dentro da casa. Uma placa de madeira, no hall, tinha gravadas com letras cursivas as palavras *O lar é onde fica o coração*, e acabou que a casa toda era enfeitada com dizeres desse tipo. *Amigos de verdade são difíceis de encontrar e impossíveis de esquecer*, afirmava uma ilustração acima do cabideiro. *O verdadeiro amor nasce em tempos difíceis*, prometia uma almofada bordada na sala de estar cheia de móveis antigos. O Augustus me pegou lendo.

— Meus pais chamam isso de Encorajamentos — explicou. — Estão espalhados por toda parte.

* * *

O pai e a mãe dele o chamavam de Gus. Estavam preparando enchiladas na cozinha (escrita em letras gordinhas num vidro jateado perto da pia só tem uma coisa... Eu não como carne...

- Não tem problema. Vamos vegetarianizar algumas delas ela disse.
 - Os animais são fofos demais? o Gus perguntou.
- Quero diminuir a quantidade de mortes pelas quais sou responsável falei.

O Gus abriu a boca para fazer um comentário mas pensou duas vezes e continuou calado.

A mãe dele preencheu o silêncio.

— Pois eu acho isso uma coisa maravilhosa.

Eles conversaram um pouco comigo, me contando que as *enchiladas* eram as Famosas e Impossíveis de Não Experimentar *Enchiladas* Waters, e que o toque de recolher do Gus também era às dez, e que eles desconfiavam totalmente de qualquer um que estabelecesse um toque de recolher diferente de dez, comentando o fato de eu estar estudando — "ela é universitária", o Augustus exclamou —, de o clima estar absolutamente magnífico para março, e de como na primavera tudo era renovado, e em nenhum momento fizeram qualquer pergunta sobre o oxigênio ou sobre meu diagnóstico, o que era ao mesmo tempo estranho e maravilhoso, e aí o Augustus disse:

- A Hazel e eu vamos assistir ao V de Vingança para que ela possa ver a *doppelgänger* cinematográfica dela, a Natalie Portman do século vinte e um.
 - A sala de estar é toda de vocês o pai dele disse, todo alegrinho.
 - Na verdade, acho que vamos ver o filme lá no porão.

O pai dele riu.

- Boa tentativa. Sala de estar.
- Mas eu quero mostrar o porão para a Hazel Grace o Augustus disse.
 - Só Hazel falei.
- Então mostre o porão para a Só Hazel o pai dele disse. E depois volte aqui para cima e assista ao seu filme na sala de estar.
 - O Augustus bufou, se equilibrou na perna e girou o quadril, jogando a

desmaiar. Eu era tipo uma donzela vitoriana, no quesito "desmaios à toa".

- Tudo bem falei. Só estou prestando atenção em você. Atletas que praticam corridas de obstáculos?
- Pois é. Não sei por quê. Comecei a pensar neles correndo naquelas pistas de atletismo, saltando aqueles objetos totalmente arbitrários colocados no meio do caminho. E aí me perguntei se esses corredores já teriam pensado em algo como: Essa corrida seria mais rápida se nós simplesmente nos livrássemos dos obstáculos.
 - E isso foi antes do diagnóstico? perguntei.
- É, bem, tem isso também. Ele deu um sorrisinho. Por coincidência, o dia dos lances livres carregados de existencialismo foi meu último como bípede. Só tive um fim de semana entre o agendamento da amputação e o "dia D". Meu vislumbre particular do momento pelo qual o Isaac está passando agora.

Balancei a cabeça, concordando. Eu gostava do Augustus Waters. Gostava muito mesmo dele. Gostava de como a história dele terminava falando de outra pessoa. Gostava da voz dele. Gostava do fato de ele ter feito lances livres carregados de existencialismo. Gostava de ele ser professor titular no Departamento de Sorrisos Ligeiramente Tortos com duas cátedras no Departamento da Voz Que Me Deixa à Flor da Pele. E gostava de ele ter um apelido. Sempre gostei de pessoas com apelidos porque você pode escolher como chamá-las: Gus ou Augustus? Eu era sempre só Hazel, uma Hazel univalente.

- Você tem irmãos? perguntei.
- Hein? ele murmurou, parecendo um pouco distraído.
- Aquilo que você disse sobre ver crianças brincando.
- Ah, não. Eu tenho sobrinhos, das minhas meias-irmãs. Mas elas são mais velhas. Elas têm... PAI, QUANTOS ANOS A MARTHA E A JULIE TÊM?
 - Vinte e oito!
- Elas têm vinte e oito anos. Moram em Chicago. As duas são casadas com advogados muito importantes. Ou banqueiros. Não lembro direito. E você, tem irmãos? Fiz que não com a cabeça.

religioso, e você se convence de que esse mundo despedaçado só vai se tornar inteiro de novo a menos que, e até que, todos os seres humanos o leiam. E aí tem livros como Uma aflição imperial, do qual você não consegue falar — livros tão especiais e raros e seus que fazer propaganda da sua adoração por eles parece traição.

Não era nem pelo fato de o livro ser bom nem nada; era só porque o autor, Peter Van Houten, parecia me entender dos modos mais estranhos e improváveis. Uma aflição imperial era o meu livro, do mesmo jeito que meu corpo era meu corpo e meus pensamentos eram meus pensamentos.

Mesmo assim, falei dele para o Augustus.

- Meu livro favorito é, provavelmente, Uma aflição imperial eu disse.
 - Tem zumbis? ele perguntou.
 - Não respondi.
 - Stormtroopers?

Balancei a cabeça negativamente.

— Não é esse tipo de livro.

Ele sorriu.

- Vou ler esse livro horrível com um título sem graça que não contém stormtroopers ele prometeu, e imediatamente senti que não deveria ter lhe contado. O Augustus se virou para uma pilha de livros na parte de baixo da mesa de cabeceira. Pegou um deles e uma caneta. Enquanto escrevia algo na primeira página, falou: Tudo o que peço em troca é que você leia esta adaptação brilhante e memorável do meu videogame favorito. Ele me estendeu o exemplar, cujo título era O preço do alvorecer. Ri e peguei-o. Nossos dedos meio que se embaralharam no processo e no fim ele acabou segurando minha mão. Fria ele disse, o dedo apertando meu pulso pálido.
 - Mais desoxigenada que fria falei.
- Adoro quando você usa termos médicos comigo ele disse, se levantando e me puxando junto. E não soltou minha mão até chegarmos à escada.

tentando imaginar como seria a aparência da perna falsa. Não queria dar muita bola para aquilo, mas dava um pouco. E ele devia sentir a mesma coisa em relação ao meu oxigênio. A doença gera repulsa. Aprendi isso há muito tempo, e achava que o Augustus também tinha aprendido.

Quando encostei o carro em frente à minha casa, o Augustus desligou o rádio. O clima ficou tenso. Ele devia estar pensando em me beijar, e eu com certeza estava considerando essa possibilidade. Fiquei me perguntando se era o que eu queria. Já tinha beijado alguns garotos, mas fazia algum tempo. Na era pré-milagre.

Coloquei a marcha do carro em ponto morto e olhei para ele. Como era belo. Sei que este não é o adjetivo mais usado para elogiar a beleza de um garoto, mas ele era.

- Hazel Grace. Meu nome soando inédito e muito mais bonito na voz dele. Foi um prazer inenarrável conhecê-la.
 - Igualmente, Sr. Waters falei.

E fiquei envergonhada ao olhar para ele. Não era páreo para a intensidade daqueles olhos azul-piscina.

— Podemos nos ver de novo? — perguntou, e havia um nervosismo fofo na voz dele.

Sorri.

- Claro.
- Amanhã?
- Paciência, Gafanhoto aconselhei. Assim vai parecer que você está ansioso demais.
- Exatamente. Foi por isso que falei "amanhã". Quero ver você de novo hoje à noite. Mas estou disposto a esperar *a noite toda e boa parte do dia de amanhã*.

Revirei os olhos.

- Estou falando sério ele disse.
- Você nem me conhece direito. Peguei o livro de dentro do console. Que tal se eu ligar para você assim que acabar de ler isto?
 - Mas você não sabe qual é o número do meu telefone ele disse.
 - Tenho motivos para acreditar que você anotou o número no livro.

CAPÍTULO TRÊS

iquei acordada até bem tarde lendo O preço do alvorecer. (Para acabar com o suspense: o preço do alvorecer é o sangue.) Não era nenhum Uma aflição imperial, mas o protagonista, o Sargento Max Mayhem, era ligeiramente simpático, apesar de ter matado, pelas minhas contas, nada menos que cento e dezoito indivíduos em duzentas e oitenta quatro páginas.

Por isso acordei tarde na manhã seguinte, uma quinta-feira. Minha mãe seguia a seguinte política: nunca me acordar, pois um dos prérequisitos do Doente Profissional é dormir muito. O que me deixou meio confusa, num primeiro momento, quando fui despertada pelas mãos dela em meus ombros.

- São quase dez horas da manhã ela disse.
- O sono combate o câncer. Fiquei acordada até tarde lendo.
- Deve ser um livro e tanto ela disse ao se ajoelhar ao lado da cama e me desconectar do enorme concentrador de oxigênio retangular, que eu chamava de Felipe, porque simplesmente tinha cara de Felipe. Mamãe me conectou a um cilindro portátil e me lembrou que eu tinha aula. Foi aquele menino que deu isso para você? ela perguntou.
 - Com isso você quer dizer herpes?
- Você é impossível mamãe comentou. O livro, Hazel. Estou falando do livro.
 - Sim, ele me deu o livro.
- Está na cara que você gosta dele ela falou, as sobrancelhas arqueadas, como se uma observação dessas dependesse exclusivamente de um instinto maternal.

Dei de ombros.

— Eu disse que o Grupo de Apoio acabaria valendo a pena —

Era uma ideia.

— Pode ser — respondi. — Vou mandar uma mensagem de texto para a Kaitlyn e ver se ela quer ir ao shopping ou fazer alguma coisa depois da aula.

Mamãe sorriu, abraçada ao urso.

- Ir ao shopping ainda é considerado um programa legal? ela perguntou.
- Eu me orgulho muito de não saber o que é ou não é um programa legal respondi.

* * *

Mandei um torpedo para a Kaitlyn, tomei banho, vesti uma roupa e mamãe me deu uma carona até a escola. A matéria do dia era Literatura Norte-americana, uma aula sobre Frederick Douglass dada numa sala tipo anfiteatro praticamente vazia. Foi muito difícil manter os olhos abertos. Quarenta minutos depois de iniciada a aula de noventa minutos, a Kaitlyn respondeu.

Legal. Feliz Meio Aniversário. Castleton às 3h32?

A Kaitlyn possuía uma vida social concorrida, organizada visando o melhor aproveitamento do tempo dela. Respondi:

Boa ideia. Te vejo na praça de alimentação.

Mamãe me levou de carro direto da escola para a livraria ao lado do *shopping,* onde comprei tanto o Alvoradas à meia-noite quanto o Réquiem para Mayhem, os volumes seguintes da série "O preço do alvorecer". Depois fui andando até a ampla praça de alimentação e comprei uma Coca Zero. Eram 3h21.

Enquanto lia, dei uma espiada nas crianças que brincavam num navio pirata na área de recreação do shopping. Duas atravessavam um túnel

- Na mesma, acho.
- Falanxifor! ela disse, entusiasmada, sorrindo. Então você pode acabar vivendo para sempre?
 - Talvez não para sempre ponderei.
 - Mas, praticamente ela falou. Nenhuma outra novidade?

Pensei em contar para ela que estava saindo com um garoto também, ou pelo menos que tinha assistido a um filme com ele, só porque sabia que o fato de alguém como eu, tão descuidada da aparência, dos bons modos e baixinha, poder, mesmo que por um breve momento, despertar o interesse de um garoto causaria surpresa e espanto na Kaitlyn. Mas não tinha muito do que me gabar, na verdade, então só dei de ombros.

- Céus, o que é isso? ela perguntou, apontando para o livro.
- Ah, é ficção científica. Estou meio que curtindo sci-fi agora. É uma série.
 - Estou chocada. Vamos fazer compras?

* * *

Fomos à sapataria. Enquanto escolhíamos os modelos, a Kaitlyn ia me mostrando sapatilhas abertas na frente e dizendo: "Essas ficariam lindas em você", o que me fez lembrar do fato de que ela nunca usava sandálias porque odiava os próprios pés. Achava que os dedos ao lado dos dedões eram compridos demais, como se fossem uma janela para a alma, ou coisa assim. Então, quando apontei para um par de sandálias que combinavam com seu tom de pele, a Kaitlyn reagiu com:

- É, mas... O mas querendo dizer mas eles vão deixar meus dedos medonhos à mostra.
- Kaitlyn, você é a única pessoa que eu conheço que tem dismorfofobia do dedo do pé falei, e ela perguntou:
 - O que é isso?
- Sabe quando você olha no espelho e o que vê não é exatamente o que é de verdade?
 - Ah. Ah ela disse. O que acha desses aqui? Segurou um

verdade. Mas, depois de três anos afastada da convivência em tempo integral com meus colegas de turma, era como se uma distância intransponível tivesse se estabelecido entre nós. Acho que meus amigos da escola queriam me ajudar a superar essa fase do câncer, mas acabaram percebendo que não era possível. Pelo simples fato de não ser uma fase.

Então me safei usando a velha desculpa da dor e do cansaço, como fiz várias vezes nos últimos anos quando saía com a Kaitlyn ou com algum dos outros. Na verdade, sempre doía. Sempre doía não respirar como uma pessoa normal, tendo a toda hora de lembrar a seus pulmões que eles devem agir como pulmões, fazendo força para aceitar como insolúvel a dor lancinante que vem lá de dentro por causa da falta de oxigenação. Eu não estava mentindo de todo. Estava só escolhendo uma das verdades.

Achei um banco entre uma loja de suvenires irlandeses, chamada Fountain Pen Emporium, e uma loja de bonés de beisebol — um canto do shopping que nem mesmo a Kaitlyn frequentaria, e comecei a ler o Alvoradas à meia-noite.

O livro tinha uma taxa de condenação-a-cadáver de quase 1:1, e eu o devorei sem tirar os olhos da página uma vez sequer. Gostava do Sargento Max Mayhem, mesmo a conduta dele não sendo muito "técnica", mas o que eu gostava, principalmente, era das suas aventuras, que não paravam de acontecer. Sempre havia mais caras do mal para matar e mais caras do bem para salvar. Novas guerras começavam antes mesmo de as antigas serem ganhas. Eu não lia uma série de verdade assim desde pequena, e estava animada por viver de novo numa ficção infinita.

A vinte páginas do fim do Alvoradas à meia-noite as coisas começaram a ficar um tanto ruins para o lado do Mayhem, quando ele foi atingido dezessete vezes na tentativa de resgatar uma refém (loira, norte-americana) que estava nas mãos do inimigo. Mas, no papel de leitora, não me desesperei. O esforço de guerra continuaria sem ele. Poderiam ser — e seriam — feitas continuações da história estrelando seus companheiros de grupo: o recruta Manny Loco, o soldado Jasper Jacks e os outros.

Eu estava para terminar o livro quando uma menininha de tranças surgiu na minha frente e perguntou:

vida se sentia constrangido e desconfortável comigo, exceto talvez crianças como a Jackie, que simplesmente não sabem nada da vida como ela é.

De qualquer forma, eu gostava mesmo de ficar sozinha. Gostei de ficar sozinha com o pobre Sargento Max Mayhem, que — ai, peraí, ele não vai sobreviver a dezessete ferimentos a bala, vai?

(Para acabar com o suspense: ele sobrevive.)

holandês que a Anna chama de o Homem das Tulipas Holandês. O Homem das Tulipas Holandês tem muito dinheiro e ideias bastante excêntricas a respeito de como tratar o câncer, mas a Anna acha que esse cara pode ser um vigarista e que talvez não seja nem mesmo holandês, e aí, no momento em que o provável holandês e a mãe dela estão prestes a se casar, e Anna está à beira de iniciar um novo tratamento doido envolvendo grama de trigo e pequenas doses de arsênico, o livro termina bem no meio de uma.

Sei que essa é uma decisão bastante literária, e tal, e muito provavelmente parte do motivo pelo qual eu amo tanto esse livro, mas há um certo atrativo nas histórias que terminam. E se não dá para terem um fim, então pelo menos deveriam continuar indefinidamente, como as aventuras do pelotão do Sargento Max Mayhem.

Entendi que a história acabou porque a Anna morreu ou ficou tão mal que não conseguiu mais escrever, e que essa coisa de interromper a frase no meio pretendia refletir o modo como a vida acaba de verdade, e sei lá o quê, mas havia outros personagens além da Anna, e parecia injusto eu não poder saber o que aconteceu com eles. Escrevi, por intermédio do editor dele, várias cartas para o Peter Van Houten, cada uma pedindo respostas para perguntas relativas ao que acontece após o término do livro: se o Homem das Tulipas Holandês é um vigarista, se a mãe da Anna acaba se casando com ele, o que acontece com o hamster da Anna (que a mãe odeia), se os amigos da Anna concluem o ensino médio... essas coisas. Mas ele nunca respondeu a nenhuma das minhas cartas.

UAI foi o único livro escrito por Peter Van Houten, e tudo o que as pessoas pareciam saber a respeito do autor era que depois do lançamento do livro ele se mudou dos Estados Unidos para a Holanda e passou a viver recluso. Imaginei que ele estaria trabalhando numa continuação da história, ambientada na Holanda — talvez a mãe da Anna e o Homem das Tulipas Holandês tivessem se mudado para lá e estivessem tentando começar uma vida nova. Mas já fazia dez anos que Uma aflição imperial tinha sido lançado, e depois disso o Van Houten não publicou nenhum post num blog sequer. Eu não poderia esperar para sempre.

- Com certeza, não até terminar Uma aflição imperial. Eu adorava fazer jogo duro.
 - Então é melhor eu desligar e começar a ler.
 - Melhor mesmo falei, e o telefonema acabou ali.

Paquerar era uma coisa nova para mim, mas eu estava gostando.

* * *

Na manhã seguinte eu tinha aula de Poesia Norte-americana do Século XX no MCC. Uma professora bem mais velha conseguiu falar noventa minutos da Sylvia Plath sem citar uma palavra da Sylvia Plath.

Quando saí da aula, mamãe estava parada no meio-fio na frente do prédio.

- Você ficou esperando aqui o tempo todo? perguntei quando ela se apressou em me ajudar a puxar o carrinho e o cilindro para dentro do carro.
- Não. Peguei algumas roupas na lavanderia e fui à agência dos correios.
 - E depois?
 - Trouxe um livro para ler ela disse.
- E sou eu quem precisa viver a minha vida. Sorri, e ela tentou sorrir também, mas havia algo estranho em seu sorriso. Depois de alguns segundos, falei: Que tal um cineminha?
 - Boa ideia. Tem alguma coisa que você queira ver?
- Vamos fazer o de sempre: ir até lá e assistir ao filme que estiver para começar.

Ela fechou a porta do carro para mim e andou até o lado do motorista. Fomos ao cinema Castleton e assistimos a um filme 3-D sobre roedores falantes. No fim das contas, o filme até que era engraçado.

* * *

Quando saímos do cinema, vi que tinha recebido quatro torpedos do

Se desse para ir em linha reta, eu levaria só uns cinco minutos da minha casa até a do Augustus de carro, mas não dá porque o Holliday Park está entre nós.

Mesmo sendo uma inconveniência geográfica, eu gostava muito do Holliday Park. Quando era pequena, costumava brincar no rio White com o papai, e sempre havia um momento fantástico em que ele me lançava no alto, me jogando para longe, eu esticava os braços durante o voo e papai, os dele, e então ambos víamos que nossos braços não iriam se tocar e que ninguém iria me pegar, o que nos assustava da melhor maneira possível, e aí eu, as pernas agitadas no ar, mergulhava na água e depois subia para respirar, ilesa, a corrente me levando de volta para ele enquanto eu dizia de novo, papai, de novo.

Estacionei na entrada de carros ao lado de um Toyota preto meio antigo modelo sedã. Imaginei que fosse o carro do Isaac. Levando o cilindro no carrinho atrás de mim, andei até a porta de entrada. Bati. O pai do Gus atendeu.

- Só Hazel exclamou. Que bom ver você.
- O Augustus disse que eu poderia vir aqui.
- É. Ele e o Isaac estão no porão. Naquele momento ouvi um choro vindo lá de baixo.
- E esse é o Isaac disse o pai do Gus, balançando a cabeça devagar. Cindy precisou sair para dar uma volta de carro. O barulho... ele falou, divagando. Bem, de qualquer maneira, acho que você está sendo requisitada lá embaixo. Posso carregar seu cilindro? ele perguntou.
 - Não precisa, estou bem. Obrigada mesmo assim, Sr. Waters.
 - Mark ele disse.

Eu estava meio com medo de descer. Ouvir gente chorando convulsivamente não é um dos meus passatempos favoritos. Mas fui mesmo assim.

— Hazel Grace — disse o Augustus ao ouvir o ruído dos meus passos.

mais um casal, mas ele não quer falar sobre isso. Só quer chorar e jogar *Counterinsurgence 2: O preço do alvorecer.*

- É justo falei.
- Isaac, estou começando a ficar preocupado com a nossa localização. Caso concorde com isso, vá até aquela usina termoelétrica, e eu cubro você.

O Isaac correu para uma construção indistinta enquanto o Augustus atirava enlouquecidamente com uma metralhadora, numa série de rajadas rápidas, e corria atrás dele.

- De qualquer forma o Augustus se dirigiu a mim —, não vai fazer nenhum mal falar com ele. Se tiver alguma palavra sábia, algum conselho feminino.
- Para falar a verdade, acho que a reação dele é, provavelmente, a mais apropriada comentei, enquanto uma rajada da metralhadora do Isaac matou um inimigo que havia colocado a cabeça para fora da carcaça incendiada de um caminhão.

O Augustus fez que sim com a cabeça, ainda olhando para a tela.

— A dor precisa ser sentida — ele disse, e esta era uma frase do Uma aflição imperial. — Você tem certeza de que não há ninguém atrás de nós? — ele perguntou ao Isaac. Momentos depois, balas traçantes começaram a zumbir acima da cabeça deles. — Ai, que droga, Isaac — o Augustus disse. — Não quero criticar você num momento tão sensível como esse, mas deixou que fôssemos flanqueados, e agora não há nada entre os terroristas e a escola.

O personagem do Isaac partiu correndo na direção do fogo cruzado, ziguezagueando por uma passagem estreita.

- Vocês poderiam atravessar a ponte e dar a volta por trás palpitei, uma tática que conhecia graças à minha leitura de O preço do alvorecer.
 - O Augustus suspirou.
- Infelizmente, a ponte já está sob o controle dos rebeldes devido à estratégia questionável do meu parceiro desconsolado aqui.
- Eu? o Isaac disse, ofegante. Eu?! Foi você quem sugeriu que nos metêssemos no raio da usina termoelétrica.

tela. Ele enfiou a mão no bolso, pegou um cigarro e colocou-o entre os dentes.

- Salvamos as crianças ele disse.
- Por enquanto observei.
- Todo salvamento é temporário o Augustus retrucou. Eu proporcionei a elas mais um minuto. Talvez esse seja o minuto que vai proporcionar a elas mais uma hora, que é a hora que vai proporcionar a elas mais um ano. Ninguém vai dar a elas uma quantidade infinita de tempo, Hazel Grace, mas a minha vida deu a elas mais um minuto. E isso não é pouco.
 - Opa, *peraí* eu disse. Estamos falando de pixels aqui.

Ele deu de ombros, como se acreditasse que o jogo pudesse ser realmente de verdade. O Isaac estava chorando de novo. O Augustus se virou para ele:

- Vamos tentar completar a missão mais uma vez, cabo?
- O Isaac fez que não. Ele se inclinou pela frente do Augustus para olhar para mim e disse, as cordas vocais exigidas ao extremo:
 - Ela não quis deixar para depois.
 - Ela não quis terminar o namoro com um cara cego falei.

Ele concordou, as lágrimas caindo na cadência de um metrônomo silencioso: constante, interminável.

— Ela disse que não conseguiria lidar com isso — o Isaac falou. — Estou prestes a perder a visão e ela não consegue lidar com isso.

Eu fiquei pensando no verbo lidar, e em todas as coisas não lidáveis com que se tem de lidar.

— Sinto muito — falei.

Ele enxugou o rosto todo molhado na manga da camisa. Por trás dos óculos, os olhos do Isaac pareciam tão grandes que tudo mais no rosto dele meio que desaparecia, e ficavam só aqueles dois olhos flutuantes e incorpóreos olhando para mim: um de verdade, um de vidro.

- Isso é inaceitável ele me disse. Isso é totalmente inaceitável.
- Bem, para ser honesta falei —, quer dizer, ela não deve mesmo conseguir lidar com isso. Você também não, mas ela não precisa. E você,

e aí ele pegou um dos travesseiros e começou a bater com ele na parede entre a cama e a prateleira de troféus. O Augustus olhou para mim, o cigarro ainda na boca, e deu aquele sorrisinho típico dele.

- Eu não consigo parar de pensar naquele livro.
- Nem me fale!
- Ele nunca disse o que acontece com os outros personagens?
- Não respondi. O Isaac ainda estava batendo na parede com o travesseiro. Ele se mudou para Amsterdã, o que me fez imaginar que talvez estivesse escrevendo a continuação da história, com o Homem das Tulipas Holandês como personagem principal, mas ele não publicou nada. Ele nunca é entrevistado. E não parece estar on-line. Já escrevi várias cartas perguntando o que acontece com todo mundo, mas ele nunca responde. Então... é isso.

Parei de falar porque o Augustus não parecia mais estar prestando atenção. Em vez disso, olhava para o Isaac com os olhos semicerrados.

— Espere um instante — ele murmurou para mim, andou até onde o Isaac estava e o agarrou pelos ombros. — Cara, travesseiros não quebram. Tente alguma coisa que quebre.

O Isaac pegou um troféu de basquete da prateleira acima da cama e o segurou no alto da cabeça, como se esperasse uma permissão. — Isso — o Augustus disse.

— Isso! — O troféu se espatifou no chão, o braço de plástico do jogador de basquete separado do corpo, ainda segurando a bola. O Isaac começou a pisotear o troféu. — Isso! — disse o Augustus. — Acabe com ele! — E, se virando para mim: — Já faz algum tempo que venho procurando uma forma de dizer ao meu pai que, na verdade, eu meio que odeio basquete, e acho que encontrei.

Os troféus vieram todos abaixo, um a um, e o Isaac pulava neles e gritava enquanto o Augustus e eu mantínhamos uma certa distância, as testemunhas daquela insanidade. Corpos mutilados de jogadores de basquete de plástico lotaram o chão acarpetado: num canto, uma bola sendo espalmada por uma mão sem corpo; no outro, duas pernas sem tronco no meio de um salto. O Isaac continuou atacando os troféus,

CAPÍTULO CINCO

epois disso, fiquei sem falar com o Augustus mais ou menos uma semana. Liguei para ele na Noite dos Troféus Destroçados e, como manda a tradição, agora era a vez dele de me ligar. Mas não ligou. Não que eu estivesse com o celular na mão suada o dia inteiro, olhando para o aparelho, usando meu Vestido Amarelo Especial, esperando pacientemente que meu cavalheiro fizesse jus à sua alcunha. Segui a vida normalmente: encontrei com a Kaitlyn e com seu (bonitinho mas francamente nada augustiniano) namorado para tomar um café numa tarde dessas; tomei a dose diária recomendada de Falanxifor; assisti às aulas em três manhãs no MCC, e todas as noites sentei à mesa para jantar com minha mãe e meu pai.

Domingo à noite, comemos pizza com pimentão verde e brócolis. Estávamos sentados em volta da nossa pequena mesa redonda na cozinha quando meu celular começou a tocar, mas eu não podia nem colocar a mão nele pois nós seguimos uma regra rígida de nada-de-telefone-na-hora-do-jantar.

Então comi um pouco enquanto mamãe e papai conversavam sobre um terremoto que tinha acabado de acontecer em Papua-Nova Guiné. Eles se conheceram no Corpo da Paz em Papua-Nova Guiné, por isso, sempre que alguma coisa acontecia por lá, mesmo sendo algo terrível, era como se, de repente, eles não fossem mais duas criaturas gordas e sedentárias, mas sim os jovens, idealistas, independentes e radicais que foram um dia. O êxtase deles era tão grande que nem sequer olharam para mim enquanto eu comia mais rápido que nunca, passando a comida do prato para a boca com uma velocidade e uma ferocidade que me fizeram até ficar um pouco sem fôlego, o que obviamente me deixou com medo de meus pulmões estarem de novo nadando numa piscina cheia de líquido. Tentei ao máximo afastar esse pensamento. Eu tinha uma tomografia

- É concordei.
- Tortura. Eu entendi totalmente, tipo, entendi que ela morre ou sei lá o quê.
 - Isso mesmo, foi o que eu deduzi falei.
- E, tudo bem, é justo, mas existe um contrato silencioso entre autor e leitor, e acho que o fato de ele não terminar a história do livro meio que viola esse contrato.
- Não sei ponderei, me colocando na defensiva por Peter Van Houten. De certa forma, esse é um dos motivos pelos quais eu gosto do livro. Ele registra a morte com fidelidade. Você morre no meio da vida, no meio de uma frase. Mas eu quero, ai, como eu quero saber o que acontece com os outros. Foi isso o que perguntei a ele nas minhas cartas. Mas, sabe como é, ele nunca respondeu...
 - Tá. Você disse que ele vive recluso?
 - Exatamente.
 - Que é impossível de ser localizado?
 - Exatamente.
 - Totalmente inalcançável o Augustus disse.
 - Infelizmente, sim falei.
- "Prezado Sr. Waters" ele continuou. "Escrevo para agradecer sua correspondência eletrônica, recebida por intermédio da Srta. Vliegenthart neste dia seis de abril, enviada dos Estados Unidos da América, conquanto se possa dizer que a geografia ainda exista na nossa contemporaneidade triunfantemente digitalizada."
 - Augustus, que diabos é isso?
- Ele tem uma assistente o Augustus disse. Lidewij Vliegenthart. Achei o contato dela. Mandei um e-mail para ela. Ela repassou a mensagem para ele. Ele respondeu usando a conta dela.
 - Tá, tá. Continue lendo.
- "Minha resposta está sendo escrita com tinta e papel na tradição gloriosa de nossos ancestrais e, em seguida, transcrita pela Srta. Vliegenthart numa série de 1s e 0s que viajam através da rede enfadonha que vem iludindo nossa espécie nos últimos tempos, por isso peço perdão

— Claro — o Augustus respondeu, como se não fosse o melhor presente do mundo.

* * *

Passei as duas horas que se seguiram escrevendo um e-mail para o Peter Van Houten. Parecia piorar a cada vez que eu reescrevia, mas eu não conseguia parar.

Prezado Sr. Peter Van Houten (a/c Lidewij Vliegenthart),

Meu nome é Hazel Grace Lancaster. Meu amigo, Augustus Waters, que leu Uma aflição imperial seguindo minha recomendação, acabou de receber um e-mail do senhor desse endereço. Espero que não se importe pelo fato de o Augustus ter compartilhado o e-mail comigo.

Sr. Van Houten, eu entendo, pelo conteúdo da sua mensagem para o Augustus, que o senhor não planeja publicar outros livros. De certa forma, estou desapontada, mas também aliviada: não vou precisar mais temer que seu próximo livro não fique à altura da magnífica perfeição do primeiro. Como sobrevivente, há três anos, de um câncer em estágio IV, posso dizer que o senhor acertou todas as medidas no Uma aflição imperial. Ou pelo menos o senhor acertou todas as minhas medidas. Seu livro tem um jeito de me dizer o que estou sentindo antes mesmo de eu sentir, e já o li várias vezes.

No entanto, gostaria de saber se o senhor se importaria em responder a algumas perguntas sobre o que acontece após o término do livro. Entendo que acaba porque a Anna morre ou fica tão doente que não consegue mais escrever, só que eu gostaria muito mesmo de saber o que acontece com a mãe da Anna — se ela se casa com o Homem das Tulipas Holandês, se chega a ter outro filho, se continua no endereço 917 W. Temple etc. Além disso, o Homem das Tulipas Holandês é um vigarista ou ele as ama de verdade? O que acontece com os amigos da Anna — em

sensação de que éramos crianças brincando de ser adultos. Mas, obviamente, isso foi há muito tempo.

- Há muitos anos respondi, por fim. E você?
- Eu dei alguns beijos bem dados na minha ex-namorada, Caroline Mathers.
 - Há muitos anos?
 - O último foi há menos de um ano.
 - O que aconteceu?
 - Durante o beijo?
 - Não, com você e a Caroline.
- Ah ele disse. E então, depois de alguns segundos: A Caroline não sofre mais de "pessoalidade".
 - Ah falei.
 - É ele disse.
 - Sinto muito completei.

Eu conheci várias pessoas que morreram, lógico. Mas nunca namorei uma. Não conseguia nem imaginar isso, sério.

- Não é culpa sua, Hazel Grace. Somos todos apenas efeitos colaterais, certo?
 - Cracas no navio cargueiro da consciência falei, citando o UAI.
 - O.k. ele disse. Preciso ir dormir. Já é quase uma hora.
 - O.k. falei.
 - O.k. ele disse.

Eu ri e repeti:

— O.k.

Aí a linha ficou silenciosa, mas não completamente muda. Era quase como se ele estivesse ali no meu quarto comigo, mas de um jeito ainda melhor — como se eu não estivesse no meu quarto e ele, não no dele, mas, em vez disso, estivéssemos juntos numa invisível e tênue terceira dimensão até onde só podíamos ir pelo telefone.

- O.k. ele disse, depois do que pareceu ser uma eternidade. Talvez o.k. venha a ser o nosso sempre.
 - O.k. falei.

- Ah ele disse. Pois é. As pessoas ficam me dizendo que os outros sentidos vão ficar mais aguçados para compensar, mas ISSO OBVIAMENTE AINDA NÃO ACONTECEU. Oi, Hazel do Grupo de Apoio. Chegue mais perto para que eu possa examinar seu rosto com as mãos e enxergar sua alma com mais profundidade do que qualquer outro ser que tenha o dom da visão.
 - Ele está brincando disse a enfermeira.
 - É falei. Deu para perceber.

Dei alguns passos na direção do leito. Puxei uma cadeira e me sentei, pegando na mão dele.

- E aí? falei.
- E aí? ele disse.

E aí ficamos em silêncio um tempo.

- Como você está se sentindo? perguntei.
- Bem ele disse. Não sei.
- O que você não sabe?

Olhei para a mão dele porque não queria encarar o rosto vendado pelas ataduras. O Isaac roía as unhas, e pude ver que havia sangue nos cantos de alguns dedos.

— Ela nem me visitou — ele comentou. — Tipo, nós ficamos juntos um ano e dois meses. Um ano e dois meses é muito tempo. Cara, isso dói.

O Isaac soltou minha mão para tatear à procura da bombinha que você pressiona para receber uma dose de analgésicos.

A enfermeira, ao terminar de trocar a atadura, deu um passo atrás.

— Só faz um dia, Isaac — ela disse, o tom de voz meio condescendente. — Você precisa de um tempo para se recuperar. E um ano e dois meses não é tanto tempo assim, não num contexto maior. Você está só começando a vida, rapaz. Você vai ver.

A enfermeira foi embora.

— Ela já saiu?

Eu fiz que sim com a cabeça, mas me dei conta de que ele não pôde ver meu gesto.

— Saiu — falei.

dizendo alguma coisa sobre o Gus?

Mas o Isaac já estava fora do ar.

Desci até a lojinha sem janelas do hospital e perguntei à voluntária idosa sentada num banco atrás da caixa registradora qual flor tinha o aroma mais marcante.

- Todas têm o mesmo cheiro. Elas recebem um jato de essência aromatizante ela respondeu.
 - Sério?
 - É. Eles borrifam isso nas flores.

Abri a porta de vidro do refrigerador de flores à esquerda dela, cheirei algumas rosas e depois me inclinei sobre alguns cravos. Mesmo cheiro. E megaforte. Os cravos eram mais baratos, então peguei uma dúzia dos amarelos. Custaram quatorze dólares. Voltei para o quarto; a mãe do Isaac estava lá, segurando a mão dele. Ela era jovem e muito bonita.

- Você é amiga do Isaac? perguntou, o que soou para mim como uma daquelas perguntas involuntariamente genéricas e irrespondíveis.
 - Humm... é... Sou do Grupo de Apoio. As flores são para ele.

Ela as apanhou e pôs no colo.

— Você conhece a Monica? — perguntou.

Fiz que não com a cabeça.

- Bem, ele está dormindo ela disse.
- É. Eu falei com ele alguns minutos atrás, quando estavam trocando as ataduras, e tal.
- Fiquei chateada por ter de deixá-lo nesse momento, mas precisei buscar o Graham na escola ela disse.
 - Correu tudo bem falei. Ela balançou a cabeça afirmativamente.
 - Eu deveria deixá-lo dormir em paz.

Ela balançou de novo a cabeça. Eu saí.

* * *

Na manhã seguinte, acordei cedo e fui logo verificar meus e-mails. lidewij.vliegenthart@gmail.com tinha finalmente respondido.

com os cotovelos apoiados na mesa, falando baixinho para que ninguém mais ouvisse o depoimento do que aconteceu com os outros personagens. Passei vários anos pensando naquilo. Ele disse que não poderia me contar exceto pessoalmente, e aí me convidou para ir a Amsterdã. Expliquei tudo para minha mãe e concluí com:

- Preciso ir.
- Hazel, eu te amo, e você sabe que eu realizaria todos os seus desejos, mas nós não temos... não temos dinheiro para uma viagem internacional, e a despesa que teríamos com o aluguel de equipamentos por lá... meu amor, isso não é...
- É falei, interrompendo a frase dela. Percebi o quão absurdo tinha sido eu sequer considerar aquela possibilidade. Não se preocupe.
 Mas ela parecia preocupada. É tão importante assim para você? mamãe perguntou e se sentou, a mão na minha batata da perna.
- Seria simplesmente fantástico se eu fosse a única pessoa, além dele, a saber o que acontece admiti. Seria fantástico mesmo ela comentou. Vou falar com seu pai.
- Não. Não fale eu disse. Sério, por favor, não gaste dinheiro com isso. Vou pensar em alguma coisa.

Passou pela minha cabeça o fato de eu ser o motivo pelo qual meus pais estavam sempre sem dinheiro. Eu havia esgotado as economias da família com as doses de Falanxifor, e mamãe não podia trabalhar porque tinha assumido o cargo de Pairar Sobre Mim em expediente integral. Eu não queria deixar os dois mais endividados ainda.

Disse à mamãe que eu queria ligar para o Augustus só para que ela saísse do quarto, porque eu não conseguia suportar aquela cara triste do tipo não-consigo-realizar-os-sonhos-da-minha-filha.

- Ai, meu Deus! o Augustus disse. Não acredito que eu esteja a fim de uma garota com desejos tão clichês.
- Eu tinha treze anos repeti, embora, é claro, só conseguisse pensar no a fim, a fim, a fim, a fim, a fim. Eu estava lisonjeada mas mudei imediatamente de assunto. Você não deveria estar na escola ou coisa assim?

na sua casa.

- Ah. Humm. Bem, nós estamos a caminho, acho.
- Beleza. Vejo você daqui a pouco.

* * *

Vimos o Augustus Waters sentado na escada quando embicamos na entrada de carros. Ele segurava um buquê de tulipas cor de laranja prestes a desabrochar e estava usando uma camiseta do Indiana Pacers por baixo do casaco, uma escolha de indumentária que parecia totalmente despropositada, mas até que caía bem nele. Ele fez força para se levantar, me entregou as tulipas e perguntou:

— Vamos sair para um piquenique?

Eu fiz que sim com a cabeça, pegando as flores. Meu pai veio por trás de mim e cumprimentou o Gus com um aperto de mão.

- Essa é a camiseta do Rik Smits? perguntou.
- Essa mesma.
- Nossa, eu adorava esse cara papai disse, e os dois engrenaram imediatamente uma conversa sobre basquete da qual eu não tinha condições de (e nem queria) participar, então levei minhas tulipas para dentro de casa.
- Você quer que eu as coloque num vaso? mamãe perguntou assim que entrei, sorrindo de orelha a orelha.
 - Não, obrigada respondi.

Se colocássemos as tulipas num vaso na sala de estar, elas seriam de todos. E eu queria que fossem só minhas.

Fui para o meu quarto mas não troquei de roupa. Penteei o cabelo, escovei os dentes, coloquei brilho labial e a menor quantidade de perfume possível, o tempo todo espiando as flores. Elas eram excessivamente laranja, corriam até o risco de serem consideradas feias de tão laranja que eram. Eu não tinha um vaso nem nada parecido, então tirei a escova de dente de dentro do porta-escova de dente e o enchi até a metade com água, deixando as flores lá no banheiro.

- É, e seu pai é fã do Smits, o que ajuda muito. Você acha que eles gostaram de mim?
 - Com toda certeza. Mas, quem se importa? Eles são só pais.
- Eles são seus pais o Augustus falou, olhando de relance para mim. Além disso, eu gosto de ser gostado. Isso é loucura?
- Bem, você não precisa sair correndo para abrir a porta para mim ou me encher de elogios para que eu goste de você.

Ele pisou bruscamente no freio e eu voei para a frente com tanta violência que meu fôlego ficou esquisito, quase o perdi. Pensei na tomografia. Não se preocupe. Não adianta se preocupar. Mas me preocupei mesmo assim. Fritamos o pneu dando uma arrancada quando o sinal abriu e viramos à esquerda na erroneamente designada Avenida Bela Vista (ela dá vista para um campo de golfe, mas não é nada bela). O único lugar que vinha à minha cabeça naquela direção era o cemitério. O Augustus enfiou a mão no console, abriu um maço cheio de cigarros e tirou um.

- Você nunca joga os cigarros fora? perguntei.
- Um dos benefícios de não fumar é que os maços duram para sempre ele respondeu. Já tenho esse aqui há quase um ano. Alguns cigarros estão rachados perto do filtro, mas acho que esse maço consegue chegar até meu aniversário de dezoito anos. Ele segurou o filtro entre os dedos e o colocou na boca.
 - Então tá falou.
 - Tá. Liste as coisas que você nunca vê em Indianápolis.
 - Humm. Adultos magros falei.

Ele riu.

- Boa. Continue.
- Humm. Praias. Restaurantes que passam de pai para filho. Relevo.
- Todos excelentes exemplos de coisas que faltam por aqui. E, também, programas culturais.
- Ah, é. Nós ficamos um pouco a desejar no quesito programas culturais falei, deduzindo, enfim, aonde ele estaria me levando. Estamos indo ao museu?

- Qual é a desse laranja todo? perguntei, ainda não querendo me permitir imaginar que tudo aquilo levaria a Amsterdã.
- É a cor nacional da Holanda, obviamente. Você se lembra de Guilherme I, o Príncipe de Orange, e tal?
- Ele não caiu no teste que fiz para conseguir o diploma do ensino médio. Sorri, tentando conter minha empolgação.
 - Vai um sanduíche? ele perguntou.
 - Deixe eu adivinhar... falei.
 - Queijo holandês. E tomate. Os tomates vieram do México. Foi mal.
- Você é sempre tão decepcionante, Augustus. Não podia pelo menos ter comprado tomates cor de laranja?

Ele riu, e nós comemos os sanduíches em silêncio, vendo as crianças brincando na escultura. Eu não podia simplesmente perguntar nada a respeito daquilo, por isso só continuei sentada ali, rodeada de holandesidades, meio constrangida, meio esperançosa.

A distância, banhado pela luz solar imaculada, tão rara e preciosa em nossa cidade natal, um bando de crianças barulhentas fazia um esqueleto de playground, pulando para a frente e para trás entre os ossos protéticos.

- Tem duas coisas que eu adoro nessa escultura o Augustus disse. Ele segurava o cigarro apagado entre os dedos, dando batidinhas nele como se descartasse as cinzas. E o colocou de novo na boca. Em primeiro lugar, a distância entre os ossos é tal que, se você é criança, não consegue resistir à tentação de pular entre eles. Tipo, você simplesmente tem que pular da caixa torácica até o crânio. O que significa que, em segundo lugar, essa escultura essencialmente força as crianças a brincar nos ossos. As ressonâncias simbólicas são infinitas, Hazel Grace.
- Você gosta mesmo de símbolos falei, na esperança de conduzir a conversa de volta na direção dos muitos símbolos da Holanda presentes em nosso piquenique.
- Certo. Por falar nisso, você deve estar se perguntando por que está comendo um sanduíche de queijo ruim e bebendo suco de laranja, e por que eu estou usando a camiseta de um holandês que praticava um esporte que eu aprendi a odiar.

calculada, acrescentou: — Mas eu poupei o meu.

— Sério?

Fiquei surpresa com o fato de o Augustus ser elegível para um Desejo, afinal de contas ele ainda estava estudando e a remissão do câncer dele já durava mais de um ano. Era preciso estar muito doente para que os Gênios lhe concedessem algo.

- Ganhei o meu em troca da perna ele explicou. Um facho de luz batia no rosto do Gus, de uma forma que o fazia apertar os olhos para me olhar, o nariz enrugando de um jeito adorável. Bem, eu não vou dar meu Desejo para você nem nada. Mas também tenho interesse em conhecer o Peter Van Houten, e não faria sentido conhecer o homem sem a menina que me apresentou ao livro dele.
 - Definitivamente não faria sentido falei.
- Por isso conversei com os Gênios e eles concordaram em gênero, número e grau. Disseram que Amsterdã fica linda no início de maio. E sugeriram que viajássemos no dia três e voltássemos no dia sete.
 - Augustus, isso é sério?

Ele estendeu o braço, tocou minha bochecha e, por um instante, pensei que iria me beijar. Meu corpo todo ficou tenso, e acho que ele percebeu, porque afastou a mão.

- Augustus falei. Sério. Você não precisa fazer isso.
- Claro que preciso ele disse. Eu encontrei o meu Desejo.
- Cara, você é demais falei para ele.
- Aposto que diz isso para todos os garotos que bancam viagens internacionais para você ele retrucou.

- Mas seu pai... ela disse. Ele sentiria nossa falta. Não seria justo com ele. Seu pai não pode se ausentar do trabalho.
- Tá brincando? Você não acha que o papai iria adorar passar alguns dias vendo programas de TV que não envolvessem aspirantes a modelos, pedindo pizza todas as noites e usando toalhas de papel como prato para não precisar lavar a louça?

Mamãe riu. Até que enfim ela começou a se animar, e digitou tarefas no celular: precisaria ligar para os pais do Gus e falar com os Gênios sobre minhas necessidades médicas, e eles já reservaram o hotel?, e quais são os melhores guias turísticos sobre Amsterdã?, e nós deveríamos fazer uma pesquisa se só vamos passar três dias lá, e daí por diante. Eu estava com um pouco de dor de cabeça, então engoli duas cápsulas de Advil e resolvi tirar um cochilo.

Mas acabei ficando só deitada na cama, repassando na mente o filme completo do piquenique com o Augustus. Não conseguia parar de pensar naquele breve momento em que fiquei completamente tensa, quando ele me tocou. Por algum motivo, aquele gesto suave e íntimo me pareceu errado. Achei que talvez tivesse sido pelo jeito orquestrado como as coisas aconteceram: o Augustus foi incrível, mas tinha exagerado em tudo no piquenique, culminando nos sanduíches metaforicamente ressonantes, mas horrorosos, e no monólogo memorizado que impedia um diálogo. O clima era todo Romântico, mas não romântico.

Mas a verdade é que eu nunca quis que ele me beijasse, não do jeito que se espera que uma pessoa deseje essas coisas. Quer dizer, ele era lindo. Eu me sentia atraída por ele. Pensava nele daquele jeito, pegando emprestada uma expressão do vocabulário pré-adolescente. Mas o toque de verdade, o toque realizado... parecia que estava tudo errado.

Aí comecei a ter medo de ter que ficar com ele para ir a Amsterdã, o que não é o tipo de coisa que você quer ficar pensando, porque: (a) o fato de eu querer beijar o Gus não deveria estar nem em questão, e (b) beijar alguém para conseguir uma viagem de graça é algo perigosamente próximo da prostituição total e irrestrita, e devo confessar que, embora eu não me considerasse uma pessoa particularmente angelical, nunca pensei que meu

- Kaitlyn falei.
- Foi mal. Você acha que precisaria ficar por cima?
- Kaitlyn repeti.
- Sobre o que estávamos falando mesmo? Certo, você e o Augustus Waters. Quem sabe... você é gay?
 - Acho que não. Quer dizer, eu gosto dele.
 - Ele tem mãos feias? Às vezes, pessoas bonitas têm mãos feias.
 - Não. As mãos dele são, tipo, incríveis.
 - Humm ela disse.
 - Humm falei.

Depois de um segundo, Kaitlyn prosseguiu:

- Você se lembra do Derek? Ele terminou comigo na semana passada porque resolveu que no fundo havia algo fundamentalmente incompatível entre nós e que acabaríamos nos magoando se continuássemos com o relacionamento. Ele chamou aquilo de término preventivo do namoro. Então, pode ser que você tenha algum pressentimento de que haja algo fundamentalmente incompatível entre vocês e esteja prevenindo a prevenção.
 - Humm falei.
 - Só estou pensando alto aqui.
 - Sinto muito pelo Derek.
- Ah, eu já superei, amada. Foram necessários uma caixa de cookies de chocolate com menta e quarenta minutos para esquecer aquele garoto.

Eu ri.

- Bem, obrigada, Kaitlyn.
- Na eventualidade de você ficar com ele, quero todos os detalhes picantes.
- Mas é claro eu disse, e aí a Kaitlyn me mandou um beijo estalado e eu completei: Tchau.

E ela desligou.

Fiquei pensando no ombro que doía e, além disso, a dor de cabeça ainda não havia passado, mas talvez fosse só porque eu tinha ficado pensando numa garota que morreu de câncer no cérebro. Comecei a tentar me convencer a compartimentalizar, para me concentrar ali na mesa redonda (sem dúvida de um diâmetro muito grande para três pessoas e definitivamente grande demais para duas) com aquele brócolis empapado e um hambúrguer de feijão-preto que nem todo o ketchup do mundo conseguiria tornar suculento. Falei para mim mesma que imaginar uma metástase no cérebro ou no ombro não afetaria a realidade invisível que estava rolando dentro mim, e que, portanto, tais pensamentos eram instantes desperdiçados numa vida composta de um conjunto, por definição, finito de tais instantes. Até cheguei a repetir mentalmente que eu deveria viver o melhor da minha vida hoje.

Fiquei tentando entender durante horas e horas por que uma coisa escrita por um total desconhecido na Internet para uma outra (e falecida) desconhecida estava me incomodando tanto e me deixando com medo de que houvesse algo no meu cérebro — que de fato doía, embora eu soubesse por anos de experiência que a dor é um instrumento de diagnóstico obtuso e inespecífico.

E porque nenhum terremoto havia ocorrido em Papua-Nova Guiné naquele dia, meus pais estavam hiperconcentrados em mim, com isso, não consegui disfarçar a torrente de ansiedade.

- Está tudo bem? mamãe me perguntou enquanto eu comia.
- A-hã respondi. Dei uma mordida no hambúrguer. Engoli. Tentei dizer algo que uma pessoa normal cujo cérebro não estivesse mergulhado em pânico diria. Tem brócolis nesses hambúrgueres?
- Um pouquinho papai disse. Legal isso de você talvez ir a Amsterdã.
 - É falei.

Tentei tirar a palavra feridos da cabeça, o que, obviamente, era uma forma de pensar nela.

- Hazel mamãe disse. Onde você está com a cabeça?
- Só estou pensando falei.

— Vou para meu quarto ler um pouco, tá? Estou bem. Estou bem, de verdade; só quero ir ler um pouco.

Comecei folheando o livro que me mandaram ler na escola, mas nós morávamos numa casa de paredes extremamente finas e, por isso, pude ouvir a maior parte da conversa sussurrada que se seguiu. Meu pai dizendo: "Isso acaba comigo", e minha mãe falando: "Isso é tudo o que ela não precisa ouvir", e meu pai continuando: "Sinto muito, mas...", e minha mãe retrucando: "Você não é grato?", e ele respondendo: "Meu Deus, claro que sou grato". Fiquei tentando me concentrar na história, mas não conseguia parar de prestar atenção nos dois.

Aí liguei o computador para ouvir um pouco de música, e com o grupo preferido do Augustus, o The Hectic Glow, como trilha sonora, voltei para as páginas de homenagens a Caroline Mathers, lendo sobre como sua luta foi heroica, e como ela fazia falta, e como estava num lugar melhor, e como viveria para sempre na memória deles, e como todos os que a conheceram — todos — estavam arrasados por perdê-la.

Talvez o normal fosse eu odiar a Caroline Mathers, ou sei lá o quê, por ter sido namorada do Augustus, mas eu não a odiava. Não dava para distinguir claramente como ela era através daquelas homenagens, mas não parecia haver muito o que odiar — ela parecia ter sido, acima de tudo, uma doente profissional, como eu, o que me deixou com medo de que, quando eu morresse, eles não tivessem mais nada a dizer sobre mim exceto que lutei heroicamente, como se a única coisa que eu tivesse feito na vida fosse Ter Câncer.

De qualquer forma, depois de um tempo, comecei a ler as pequenas atualizações sobre o estado da Caroline Mathers, que na maior parte foram escritas por seus pais, na verdade, porque acho que o tumor cerebral dela era do tipo que transforma você em outra pessoa antes de fazer você deixar de ser uma pessoa.

Eram todos mais ou menos assim: Caroline continua a ter problemas de comportamento. Ela está sentindo muita raiva e frustração por não conseguir falar (nós também ficamos frustrados com isso, claro, mas temos formas mais socialmente aceitáveis de lidar com a raiva). O Gus passou a

Ai, meu Deus, pare de flertar comigo!

Eu só disse:

O.k.

Meu celular vibrou alguns instantes depois.

Eu estava brincando, Hazel Grace. Eu entendo. (Mas nós dois sabemos que o.k. é uma expressão bastante "paquerativa". Ela está CARREGADA de sensualidade.)

Fiquei bastante tentada a responder O.k. de novo, mas imaginei a cena dele no meu enterro, e aquilo me ajudou a mandar a mensagem certa.

Foi mal.

* * *

Tentei dormir com os fones ainda no ouvido, mas aí, depois de um tempo, minha mãe e meu pai entraram no quarto, e mamãe pegou o Azulzinho da prateleira e o abraçou, e papai se sentou na cadeira da minha escrivaninha e, sem chorar, disse:

- Você não é uma granada. Não para nós. Pensar na sua morte nos deixa tristes, Hazel, mas você não é uma granada. Você é incrível. Você não tem como saber, querida, porque nunca teve um bebê que cresceu e se tornou uma jovem leitora genial com um interesse incidental em programas de televisão detestáveis, mas a alegria que você nos dá é muito maior que a tristeza que sentimos com a sua doença.
 - Tá falei.
- Sério meu pai disse. Eu não mentiria para você sobre esse assunto. Se você nos desse mais trabalho do que merece, simplesmente

CAPÍTULO SETE

ritei para acordar meus pais e eles entraram no quarto como dois furacões, mas não havia nada que pudessem fazer para diminuir a intensidade da supernova que explodia na minha cabeça, uma cadeia interminável de fogos de artifício intracranianos que me fizeram pensar que minha hora tinha chegado de vez, e tentei me convencer — como já tinha feito antes — de que o corpo desliga quando a dor fica insuportável demais, que a consciência é temporária e que tudo vai passar. Mas, como sempre, não desmaiei. Fui deixada na areia com as ondas batendo em mim, sem poder me afogar.

Papai foi dirigindo enquanto falava com o hospital ao celular, eu deitada no banco de trás com a cabeça apoiada no colo da minha mãe. Não havia nada a fazer: gritar só piorava. Para falar a verdade, qualquer estímulo só piorava.

A única solução seria tentar desmanchar o mundo, torná-lo negro e silencioso e inabitado de novo, voltar ao momento anterior ao Big Bang, no começo, quando havia o Verbo, e viver naquele espaço não criado e vazio sozinha com o Verbo. As pessoas falam da coragem dos pacientes de câncer, e eu não a nego. Por vários anos fui cutucada, cortada e envenenada, e segui em frente. Mas não se enganem: naquele momento, eu teria ficado muito, muito feliz em morrer.

* * *

Acordei na UTI. Pude perceber que era a UTI porque não estava num quarto particular, e porque havia vários aparelhos bipando, e porque eu estava sozinha: eles não deixam a família ficar na UTI do Hospital Pediátrico vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana porque isso

fez com que eles saíssem, educadamente. Ela me perguntou se eu queria umas pedrinhas de gelo e eu disse que sim, e aí ela se sentou na cama comigo e me deu as pedrinhas na boca, de colher.

- Então você ficou fora do ar alguns dias a Alison disse.
- Humm... O que você perdeu?... Uma celebridade se drogou. Políticos brigaram. Uma outra celebridade usou um biquíni que revelou uma imperfeição corporal. Um time venceu um campeonato, mas outro time perdeu. Eu sorri.
- Você não pode continuar se isolando do mundo assim, Hazel. Você perde muita coisa.
- Mais? interroguei, fazendo um gesto com a cabeça na direção do copo branco de isopor que estava na mão dela.
- Eu não deveria ela respondeu —, mas sou rebelde. E me deu outra colherada do gelo triturado.

Murmurei um "obrigada". Graças a Deus pelas boas enfermeiras.

— Está ficando cansada? — ela perguntou.

Fiz que sim.

— Durma um pouco — ela completou. — Vou tentar mexer uns pauzinhos e lhe dar algumas horas antes que entre alguém para verificar seus sinais vitais e coisas do gênero.

Agradeci mais uma vez. Em hospitais, você agradece o tempo todo. Tentei me ajeitar no leito.

- Você não vai perguntar nada sobre seu namorado? ela me questionou.
 - Eu não tenho namorado falei.
- Bem, um garoto mal saiu da sala de espera desde que você chegou aqui ela disse.
 - Ele não me viu assim, viu?
 - Não. Só a família.

Assenti com a cabeça e mergulhei num sono aquoso.

Eu me levantei e me transferi para uma das cadeiras de plástico encostadas na parede, enfiando o cilindro debaixo dela. Aquilo acabou comigo.

Papai voltou com o Augustus minutos depois. O cabelo dele estava bagunçado, caindo na testa. Seu rosto se iluminou com um legítimo Sorriso Bobo à la Augustus Waters quando me viu, e também não consegui evitar um sorriso. Gus se sentou na poltrona reclinável azul de couro falso que estava perto da minha cadeira. Ele se inclinou para a frente, se aproximando de mim, aparentemente incapaz de conter o sorriso.

Mamãe e papai nos deixaram sozinhos, o que foi meio constrangedor. Eu me esforcei para olhar nos olhos dele, embora fossem tão lindos que eram quase impossíveis de encarar.

— Estava com saudade de você — o Augustus disse.

Minha voz saiu mais baixa do que eu gostaria.

- Obrigada por não tentar me ver quando eu parecia ter saído do inferno.
 - Para falar a verdade, sua aparência ainda não está lá essas coisas. Eu ri.
- Senti saudade de você também. Só não quero que você veja... tudo isso. Só quero, tipo... Não tem importância. Não é sempre que a gente pode ter o que quer.
- Sério? ele perguntou. Sempre pensei que o mundo fosse uma fábrica de realização de desejos.
- Acontece que não é esse o caso falei. Ele era tão belo... Levantou a mão para pegar a minha mas eu balancei a cabeça negativamente. — Não — falei baixinho. — Se vamos ficar juntos, tem de ser, tipo, não assim.
 - Tá ele disse.
- Bem, eu tenho boas e más notícias no campo da realização de desejos.
 - Então? falei.
 - A má notícia é que, obviamente, não vamos poder ir a Amsterdã

largada aos ultrajes do tempo." (Fugindo um pouco do assunto, mas: que meretriz é o tempo. Nos fode a todos.) É um lindo poema, porém, enganoso: com certeza, nos lembramos dos versos ardentes de Shakespeare, mas o que temos em mente sobre a pessoa que ele homenageia? Nada. Temos quase certeza de que se trata de um homem; tudo mais é suposição. Shakespeare nos revelou muito pouco sobre o homem que sepultou em seu sarcófago linguístico. (Perceba também que, quando falamos de literatura, o fazemos no tempo presente. Quando falamos dos mortos, não somos tão generosos.) Não se imortaliza a perda escrevendo sobre eles. A escrita enterra, mas não ressuscita. (Declaração total e irrestrita: não sou o primeiro a fazer esta observação. Cf. o poema de MacLeish "Nem o mármore, nem os áureos mausoléus", que contém o verso heroico: "Direi que morrerás e não se lembrarão de teu passado.")

Estou a divagar, mas eis a falha: os mortos são visíveis apenas através do terrível olho vigilante da memória. Os vivos, graças aos céus, mantêm a capacidade de surpreender e de decepcionar. Sua Hazel está viva, Waters, e o senhor não deve impor sua vontade sobre a decisão de outrem, em particular uma decisão que foi tomada após muita ponderação. Ela deseja salvaguardá-lo da dor, e o senhor deve deixar que ela assim o faça. É possível que não ache a lógica da jovem Hazel persuasiva, mas tenho atravessado esse vale de lágrimas há mais tempo que o senhor e, do meu ponto de vista, não é ela a lunática.

Atenciosamente, Peter Van Houten

Tinha sido mesmo escrita por ele. Lambi o dedo, umedeci o papel e a tinta borrou um pouco, e foi assim que soube que era verdadeiramente verdadeira.

— Mãe — disse.

Não falei muito alto, mas não precisava mesmo. Ela estava sempre à espera. Sua cabeça apareceu por trás da porta.

— Está tudo bem, querida?

CAPÍTULO OITO

ós tivemos uma grande Reunião da Equipe do Câncer alguns dias depois. De vez em quando, médicos, assistentes sociais, fisioterapeutas e várias outras pessoas se reuniam em volta de uma mesa enorme numa sala de reunião e debatiam a minha situação. (Não a situação do Augustus Waters, nem a situação de Amsterdã. A situação do câncer.)

A Dra. Maria liderava a reunião. Ela me abraçou quando cheguei lá. Ela adorava abraçar.

Eu me sentia um pouco melhor, acho. Dormir com o BiPAP a noite toda fazia meus pulmões parecerem quase normais, embora, pensando bem, eu não me lembrasse direito de como era a normalidade pulmonar.

Todos chegaram lá e fizeram uma grande demonstração de como aquela reunião seria totalmente focada em mim ao desligarem seus pagers e tudo mais, e então a Dra. Maria disse:

— Bem, a boa notícia é que o Falanxifor continua a controlar a evolução do tumor, mas obviamente ainda estamos vendo sérios problemas com a acumulação de líquido. Então, a questão é: como devemos proceder?

E aí ela simplesmente olhou para mim, como se esperasse uma resposta.

— Humm — falei. — Acho que não sou a pessoa mais qualificada nesta sala para responder a essa pergunta.

Ela sorriu.

- Certo. Eu estava esperando a resposta do Dr. Simons. Dr. Simons? Ele era outro médico de câncer de algum tipo.
- Bem, nós sabemos, pela experiência com outros pacientes, que a maioria dos tumores acaba achando um jeito de evoluir apesar do

e então o choro dele era o único ruído sendo emitido naquela sala. Eu odiava fazê-lo sofrer. A maior parte do tempo, conseguia não me lembrar disso, mas a verdade inexorável era: eles podiam estar felizes por me ter por perto, mas eu era o alfa e o ômega no sofrimento dos meus pais.

* * *

Logo antes do Milagre, quando eu estava na UTI e parecia que ia morrer, e a mamãe ficava me dizendo que estava tudo bem, que eu poderia descansar em paz — e eu bem que tentava descansar em paz, mas meus pulmões continuavam procurando pelo ar —, a mamãe soluçou algo no peito do papai que eu preferiria não ter ouvido, e esperava que ela nunca descobrisse que eu ouvi. Ela falou: "Eu vou deixar de ser mãe." Isso arrasou comigo.

Não consegui parar de pensar nesse episódio durante toda a Reunião da Equipe do Câncer. Não conseguia tirá-lo da cabeça, o som da voz dela quando disse a frase, como se nunca mais fosse ficar bem de novo, o que provavelmente aconteceria.

* * *

Enfim, acabamos resolvendo manter as coisas do jeito que estavam, a única diferença sendo as drenagens mais frequentes do líquido. Ao término da reunião, perguntei se poderia viajar para Amsterdã, e o Dr. Simons riu, literalmente, mas a Dra. Maria perguntou:

- Por que não?
- O Simons questionou, meio hesitante:
- Por que não?!
- E a Dra. Maria completou:
- É. Eu não vejo por que não. Eles têm oxigênio nos aviões, no fim das contas.
 - O Dr. Simons disse:
 - Quer dizer que eles vão despachar um BiPAP?

no compartimento de carga do avião — falei.

— É, pode ser — ele disse. — Mas, antes disso, meu gesto extremamente romântico com certeza teria levado você direto para a minha cama.

Eu ri muito, tanto que até senti dor no ponto em que o dreno torácico tinha estado.

- Você ri porque sabe que é verdade ele disse e eu ri de novo. É verdade, não é?!
- Provavelmente não falei e, depois de alguns instantes, acrescentei: Mas, nunca se sabe.

Ele gemeu, em ânsias:

- Eu vou morrer virgem falou.
- Você é virgem? perguntei, surpresa.
- Hazel Grace ele disse —, você tem uma caneta e uma folha de papel? Respondi que tinha. Então tá. Desenhe um círculo, por favor. Desenhei. Agora faça um círculo menor dentro dele. Obedeci. O círculo maior representa os virgens. O círculo menor é composto por jovens de dezessete anos com uma perna só.

Ri mais uma vez e argumentei que o fato de a maior parte das atividades sociais dele ocorrerem num hospital pediátrico também não ajudava muito no quesito promiscuidade. Aí falamos sobre o comentário extremamente genial de Peter Van Houten quanto à meretricidade do tempo e, mesmo eu estando na minha cama e o Augustus, no porão dele, realmente deu a impressão de que estávamos de volta àquela terceira dimensão invisível, lugar que gostei muito de visitar na companhia dele.

Depois que desliguei o telefone, minha mãe e meu pai entraram no meu quarto e, mesmo a minha cama não sendo grande o suficiente para nós três, eles se deitaram comigo, cada um de um lado, e todos assistimos ao ANTM na minha televisãozinha. A garota de quem eu não gostava, Selena, tinha sido eliminada do programa, o que por algum motivo me deixou bastante satisfeita. Então mamãe me conectou ao BiPAP e ajeitou as cobertas em cima de mim, papai beijou minha testa, um beijo arranhado, de barba malfeita, e, por fim, fechei os olhos. Basicamente, o

pensando que eu abriria mão de todos os dias doentes que me restavam em troca de uns poucos saudáveis. Tentei me convencer de que poderia ser pior, que o mundo não era uma fábrica de realização de desejos, que eu estava vivendo com câncer e não morrendo por causa dele, que eu não deveria deixar que ele me matasse antes da hora, e aí comecei a murmurar *idiota idiota idiota idiota idiota idiota idiota* sem parar até que o som da palavra se desassociou do seu significado. Ainda estava repetindo quando ele retornou a minha ligação.

- Oi falei.
- Hazel Grace ele disse.
- Oi falei de novo.
- Você está chorando, Hazel Grace?
- Mais ou menos.
- Por quê? ele perguntou.
- Porque eu... eu quero ir a Amsterdã, quero que ele me diga o que acontece depois que o livro acaba, e simplesmente não quero mais essa vida, e, além disso, o céu está me deixando deprimida, e tem esse velho balanço aqui que meu pai montou para mim quando eu era criança.
- Preciso ver esse velho balanço de lágrimas imediatamente ele disse. Chego aí em vinte minutos.

* * *

Continuei no quintal porque minha mãe sempre ficava muito angustiada e preocupada quando eu chorava, já que eu não chorava com frequência, e sabia que ela ia querer conversar e debater se eu não deveria considerar fazer alterações nos meus remédios, e só de pensar na possibilidade dessa conversa toda fiquei com vontade de vomitar.

Não que eu tivesse uma lembrança clara e comovente de um pai saudável empurrando uma criança saudável no balanço e a criança dizendo mais alto mais alto mais alto, ou de algum outro momento metaforicamente ressonante. O balanço só estava lá, abandonado, as duas cadeirinhas, imóveis e tristes, penduradas de uma tábua acinzentada de

- Quente comentei sobre o fundo do laptop.
- Está mesmo? Ele sorriu.

Gus acessou um site de doações chamado Grátis Sem Pegadinha e juntos redigimos um anúncio.

- Título? ele perguntou.
- Balanço Precisa de um Lar falei.
- Balanço Extremamente Solitário Necessita de um Lar Amoroso ele disse.
- Balanço Solitário e Ligeiramente Pedofílico Procura Bumbuns de Crianças falei.

Ele riu.

- É por isso.
- O quê?
- É por isso que gosto de você. Você tem ideia de como é raro encontrar uma gata que use essa versão adjetivada do substantivo pedófilo? Você está tão ocupada sendo você mesma que não faz ideia de quão absolutamente sem igual você é. Respirei fundo pelo nariz. Nunca havia ar suficiente no mundo, mas a carência dele naquele momento estava particularmente crítica.

Escrevemos juntos o anúncio, fazendo as devidas edições às nossas ideias conforme íamos digitando. Por fim, acabamos com o seguinte texto:

Balanço Extremamente Solitário Necessita de Um Lar Amoroso

Um balanço bastante usado, mas em condições estruturalmente boas, procura um novo lar. Crie lembranças com seu filho, ou filhos, para que um dia ele, ou ela, ou eles olhem para o quintal e sintam o mesmo tipo de sentimentalismo que experimentei esta tarde. Tudo é frágil e efêmero, caro leitor, mas com este balanço seu filho conhecerá os altos e baixos da vida devagar e com segurança, e também poderá aprender a lição mais crucial de todas: não importa quão forte seja o impulso, não importa o quão alto se chegue, não será possível dar uma volta completa.

Fui para a cama logo após o jantar, o BiPAP suprimindo o mundo que ficava do lado de fora do meu quarto.

E nunca mais vi o balanço.

* * *

Dormi bastante tempo, dez horas, provavelmente por causa do processo lento de recuperação, provavelmente porque o sono combate o câncer e provavelmente porque eu era uma adolescente sem hora certa para acordar. Ainda não me sentia forte o suficiente para voltar a frequentar as aulas no MCC. Quando, enfim, tive vontade de levantar, tirei a máscara do BiPAP do nariz, coloquei o cateter do oxigênio nas narinas, liguei o aparelho e tirei o laptop de debaixo da cama, onde o tinha guardado na noite anterior. Lá havia um e-mail da Lidewij Vliegenthart.

Cara Hazel,

Recebi uma mensagem dos Gênios dizendo que você virá nos visitar com Augustus Waters e sua mãe, chegando aqui no dia 4 de maio. Em apenas uma semana! Peter e eu estamos encantados e não vemos a hora de conhecê-los pessoalmente. Seu hotel, o Filosoof, fica a apenas uma rua da casa do Peter. Talvez devêssemos dar um dia para que vocês se recuperem dos efeitos do jet lag? Sendo assim, se for conveniente, nós os encontraremos na casa do Peter na manhã do dia 5 de maio, talvez às dez horas, para uma xícara de café e para que ele responda às perguntas que você quer fazer sobre o livro dele. E, depois disso, nós poderíamos talvez fazer uma visita a um museu ou à Casa de Anne Frank.

Cordialmente, Lidewij Vliegenthart Assistente-executiva do Sr. Peter Van Houten, autor de Uma aflição imperial Holandês. Dei uma espiada na minha blusa, na altura do peito.

— Vocês têm de se comportar — sussurrei para meus pulmões.

- Tudo bem. Fiquei totalmente gata depois que você perdeu a visão.
- Aposto que sim Ele comentou.

A mãe o guiou até uma cadeira, beijou a cabeça dele e se deslocou de volta até o elevador. O Isaac tateou o espaço abaixo do corpo e se sentou. Eu me acomodei numa cadeira ao seu lado.

- E então, como está tudo?
- Bem. Feliz por ter voltado para casa, acho. O Gus me disse que você passou pela UTI.
 - É respondi.
 - Que droga! ele disse.
- Estou bem melhor agora falei. Vou para Amsterdã com o Gus amanhã.
- Sei disso. Estou bastante atualizado a respeito da sua vida, porque o Gus nunca. Fala. De. Outra. Coisa.

Sorri. O Patrick pigarreou e disse:

— Se todos pudermos ocupar nossos assentos... — O olhar dele cruzou com o meu. — Hazel! — falou. — Estou tão feliz em vê-la!

Todos se sentaram e o Patrick começou a recontar a história da sua ausência de bolas, o que me levou a retomar a rotina do Grupo de Apoio: me comunicando com o Isaac por meio de suspiros, me sentindo mal por todas as pessoas naquele cômodo e também por todas as pessoas fora dele, me distraindo da conversa para me concentrar na minha falta de ar e na dor. O mundo continuou girando, como sempre, sem a minha participação integral, e eu só despertei do meu devaneio quando alguém disse meu nome.

Foi Lida, a Forte. A Lida em remissão. A loira, saudável, robusta Lida, que fazia parte do time de natação da escola. A Lida, que só não tinha o apêndice, falou meu nome, dizendo:

- A Hazel é uma baita fonte de inspiração para mim; de verdade. Ela continua lutando, acordando todos os dias e indo para a guerra sem reclamar. Ela é tão forte... Tão mais forte que eu. Queria ter sua força.
 - Hazel? indagou o Patrick.
 - Como você se sente ao ouvir isso?

continuou preta, mas, após alguns segundos, uma voz grave começou a falar de dentro do aparelho.

Deception, disse a voz. Um ou dois jogadores?

- Dois respondeu o Isaac. Pausar. E virou-se para mim. Eu jogo isso direto com o Gus, mas é muito irritante porque ele é um jogador de videogame totalmente suicida. Ele é, tipo, muito radical quando se trata de salvar civis e coisa e tal.
 - É falei, lembrando da noite dos troféus destroçados.
 - Recomeçar o Isaac falou.

Jogador um, identifique-se.

— Essa é a voz ultrassensual do jogador um — o Isaac disse.

Jogador dois, identifique-se.

- O jogađor dois sou eu, acho falei.
- O Sargento Max Mayhem e o soldado Jasper Jacks acordam em um lugar escuro e vazio, de aproximadamente um metro quadrado.
- O Isaac apontou para a TV, como se eu devesse me dirigir a ela ou coisa assim.
 - Humm falei. Tem algum interruptor para acender a luz?

Não.

- Tem alguma porta?
- O soldado Jacks localiza a porta. Está trancada.
- O Isaac se juntou a mim.
- Tem uma chave em cima do batente da porta.

Sim.

— Mayhem abre a porta.

A escuridão continua total.

- Empunhar faca o Isaac disse.
- Empunhar faca repeti.

Uma criança, que deduzi ser o irmão do Isaac, saiu correndo da cozinha. Devia ter uns dez anos, toda agitada e elétrica, e meio que cruzou a sala de estar pulando e gritando, numa imitação perfeita da voz do Isaac:

- ME MATE.
- O Sargento Mayhem coloca a faca no pescoço. Tem certeza de que

— legal.	Não	estou	dizendo	que	foi	culpa	sua.	Estou	dizendo	que	não	foi

me alimentando para me fortalecer antes de um dia inteiro de trabalho braçal. Mas mesmo assim tentei botar para dentro um pouco de ovo mexido enquanto mamãe e papai se deliciavam com a versão doméstica do Egg McMuffin que tanto amavam.

- Por que comidas de café da manhã são comidas de café da manhã?
 perguntei a eles. Tipo, por que não comemos curry no café da manhã?
 - Hazel, coma.
- Mas por quê? perguntei. Na boa, falando totalmente sério: por que é que os ovos mexidos passaram a ser exclusividade do café da manhã? Você pode colocar bacon num sanduíche sem que ninguém dê nenhum chilique. Mas no instante em que seu sanduíche ganha um ovo, vira um sanduíche de café da manhã.

Papai respondeu de boca cheia.

- Quando vocês voltarem, tomaremos café da manhã no jantar. Combinado?
- Eu não quero tomar "café da manhã" no jantar respondi, cruzando os talheres no prato praticamente cheio. Quero comer ovos mexidos no jantar sem essa concepção ridícula de que uma refeição que inclua ovos mexidos tem de ser café da manhã mesmo que seja hora do jantar.
- Você precisa escolher as causas pelas quais vai lutar nesse mundo, Hazel — minha mãe disse. — Mas se esta é a que você quer defender, ficaremos do seu lado.
 - Do lado de trás o papai acrescentou, e mamãe riu.

Eu sabia que era tolice, mas ainda assim me senti meio mal pelos ovos mexidos. Logo que eles acabaram de comer, papai lavou os pratos e nos acompanhou até o carro. Logicamente, começou a chorar, e beijou minha bochecha encostando nela a cara molhada e áspera. Ele apertou o nariz contra a maçã do meu rosto e sussurrou:

- Te amo. Estou tão orgulhoso de você... (Pelo quê, exatamente, me perguntei.)
- Obrigada, pai.

NÃO CONSIGO decidir o que usar.

Você prefere me ver de camisa polo ou de camisa de botão?

Respondi:

De botão.

Trinta segundos depois a porta se abriu e um Augustus sorridente apareceu, carregando uma mala de rodinha. Ele estava com uma camisa azul-celeste de botão bem passada, por dentro da calça jeans. Um cigarro Camel Light pendia dos lábios. Minha mãe saiu do carro para cumprimentá-lo. Ele tirou o cigarro da boca por um instante e falou com o tom de voz confiante que eu estava acostumada a ouvir.

— É sempre um prazer vê-la, madame.

Fiquei olhando para eles pelo retrovisor até a mamãe abrir a mala. Um tempo depois o Augustus abriu a porta atrás da minha e se lançou na tarefa complicada de entrar, com apenas uma perna, no assento traseiro de um carro.

- Você quer ir no banco do carona? perguntei.
- De jeito nenhum ele respondeu. E oi, Hazel Grace.
- Oi falei. Tudo o.k.? perguntei.
- Tudo o.k. ele disse.
- O.k. falei.

Mamãe entrou no carro e fechou a porta.

— Próxima parada, Amsterdã — ela anunciou.

* * *

O que não era exatamente verdade. A próxima parada foi o estacionamento do aeroporto, e aí um ônibus nos levou para o terminal, e depois um carrinho elétrico aberto nos transportou até o local da inspeção de segurança. O cara da TSA estava lá no começo da fila, aos berros, dizendo

Ela estendeu o braço para mim, me deu a mão e me puxou para que eu me levantasse.

* * *

Chegamos ao portão uma hora antes do horário marcado para o embarque.

- Sra. Lancaster, a senhora é uma pessoa impressionantemente pontual — o Augustus disse ao se sentar ao meu lado na sala de espera praticamente vazia em frente ao portão de embarque.
- Bem, ajuda o fato de eu não ser muito ocupada, tecnicamente falando ela disse.
- Você é ocupada o suficiente falei, embora me ocorresse que a ocupação da mamãe era basicamente eu.

Também tinha a função de esposa do meu pai. Ele não tinha a menor noção de coisas, tipo, tarefas bancárias, contratar bombeiros hidráulicos, cozinhar e qualquer outra atividade que não fosse trabalhar para a Morris Property, Inc. Mas a maior parte do tempo o negócio dela era comigo. A principal razão de viver dela e a minha principal razão de viver estavam terrivelmente enredadas.

Conforme os assentos da sala de espera foram sendo ocupados, o Augustus disse:

- Vou comprar um hambúrguer. Quer alguma coisa?
- Não respondi —, mas admiro sua recusa em se submeter às convenções sociais do café da manhã.

Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou para mim parecendo meio confuso.

- A Hazel está revoltada por causa da guetização dos ovos mexidos
 mamãe explicou.
- É vergonhoso o fato de nós simplesmente passarmos a vida inteira aceitando cegamente a associação dos ovos mexidos com o período da manhã.
- Quero conversar mais sobre isso o Augustus disse. Mas estou morrendo de fome. Volto já.

Éramos irreconciliavelmente diferentes, e isso nunca ficou tão óbvio como quando nós três andamos no avião vazio, a comissária de bordo nos recebendo com uma expressão compadecida e fazendo um gesto na direção da nossa fileira, que ficava bem mais no fundo. Sentei no meio da fila de três cadeiras com o Augustus no assento da janela e a mamãe no do corredor. Fiquei me sentindo meio sufocada pela presença da minha mãe, então obviamente me bandeei para o lado do Augustus. Estávamos logo atrás da asa do avião. Ele abriu o saco e desembrulhou o hambúrguer.

- Na verdade, a questão dos ovos ele disse é que a cafedamanhazação dá ao ovo mexido uma certa sacralidade. Você pode arranjar bacon ou cheddar em qualquer lugar e a qualquer momento, em tacos, sanduíches de café da manhã ou num queijo quente, mas ovos mexidos... eles são importantes.
- Ridículo eu disse. As pessoas começavam a se acomodar no avião. Não queria olhar para elas, então virei o rosto, e isso significou encarar o Augustus.
- Só estou dizendo que talvez os ovos mexidos sejam guetizados, sim, mas também são especiais. Há um lugar certo e uma hora certa para eles, como para rezar.
- Você não poderia estar mais equivocado falei. Está se deixando influenciar pelos pensamentos bordados nas almofadas dos seus pais. Você está argumentando que uma coisa frágil e rara é bela só porque é frágil e rara. Mas isso é uma grande mentira, e você sabe disso.
 - Você é uma pessoa difícil de se consolar o Augustus disse.
- O consolo superficial não é um consolo verdadeiro falei. Você já foi uma flor rara e frágil. Você se lembra disso.

Ele ficou em silêncio por um instante.

- Você sabe como calar a minha boca, Hazel Grace.
- É meu privilégio e minha responsabilidade retruquei. Antes que o contato visual entre nós fosse interrompido, ele falou:
- Por falar nisso, foi mal eu ter evitado a sala de espera para o embarque. A fila no McDonald's não estava tão grande assim, na verdade; eu só... só não quis ficar sentado lá com todas aquelas pessoas olhando

olhos, eu coloquei a minha mão em cima da dele e repeti: — Você está bem? — Ele não disse nada, só olhou para mim com olhos esbugalhados. Por fim, perguntei: — Você tem medo de avião?

— Daqui a pouco eu respondo.

O nariz da aeronave embicou para o alto e decolamos. O Gus olhou pela janela, vendo o planeta encolher abaixo de nós, e foi então que senti a mão dele relaxar sob a minha. Ele olhou para mim, depois para a janela, e anunciou:

- Estamos voando.
- Você nunca viajou de avião antes?

Ele balançou a cabeça negativamente.

- OLHE! exclamou, apontando para a janela.
- É falei. É, dá para ver. Parece que estamos num avião.
- NUNCA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE SE VIU ALGO ASSIM ele disse.

O entusiasmo do Gus era fofo. Não pude resistir e me inclinei para dar um beijo na bochecha dele.

- Só para você saber, eu estou bem aqui mamãe disse. Sentada do seu lado. Sua mãe. Que segurou sua mão quando você deu seus primeiros passos.
 - É coisa de amigo lembrei a ela, virando para beijá-la no rosto.
- Não pareceu tão de amigo assim o Gus murmurou alto o suficiente para que eu pudesse ouvir.

Quando um Gus surpreso, empolgado e inocente emergiu do Augustus Maravilhoso e Adepto de Metáforas, não consegui resistir, literalmente.

* * *

Aquele foi um voo curto para Detroit, onde o carrinho elétrico foi ao nosso encontro quando desembarcamos e nos levou até o portão para Amsterdã. O segundo avião tinha telas de TV na parte de trás de cada encosto, e logo que ultrapassamos o topo das nuvens, o Augustus e eu sincronizamos o

- Está com sono? perguntei.
- Nem um pouco.
- É falei. Eu também não.

Remédios para dormir e analgésicos não tinham em mim o mesmo efeito que em pessoas normais.

- Quer ver outro filme? ele perguntou. Eles têm um da Natalie Portman da fase Hazel dela.
 - Quero ver alguma coisa que você não tenha visto ainda.

No fim, acabamos assistindo ao 300, um filme de guerra sobre trezentos espartanos que protegem Esparta de um exército invasor com, tipo, um bilhão de persas. O filme do Augustus começou de novo antes do meu e, depois de alguns minutos ouvindo ele dizer: "Droga!" ou "Finalizado!" toda vez que alguém era brutalmente assassinado, me inclinei sobre o apoio para o braço e encostei a cabeça no ombro dele para, de fato, assistirmos ao filme juntos em apenas uma das telas.

300 apresentava uma coleção respeitável de jovens sem camisa, musculosos e com óleo no corpo, e por isso não era particularmente difícil de ver, mas o que o filme mais mostrava era um monte de espadas empunhadas sem um propósito legítimo. Os corpos de persas e espartanos iam se acumulando e eu não consegui entender direito por que os persas eram tão do mal e os espartanos, tão do bem. "A contemporaneidade", citando o UAI, "se especializa no tipo de batalha no qual ninguém perde nada de valor, exceto, como se poderia argumentar, suas vidas." E era isso o que acontecia com aqueles titãs em batalha.

Perto do fim do filme estavam quase todos mortos, e houve um momento insano em que os espartanos começam a empilhar os corpos para formar uma parede de cadáveres, que se transformou numa enorme barreira separando os persas do caminho para Esparta. Achei aquela carnificina um pouco gratuita, então desviei o olhar da tela por um segundo e perguntei ao Augustus:

- Quantas pessoas você acha que morreram? Ele fez um gesto para eu calar a boca e disse:
- Shh. Shh. É agora que as coisas vão ficar interessantes.

estava me perguntando se todo mundo poderia ser lembrado. Tipo, se nós nos organizássemos, e designássemos uma determinada quantidade de cadáveres para cada vivo, será que haveria pessoas vivas o suficiente para se lembrar de todos os mortos?

- E há?
- Claro. Qualquer um pode listar quatorze mortos. Mas nós somos uns pranteadores muito desorganizados, por isso acaba que muitas pessoas se lembram de Shakespeare e ninguém nem pensa na pessoa para quem ele escreveu o soneto cinquenta e cinco.
 - É falei.

Fiquei em silêncio por um minuto, e aí ele perguntou:

— Você quer ler ou alguma coisa assim?

Respondi que sim. Comecei a ler um poema chamado Uivo, de Allen Ginsberg, para minha aula de poesia, e o Gus pegou para reler o Uma aflição imperial.

Depois de um tempo, ele falou:

- É bom?
- O poema? perguntei.
- É.
- É. É muito bom. Os caras nesse poema tomam mais drogas que eu. Como está o UAI?
 - Ainda perfeito ele respondeu. Recite para mim.
- Esse não é bem o tipo de poesia para você ler em voz alta com a mãe dormindo ao lado. Tem, tipo, sodomia e pó de anjo falei.
- Você acabou de mencionar dois dos meus passatempos favoritos ele disse.
 - Tá, então recite alguma outra coisa para mim.
 - Humm falei. Eu não tenho mais nada.
 - Que pena. Estou seco por uma poesia. Você sabe alguma de cor?
- "Sigamos então, tu e eu" comecei, meio nervosa. "Enquanto o poente, no céu se estende / Como um paciente anestesiado sobre a mesa."
 - Mais devagar ele pediu.

CAPÍTULO ONZE

cho que ele deve ter acabado dormindo. Eu peguei no sono, e acordei com o barulho do trem de pouso sendo baixado. Estava com um gosto horrível na boca, por isso tentei mantê-la fechada com medo de intoxicar o avião inteiro. Virei para o Augustus, que olhava pela janela, e enquanto mergulhávamos através de um bloco de nuvens baixas endireitei as costas para ver a Holanda. A terra parecia afundada no oceano, pequenos retângulos de verde rodeados de canais por todos os lados. Na verdade, nós aterrissamos numa pista paralela a um canal, como se houvesse duas delas: uma para nós e outra para as aves aquáticas.

Depois de pegar nossa bagagem e passar pela alfândega, nos amontoamos num táxi dirigido por um homem careca e rechonchudo que falava inglês perfeitamente — tipo, melhor que eu.

— Hotel Filosoof? — falei.

E ele perguntou:

- Vocês são americanos?
- Sim mamãe respondeu. Somos de Indiana.
- Indiana ele falou. Eles roubam a terra dos índios e deixam o nome, é?
 - Mais ou menos isso mamãe respondeu.

O taxista se embrenhou pelo tráfego e seguimos em direção a uma estrada que continha várias placas azuis com palavras de vogais dobradas: Oosthuizen, Haarlem. Ao lado, uma planície desocupada se estendia por vários quilômetros, interrompida por uma ou outra sede gigantesca de alguma empresa. Resumindo, a Holanda se parecia com Indianápolis, só que com carros menores.

- Isso aqui é Amsterdã? perguntei ao motorista de táxi.
- Sim e não ele respondeu. Amsterdã é como os anéis de uma árvore: fica mais velha conforme você vai chegando perto do centro.

então ela colocou o BiPAP para funcionar e ajeitou a máscara em mim. Eu odiava falar com aquela coisa no nariz, mas:

- Vá passear no parque que eu ligo para você quando acordar.
- Está bem ela disse. Durma bem, querida.

* * *

Mas, quando acordei algumas horas depois, ela estava sentada na velha cadeira no canto, lendo um guia turístico.

- Bom dia eu disse.
- Na verdade, é fim de tarde ela comentou, levantando da cadeira com um suspiro. Andou até a cama, colocou um cilindro no carrinho e o conectou ao tubo enquanto eu tirava a máscara do BiPAP do rosto e inseria o cateter no nariz. Ela programou o cilindro para 2,5 litros por minuto, seis horas até que eu precisasse que ele fosse trocado, e só aí levantei. Como está se sentindo? ela perguntou.
 - Bem respondi. Ótima. Como foi lá no Vondelpark?
- Não cheguei a ir respondeu. Mas li tudo sobre ele no guia turístico.
- Mãe falei —, você não precisava ter ficado aqui. Ela deu de ombros.
 - Sei disso. Mas eu quis ficar. Gosto de ver você dormindo.
- Disse a criatura maníaco-obsessiva. Ela riu, mas ainda assim me senti mal. Só quero que você se divirta, sabe?
- Está bem. Vou me divertir hoje à noite, combinado? Vou cometer loucuras por aí enquanto você e o Augustus saem para jantar.
 - Sem você? perguntei.
- É. Sem mim. Para falar a verdade, vocês já têm uma reserva num lugar chamado Oranjee ela disse. A assistente do Sr. Van Houten organizou tudo. O restaurante fica num bairro chamado Jordaan. Muito chique, segundo o guia turístico. Há uma estação de bonde logo depois da curva. O Augustus tem as instruções de como chegar lá. Vocês podem comer ao ar livre e ver os barcos passando. Vai ser um programa adorável.

acabei dizendo: — Estou me sentindo malvestida.

- Ah, essa coisa velha? ele falou, sorrindo para mim.
- Augustus minha mãe disse atrás de mim —, você está extremamente bonito.
 - Obrigado, senhora ele disse, me oferecendo o braço.

Apoiei a mão nele e olhei para trás, para a mamãe.

— Vejo vocês às onze — ela disse.

Esperando pelo bonde número um numa larga avenida com tráfego intenso, falei para o Augustus:

- Esse é o terno que você usa em enterros?
- Na verdade, não ele disse. O outro não é nem de longe tão bonito.

O bonde azul e branco chegou e o Augustus entregou nossos cartões para o motorista, que explicou que precisávamos passá-los por cima de um sensor circular. Enquanto atravessávamos o bonde lotado, um senhor se levantou para podermos sentar juntos e eu tentei dizer para ele continuar sentado, mas o homem fez um gesto insistente em direção ao assento. Andamos de bonde por três paradas, eu me apoiando no Gus para que pudéssemos olhar pela janela ao mesmo tempo.

O Augustus apontou para o alto, para as árvores, e perguntou:

— Viu aquilo?

Eu vi. Havia olmos por todo lado pelos canais, e algumas sementes estavam sendo carregadas pelo vento. Mas não pareciam sementes. Pareciam, precisamente, pétalas de rosa descoloridas e em miniatura. Essas pétalas claras se juntavam no vento como pássaros voando em bando — milhares deles, como uma tempestade de neve na primavera.

O senhor que nos deu o lugar reparou que estávamos observando aquilo e disse, em inglês:

- É primavera em Amsterdã. Os iepen jogam confete para dar as boas-vindas à primavera. Trocamos de bonde e depois de quatro outras paradas chegamos a uma rua dividida por um lindo canal, os reflexos da antiga ponte e das pitorescas casas do canal ondulando na água.
 - O Oranjee ficava a alguns passos. O restaurante era num lado da rua

champanhe? — ele perguntou com um sotaque delicioso.

- Não? falei.
- Ele chamou os outros monges e disse: "Venham depressa! Estou bebendo estrelas." Bem-vindos a Amsterdã. Vocês gostariam de olhar o cardápio ou preferem a sugestão do chef?

Olhei para o Augustus e ele, para mim.

— A sugestão do chef parece ótima, mas a Hazel é vegetariana.

Eu só havia falado disso com o Augustus uma vez, no dia em que nos conhecemos.

- Isso não é problema disse o garçom.
- Beleza. E será que poderíamos tomar um pouco mais disso? o Gus perguntou, falando do champanhe.
- Claro respondeu nosso garçom. Nós engarrafamos todas as estrelas esta noite, jovens amigos. Ai, esse confete! ele falou e deu uma espanada de leve numa semente que havia pousado no meu ombro nu. Há tempos não caíam tantos assim. Estão em todo lugar. Isso é muito irritante.

O garçom desapareceu. Ficamos olhando o confete caindo do céu, rolando pelo chão com a brisa e terminando no canal.

- É meio difícil de acreditar que alguém possa achar isso irritante o Augustus disse depois de um tempo.
 - As pessoas sempre acabam ficando insensíveis à beleza.
- Eu ainda não fiquei insensível a você ele retrucou, sorrindo. Fiquei vermelha. — Obrigado por vir a Amsterdã.
 - Obrigada por me deixar sequestrar seu desejo falei.
 - Obrigado por usar esse vestido que é, tipo, "uau".

Balancei a cabeça, tentando não sorrir. Eu não queria ser uma granada. Mas, para falar a verdade, ele sabia o que estava fazendo, não sabia? Era uma questão de escolha para ele também.

- Ei, como termina aquele poema? ele perguntou.
- Hein?
- Aquele que você recitou para mim no avião.
- Ah, o "Prufrock"? Acaba assim: "Tardamos nas câmaras do mar /

Balancei a cabeça negativamente. Duas taças eram o bastante para mim. O champanhe não era exceção à minha alta resistência a calmantes e analgésicos; eu estava alegre, mas não bêbada. E nem pretendia ficar. Noites como aquela não aconteciam com frequência, e eu queria me lembrar dela.

— Humm — falei depois que o garçom saiu, e o Augustus deu aquele sorriso torto, olhando para um lado do canal enquanto eu olhava para o outro.

Nós tínhamos muito o que ver, e por isso aquele silêncio não era estranho, de verdade, mas eu queria que tudo fosse perfeito. E era perfeito, acho, só que dava a impressão de que alguém tinha tentado encenar a Amsterdã da minha imaginação, o que tornou mais difícil esquecer que aquele jantar, assim como a viagem em si, eram um Privilégio do Câncer. Eu só queria que ficássemos conversando e rindo confortavelmente, como fazíamos no sofá lá em casa, mas alguma tensão permeava aquilo tudo.

- Não é o terno que eu uso em enterros ele disse após alguns minutos. Quando descobri que estava doente, eles me disseram que minha chance de cura era de oitenta e cinco por cento. Sei que essa é uma probabilidade favorável, mas não pude deixar de pensar que estava numa roleta-russa. Quer dizer, eu teria que passar o maior sufoco por um tempo, de seis meses a um ano, e perder minha perna, e, no fim, aquilo ainda assim poderia não funcionar, sabe?
 - Sei falei, mesmo não sabendo.

Não de verdade. Eu nunca fui outra coisa a não ser uma paciente terminal; todo o meu tratamento tinha como objetivo estender a minha vida, e não curar o câncer. O Falanxifor havia introduzido um grau de ambiguidade à história, mas eu era diferente do Augustus: meu capítulo final foi escrito no momento do diagnóstico. O Gus, como a maioria dos sobreviventes do câncer, vivia na incerteza.

— Certo — ele disse. — Então passei por todo um processo de querer estar preparado. Compramos um lote em Crown Hill, e eu fui lá um dia com meu pai e escolhi um local. Planejei todo o meu enterro e tudo mais,

- Não falei, e depois me corrigi. Bem, para falar a verdade, eu não diria um "não" tão categórico assim, talvez. E você?
- Eu acredito ele disse, confiante. Acredito, com certeza. Não num paraíso onde você anda de unicórnio, toca harpa e vive numa mansão feita de nuvem. Mas, sim, eu acredito em Algo com A maiúsculo. Sempre acreditei.
 - Sério? perguntei.

Aquilo me surpreendeu. Eu sempre relacionei a crença no paraíso com, sendo bem sincera, um tipo de limitação intelectual. Mas o Gus não era burro.

- É ele respondeu baixinho. Eu acredito naquela frase de Uma aflição imperial. "A luz do sol nascente forte demais em seus olhos que perecem." Acho que o sol nascente é Deus, e a luz do sol é muito forte e os olhos dela estão perecendo, mas não estão perdidos. Eu não acredito que retornamos para assombrar ou consolar os vivos nem nada, mas acho que nos transformamos em alguma coisa.
 - Mas você tem medo do esquecimento.
- Sim, eu tenho medo do esquecimento terreno. Mas, quer dizer, não quero parecer meu pai nem minha mãe falando, mas acredito que os seres humanos têm alma, e acredito na manutenção da alma. O medo do esquecimento é outra coisa, o medo de não ser capaz de dar a minha vida em troca de nada. Se você não vive uma vida a serviço de um bem maior, precisa pelo menos morrer uma morte a serviço de um bem maior, sabe? E eu tenho medo de não ter nem uma vida nem uma morte que signifique alguma coisa.

Eu balancei a cabeça.

- O que foi? ele perguntou.
- A sua obsessão por, tipo, morrer por alguma coisa, ou por deixar para trás algum símbolo memorável do seu heroísmo, e tal. É estranho.
 - Todo mundo quer ter uma vida extraordinária.
 - Nem todo mundo falei, sem conseguir disfarçar minha irritação.
 - Ficou chateada?
 - É só que falei, mas não consegui terminar a frase. Só que —

— Esse tal de Peter Van Houten não é tão mau assim.

* * *

Andávamos pela margem do canal quando começou a escurecer. À distância de um quarteirão do Oranjee, paramos num banco de praça rodeado de bicicletas velhas e enferrujadas presas com cadeado a racks e umas às outras. Nós nos sentamos lado a lado, os quadris encostados, de frente para o canal, e ele colocou o braço nos meus ombros.

Dava para ver a luminosidade vinda do Bairro da Luz Vermelha. Mesmo sendo o Bairro da Luz Vermelha, o brilho que vinha de lá tinha um misterioso tom de verde. Imaginei milhares de turistas se embebedando, se drogando e passando de mão em mão por aquelas ruas estreitas.

- Nem acredito que ele vai nos contar tudo amanhã falei. Peter Van Houten vai nos contar o famoso fim não publicado do melhor livro do mundo.
 - Além de ter pago o nosso jantar o Augustus disse.
- Fico fantasiando que ele vai nos revistar à procura de gravadores antes de nos contar. E aí vai se sentar no meio de nós no sofá da sala de estar dele e sussurrar a resposta para a pergunta que fiz sobre a mãe da Anna ter se casado ou não com o Homem das Tulipas Holandês.
 - Não se esqueça do Sísifo, o hamster o Augusto acrescentou.
- Certo, e também, é claro, sobre que destino aguardou Sísifo, o hamster. Eu me inclinei para a frente, para olhar a água do canal. Havia uma quantidade exagerada daquelas pétalas de olmo desbotadas. Uma continuação que só vai existir para nós falei.
 - Qual é o seu palpite? ele perguntou.
- Não sei. De verdade. Já pensei nisso tudo, de trás para a frente e da frente para trás, umas mil vezes. Cada vez que releio o livro, penso diferente, sabe?

Ele assentiu com a cabeça.

- Você tem uma teoria? perguntei.
- Tenho. Eu não acho que o Homem das Tulipas Holandês seja

cigarro novo na boca.

— Você sabe que não há no mundo lugar menos frequentado que o playground de um hospital, não sabe?

Eu fiz que sim com a cabeça.

- Bem, eu passei algumas semanas no Memorial quando eles amputaram a minha perna, e tal. Fiquei internado no quinto andar e meu quarto dava vista para o playground, que obviamente ficava sempre em total abandono. Eu estava submerso na ressonância metafórica do playground vazio no pátio do hospital. Mas aí uma garota começou a aparecer todos os dias ali, sozinha. Sentava no balanço e se balançava, sem ninguém por perto, como numa cena de filme. Então eu pedi para uma das minhas enfermeiras mais legais me contar o que sabia sobre ela, e a mulher a levou lá em cima para uma visita, e era a Caroline, e eu usei o meu carisma imenso para conquistá-la.
 - O Gus fez uma pausa, então resolvi dizer alguma coisa.
 - Você não é tão carismático assim.

Ele fez pouco caso, duvidando da veracidade do meu comentário.

— Você é basicamente só gato — expliquei.

Ele riu disso.

- O problema com os mortos disse, e então parou. O problema é que você acaba sendo considerado um crápula se não romantizar os mortos, mas a verdade é... complicada, acho. Tipo, você está familiarizada com a imagem da vítima de câncer estoica e determinada que luta heroicamente contra a doença com uma força sobre-humana e nunca reclama nem para de sorrir, nem mesmo em seus últimos instantes de vida, etcetera?
- Se estou falei. São aquelas almas bondosas e generosas cujos gestos são uma Inspiração para Todos Nós. Elas são tão fortes! Nós as admiramos tanto!
- Certo, mas na verdade, quer dizer, além de nós dois, obviamente, as crianças com câncer não são estatisticamente mais propensas a serem incríveis, nem compassivas, nem perseverantes, nem nada. A Caroline estava sempre de mau humor e infeliz, mas eu gostava daquilo. Gostava de

poderíamos ter, tipo, um relacionamento normal, mas não podíamos, na verdade, porque ela não possuía qualquer mecanismo de filtragem entre pensamento e fala, o que era triste, desagradável e muitas vezes doloroso. Mas, quer dizer, não se pode terminar o namoro com uma menina que sofre de câncer cerebral. Os pais dela gostavam de mim, e ela tinha um irmão menor que é uma criança muito maneira. Quer dizer, como eu poderia terminar o namoro? Ela estava morrendo.

"Demorou muito. Levou quase um ano, e foi um ano durante o qual eu convivi com uma garota que, tipo, do nada começava a rir, apontando para a minha prótese e me chamando de perneta."

- Não falei.
- É. Quer dizer, era o tumor. Ele se alimentava do cérebro dela, sabe? Ou então não era o tumor. Não tenho como saber porque ela e o tumor não podiam ser desassociados. Mas conforme ela foi ficando mais doente, quer dizer, ela sempre repetia as mesmas histórias e ria dos próprios comentários, mesmo que já tivesse falado a mesma coisa umas cem vezes naquele dia. Tipo, ela repetiu a mesma brincadeira durante várias semanas: "O Gus tem pernas lindas. Quer dizer, perna." E aí ria enlouquecidamente.
 - Ah, Gus falei. Isso é...

Eu não sabia o que dizer. Ele não estava olhando para mim, e tive a sensação de que ia invadir sua privacidade se o encarasse. Senti o corpo dele chegar para a frente. O Gus tirou o cigarro da boca e olhou para ele, rolando-o com o polegar e o indicador, e então levou-o de volta à boca.

- Bem ele disse —, para falar a verdade, eu tenho mesmo uma perna linda.
 - Sinto muito falei. Sinto mesmo.
- Está tudo bem, Hazel Grace. Mas, só para esclarecer, quando eu achei que tinha visto o fantasma de Caroline Mathers no Grupo de Apoio, não fiquei de todo feliz. Eu estava encarando você, mas não estava ansioso por conhecê-la, se é que você me entende.

Ele tirou o maço do bolso e colocou o cigarro de volta lá dentro.

— Sinto muito — falei de novo.

CAPÍTULO DOZE

bri os olhos às quatro horas da manhã holandesa, completamente acordada. Todas as tentativas de voltar a dormir foram em vão, então fiquei deitada ali com o BiPAP bombeando o ar para dentro e puxando o ar para fora, viajando nos ruídos de dragão mas desejando ser capaz de escolher de que jeito respirar.

Reli o Uma aflição imperial até a mamãe acordar e rolar para o meu lado, lá pelas seis horas. Ela aconchegou a cabeça no meu ombro, o que foi um pouco desconfortável e ligeiramente augustiniano.

O hotel serviu o café da manhã no nosso quarto e, para minha total satisfação, continha frios e muitas outras transgressões à composição do café da manhã norte-americano. O vestido que eu tinha planejado usar no encontro com o Peter Van Houten passou à frente dos outros na fila quando do jantar no Oranjee; por isso, assim que saí do banho e consegui deixar o cabelo mais ou menos liso, passei uma meia hora debatendo com a mamãe sobre as diversas vantagens e desvantagens dos figurinos disponíveis, até que resolvi me vestir o mais parecida com a Anna em UAI possível: Chuck Taylors, calça jeans escura do jeito que ela sempre usava e uma camiseta de malha azul-claro.

A estampa da camiseta era a reprodução de um famoso quadro surrealista de René Magritte, no qual ele pintou um cachimbo e escreveu embaixo, em letras cursivas: Ceci n'est pas une pipe. ("Isto não é um cachimbo.")

- Eu não consigo entender essa camiseta mamãe falou.
- O Peter Van Houten vai entender, acredite. Em Uma aflição imperial há, tipo, umas sete mil referências ao Magritte.
 - Mas isto é um cachimbo.
 - Não, não é falei. É uma ilustração de um cachimbo.

A casa branca e geminada de Peter Van Houten ficava, saindo do hotel, logo depois da curva, na Vondelstraat, de frente para a área do parque. Número 158. O Augustus me deu a mão, carregou o carrinho do oxigênio com a outra, e nós subimos os três degraus que levavam até a porta pintada de verniz azul e preto da casa. Meu coração batia acelerado. Uma porta fechada era a distância entre mim e as respostas com as quais vinha sonhando desde a primeira vez que li a última página incompleta.

Dava para ouvir as batidas do som de um baixo, alto o suficiente para fazer tremer os parapeitos das janelas. Fiquei me perguntando se o Peter Van Houten teria um filho fã de rap.

Segurei a aldraba em formato de cabeça de leão e bati à porta, hesitante. O som do baixo continuou.

— Talvez ele não consiga ouvir por causa da música? — o Augustus comentou.

Ele pegou a cabeça do leão e bateu bem mais forte.

A música parou de tocar e foi substituída pelo som de passos trôpegos. Uma das trancas foi destravada. E mais outra. A porta se abriu com um rangido. Um homem barrigudo, de cabelo ralo, bochechas caídas e a barba de uma semana por fazer estreitou os olhos por causa da luz do sol. Ele usava um pijama azul-bebê, como um personagem de filme antigo. O rosto e a barriga eram tão redondos e os braços, tão magros, que ele parecia uma bola de massa de pão com quatro varetas enfiadas.

— Sr. Van Houten? — o Augustus perguntou, a voz esganiçando um tiquinho.

A porta se fechou com um estrondo. De trás dela, ouvi uma voz aguda e gaguejante gritar: "LIII-DEE-VI-GUE!" (Até aquele momento, eu vinha pronunciando o nome da assistente dele como li-de-vi-ge.) Nós conseguíamos escutar tudo através da porta.

- Eles estão aqui, Peter? uma mulher perguntou.
- Estão... Lidewij, há duas aparições adolescentes atrás da porta.
- Aparições? ela perguntou, com uma melodia cadenciada tipicamente holandesa.

O Van Houten respondeu rápido.

totalmente sem palavras.

- Eu ele começou —, humm, eu, Hazel, humm. Bem.
- Este garoto parece ter algum tipo de retardamento o Peter Van Houten disse para a Lidewij.
 - Peter ela o censurou.
 - Bem disse o Peter Van Houten, estendendo a mão para mim.
- É um prazer sem igual conhecer criaturas tão ontologicamente improváveis.

Apertei a mão inchada dele e, em seguida, ele e o Augustus se cumprimentaram. Fiquei me perguntando o que a palavra ontologicamente significaria. Mesmo sem saber o que era, gostei dela. O Augustus e eu estávamos juntos no Time das Criaturas Improváveis: nós e os ornitorrincos.

É claro que eu tinha esperado que o Peter Van Houten fosse mentalmente são, mas o mundo não é uma fábrica de realização de desejos. A coisa mais importante era que a porta fora aberta e eu estava entrando ali para descobrir o que acontece depois do término do Uma aflição imperial. E isso era o suficiente. Seguimos ele e a Lidewij para dentro da casa, passamos por uma enorme mesa de jantar de madeira de carvalho com apenas duas cadeiras e chegamos a uma sala de estar estranhamente estéril. Parecia um museu, só que não havia quadro algum nas paredes brancas e vazias. Tirando um sofá e uma poltrona reclinável, ambos feitos de uma combinação de aço e couro preto, a sala parecia deserta. De repente, reparei em duas sacolas de lixo pretas grandes, cheias e lacradas com aqueles arames retorcidos, atrás do sofá.

- Lixo? balbuciei para o Augustus, baixinho, achando que ninguém mais ouviria.
- Cartas de fãs o Van Houten respondeu ao se sentar na poltrona reclinável. Dezoito anos delas. Não posso abri-las. É aterrorizante. As de vocês foram as primeiras missivas às quais respondi, e vejam aonde isso me levou. Para ser sincero, acho a realidade dos leitores totalmente insossa.

Aquilo explicava por que o Van Houten nunca havia respondido às

— Um drinque desta qualidade merece uma postura melhor — ele disse.

Fiquei consciente da minha própria postura e me endireitei um pouco no sofá. E ajeitei a cânula. Papai sempre dizia que é possível julgar as pessoas pelo modo como tratam garçons e assistentes. Nesse aspecto, o Peter Van Houten era, provavelmente, o cara mais idiota do mundo.

- Então você gosta do meu livro ele disse para o Augustus depois de outro gole.
- Sim respondi pelo Augustus. E, sim, nós... bem, o Augustus, ele usou o Desejo dele para conhecer você, para que nós pudéssemos vir aqui e você pudesse nos contar o que acontece depois do fim do Uma aflição imperial.

O Van Houten não disse uma palavra. Apenas deu uma golada na bebida. Depois de alguns instantes, o Augustus falou:

- Seu livro foi mais ou menos o que nos uniu.
- Mas vocês não são um casal ele comentou, sem me olhar.
- O que quase nos uniu falei.

Então ele olhou para mim.

- Você se vestiu igual a ela de propósito?
- Igual à Anna? perguntei, e ele ficou só me encarando. Podese dizer que sim.

Ele esvaziou o copo e fez uma careta.

— Eu não tenho problemas com a bebida — ele anunciou, a voz desnecessariamente alta. — Eu tenho uma relação churchilliana com o álcool: posso contar piadas, governar a Inglaterra e fazer o que quiser. Exceto deixar de beber.

Ele olhou para a Lidewij e fez um movimento com a cabeça em direção ao copo. Ela o pegou e andou de volta até o bar.

- Só a ideia de água, Lidewij ele instruiu.
- Está bem, já entendi ela disse, o sotaque quase como o nosso.

A segunda dose chegou. O Van Houten se empertigou todo de novo como forma de demonstrar respeito. E tirou os chinelos. Seus pés eram realmente feios. Ele estava arruinando a concepção que eu tinha de um

- Você conhece o paradoxo da tartaruga de Zenão? ele perguntou para mim.
- Nossas perguntas têm a ver com o que acontece com os personagens depois do fim do livro, mais especificamente...
- Você presume de forma errônea que eu precise ouvir a sua pergunta para que possa respondê-la. Já ouviu falar de Zenão, o filósofo?

Fiz ligeiramente que não com a cabeça.

— Ai de mim. Zenão era um filósofo pré-socrático que, dizem, elaborou quarenta paradoxos associados à cosmovisão a partir de pensamentos desenvolvidos por Parmênides... de Parmênides você já ouviu falar, naturalmente — ele disse, e eu fiz que sabia quem era Parmênides, mesmo não sabendo. — Graças a Deus! — ele falou. — Zenão se especializou em revelar as imprecisões e simplificações de Parmênides, o que não foi difícil, pois Parmênides estava sempre redondamente enganado em quase tudo. O valor de Parmênides é o mesmo que o do amigo que escolhe o cavalo errado toda vez que você o leva ao hipódromo. Mas o paradoxo mais conhecido de Zenão... Espere um instante... Qual é o seu grau de familiaridade com o hip-hop sueco?

Eu não sabia dizer se o Peter Van Houten estava brincando ou não. Depois de um tempo, o Augustus respondeu por mim:

- Limitado.
- Está bem, mas presumo que você conheça o álbum mais influente de Afasi och Filthy intitulado Fläcken.
 - Não, nós não conhecemos respondi por nós dois.
- Lidewij, coloque "Bomfalleralla" para tocar imediatamente. A Lidewij andou até um MP3 player, girou um pouquinho o botão circular e apertou uma tecla. Um rap começou a reverberar em todas as direções. O som era bastante familiar, exceto por ser cantado em sueco.

Terminou e o Van Houten olhou para nós, na expectativa, seus olhinhos o mais arregalados que conseguiam ficar.

— E então? –	– perguntou.
--------------	--------------

— Então?

Aí eu falei:

sem ponderar sobre a mecânica envolvida, mas a pergunta de como foi capaz de fazer isso acaba sendo incrivelmente complicada e ninguém tinha achado uma resposta para ela de verdade, até que Cantor demonstrou que alguns infinitos são maiores que outros."

- Humm murmurei.
- Imagino que isso responda à sua pergunta ele disse, confiante, e então deu um gole generoso na bebida.
- Não exatamente falei. Nós estávamos nos perguntando se, depois do fim do Uma aflição imperial...
- Eu renego tudo o que há naquele livro pútrido o Van Houten disse, me interrompendo.
 - Não retruquei.
 - O que foi que você disse?
- Não, isso não é aceitável falei. Eu entendo que a história acaba no meio da narrativa porque a Anna morre ou fica doente demais para continuar a escrever, mas você falou que ia nos dizer o que acontece com os outros, e é por isso que estamos aqui, e nós, eu preciso que você me diga.

O Van Houten suspirou. Depois de mais um gole, disse:

- Muito bem. Você está curiosa a respeito de quem?
- A mãe da Anna, o Homem das Tulipas Holandês, Sísifo, o hamster, quer dizer, é só... o que acontece com todo mundo.

O Van Houten fechou os olhos, inflou as bochechas ao expirar e então olhou para cima, para as vigas de madeira expostas que se entrecruzavam no teto.

— O hamster — ele disse, depois de um tempo. — O hamster é adotado pela Christine...

Que era uma das amigas da Anna antes de ela ficar doente. Aquilo fazia sentido. A Christine e a Anna brincaram com o Sísifo em algumas cenas.

— Ele é adotado pela Christine e vive alguns anos depois do fim do livro, para então morrer pacificamente durante seu sono de hamster.

Agora, sim, estávamos indo a algum lugar.

Holanda com o Homem das Tulipas Holandês ou não se mudou. Ou ela teve mais filhos ou não teve. Eu preciso saber o que acontece com ela.

O Van Houten fez bico.

- Sinto muito não poder satisfazer seus caprichos infantis, mas me recuso a me apiedar de você da forma com a qual está acostumada.
 - Eu não quero a sua pena falei.
- Como toda criança doente ele retrucou, sem demonstrar qualquer emoção —, você diz que não quer a pena de ninguém, mas a sua existência em si depende dela.
- Peter a Lidewij falou, mas ele continuou, reclinando-se na cadeira, as palavras saindo ainda mais mastigadas daquela boca bêbada. Crianças doentes inevitavelmente se tornam prisioneiras: você está fadada a viver o resto dos seus dias como a criança que era ao receber o diagnóstico, a criança que acredita que haja vida depois que um livro acaba. E nós, como adultos, temos pena disso, então pagamos seus tratamentos, suas máquinas de oxigênio. Nós lhes damos comida e água embora seja pouco provável que vocês vivam o suficiente para...
 - PETER! a Lidewij gritou.
- Você é um efeito colateral o Van Houten continuou de um processo evolutivo que não dá muita importância a vidas individuais. Você é um experimento malsucedido da mutação.
 - EU ME DEMITO! a Lidewij gritou.

Havia lágrimas nos olhos dela. Mas eu não estava com raiva. Ele havia encontrado um jeito mais doloroso de dizer a verdade, mas, naturalmente, eu já sabia qual era a verdade. Eu tinha passado vários anos olhando do meu leito para o teto da UTI, por isso há tempos já havia achado as maneiras mais dolorosas de imaginar a minha própria doença. Dei um passo na direção dele.

— Ouça aqui, seu idiota — falei —, não há nada que você possa me dizer sobre essa doença que eu já não saiba. Eu só preciso de uma coisa de você antes de sair da sua vida para sempre: O QUE ACONTECE COM A MÃE DA ANNA?

Ele ergueu a papada flácida na minha direção e deu de ombros.

alguma coisa para ele num holandês acelerado.

— Vocês precisam perdoar a minha ex-assistente — ele falou. — O holandês não é bem um idioma, mas uma enfermidade da garganta. O Augustus me tirou do cômodo e me puxou porta afora, ao encontro do fim da manhã de primavera e do confete dos olmos em queda.

* * *

Não existia, para mim, a possibilidade de uma fuga rápida, mas nós descemos os degraus, o Augustus segurando meu carrinho, e começamos a andar de volta para o Filosoof por uma calçada acidentada de paralelepípedos intercalados. Comecei a chorar pela primeira vez desde o episódio do balanço.

— Ei — ele disse, colocando a mão na minha cintura. — Ei. Está tudo bem.

Eu assenti e enxuguei o rosto com as costas da mão.

- Ele não vale nada. Assenti de novo.
- Vou escrever um epílogo para você o Gus falou. Aquilo me fez chorar ainda mais.
- Vou, sim ele disse. Vou mesmo. E vai ser melhor que qualquer coisa que aquele bêbado poderia escrever. O cérebro dele é um queijo suíço. Ele nem se lembra de ter escrito o livro. Eu consigo criar uma história dez vezes melhor que a daquele cara. Vai ter sangue, coragem e sacrifícios. Uma aflição imperial encontra O preço do alvorecer. Você vai amar.

Eu continuei assentindo, simulando um sorriso, e aí ele me abraçou, os braços fortes me puxando para perto do peito musculoso, e eu ensopei a camisa polo dele, mas consegui me recompor o suficiente para poder falar.

- Eu gastei o seu Desejo com aquele idiota disse, ainda encostada no peito dele.
- Hazel Grace. Não. Posso admitir que você de fato gastou o meu único Desejo, mas não foi com ele. Você gastou meu Desejo com nós dois.

Escutei, vindo de trás, um toc toc de saltos altos numa corrida

Estados Unidos e Peter é filho de um deles, mas se mudou para a Holanda depois da publicação do livro. Ele é uma vergonha para uma nobre família.

O motor do carro esgoelou. A Lidewij trocou a marcha e nós passamos por uma ponte sobre o canal.

— Foram as circunstâncias — ela disse. — Foram as circunstâncias que o tornaram uma pessoa tão cruel. Ele não é um homem mau. Mas, hoje, eu não pensei... quando ele falou aquelas coisas horríveis, não pude acreditar. Sinto muito. Sinto muito, muito mesmo.

* * *

Tivemos de estacionar a um quarteirão da casa da Anne Frank, e enquanto a Lidewij ficava na fila para comprar os ingressos para nós, me sentei com as costas apoiadas numa arvorezinha, olhando para as casas flutuantes atracadas no canal Prinsengracht. O Augustus estava em pé à minha frente, movimentando o carrinho do oxigênio em círculos, olhando as rodinhas girarem. Eu queria que ele se sentasse ao meu lado, mas sabia como era difícil, para ele, se sentar, e mais difícil ainda ficar de pé de novo.

— Tudo bem? — ele perguntou, olhando para mim.

Dei de ombros e estiquei o braço para poder colocar a mão na batata da perna dele. Era a panturrilha falsa, mas segurei firme. Ele abaixou a cabeça para me olhar.

- Eu queria... falei.
- É, eu sei ele disse. Eu sei. Aparentemente, o mundo não é uma fábrica de realização de desejos.

Isso me fez rir um tiquinho.

A Lidewij voltou com os ingressos, mas seus lábios finos estavam franzidos de preocupação.

- Não tem elevador ela disse. Sinto muito, muito mesmo.
- Está tudo bem falei.
- Não. Lá dentro há muitas escadas ela disse. E elas são íngremes.

morado, essa mais íngreme que a anterior e com dezoito degraus, basicamente uma escada de mão mais elaborada. Cheguei à base dela, olhei para o alto e achei que não conseguiria subir, mas também sabia que o único caminho para chegar ao fim era subindo.

- Vamos voltar o Gus disse, atrás de mim.
- Estou bem respondi baixinho.

Sei que é bobagem, mas eu ficava pensando que devia isso a ela, à Anne Frank, digo, porque ela estava morta e eu, não, porque ela havia ficado em silêncio, mantido as cortinas fechadas e feito tudo certo, e ainda assim, tinha morrido. Então eu deveria subir aqueles degraus e ver o resto do mundo no qual ela vivera durante aqueles anos antes da chegada da Gestapo.

Comecei a subir, transpondo os degraus do mesmo jeito que uma criança pequena faria, devagar a princípio, para conseguir respirar, e mais rápido depois, porque eu sabia que no fim das contas não conseguiria respirar, e queria chegar ao topo antes de perder o fôlego de vez. A escuridão invadia o meu campo de visão enquanto eu escalava os dezoito degraus, íngremes como os diabos. Por fim, alcancei o topo basicamente cega e enjoada, os músculos dos braços e das pernas clamando por oxigênio. Larguei meu corpo no chão, sentando com as costas encostadas numa parede, tossindo sofregamente. Havia uma redoma de vidro vazia e aparafusada na parede acima de mim. Olhei para o alto, através dela, para o teto, tentando não desmaiar.

A Lidewij se agachou ao meu lado e falou:

— Você chegou ao último andar, já acabou.

Fiz que sim com a cabeça. Eu tinha uma vaga noção de que havia adultos espalhados pelo ambiente olhando preocupados para mim; da Lidewij falando baixinho numa língua, depois em outra, e então em mais outra para os vários visitantes; do Augustus de pé na minha frente, a mão dele na minha cabeça, acariciando meu cabelo no pedaço em que estava repartido. Depois de um bom tempo, a Lidewij e o Augustus me colocaram de pé, e pude ver o que estava por trás da redoma de vidro: marcas feitas a lápis no papel de parede e que registravam o crescimento

Era um cômodo de teto triangular com cartas que o Otto Frank havia escrito para algumas pessoas durante sua busca pelas filhas, que durou vários meses. Na parede, no meio do cômodo, um vídeo do Otto estava sendo reproduzido. Ele falava em inglês.

- Sobrou algum nazista que eu possa perseguir e entregar nas mãos da Justiça? o Augustus perguntou quando nos inclinamos sobre as vitrines da exposição para ler as cartas do Otto e as respostas dilacerantes de que não, ninguém tinha visto as filhas dele depois da liberação.
- Acho que estão todos mortos. Mas não é como se os nazistas tivessem o monopólio do mal.
- Verdade ele disse. Eis o que deveríamos fazer, Hazel Grace: nós deveríamos nos unir e virar uma dupla de justiceiros portadores de deficiências botando a boca no trombone pelo mundo, endireitando o que está errado, defendendo os fracos, protegendo quem se sente ameaçado.

Embora aquela fosse a "viagem" do Gus, e não a minha, eu entrei na dele. O Gus já havia entrado na minha, afinal.

- Nosso destemor será nossa arma secreta falei.
- As lendas das nossas proezas sobreviverão enquanto existir a voz humana ele disse.
- E, mesmo depois disso, quando os robôs relembrarem os absurdos humanos de sacrifício e compaixão, eles se lembrarão de nós.
- Eles rirão roboticamente da nossa loucura destemida ele disse. — Mas algo em seus corações de ferro robotizados vai desejar ter vivido e morrido como nós: a serviço do heroísmo.
- Augustus Waters falei, olhando para ele, pensando que talvez não fosse certo beijar alguém dentro da casa da Anne Frank, mas então imaginando que a Anne Frank, no fim das contas, devia ter beijado alguém na casa da Anne Frank, e que ela provavelmente gostaria de sua casa ter se tornado um lugar no qual os jovens e irremediavelmente imperfeitos se entregam ao amor.

"Devo dizer", o Otto Frank falou no vídeo em seu inglês com sotaque, "que fiquei surpreso com os pensamentos profundos que a Anne tinha."

E então, de repente, estávamos nos beijando. Minha mão largou o

A Lidewij nos deu uma carona de volta ao Filosoof. Do lado de fora do hotel estava chuviscando, e o Augustus e eu ficamos parados na calçada de paralelepípedos, nos ensopando aos poucos.

Augustus: "Você deve estar precisando descansar."

Eu: "Estou bem."

Augustus: "Tá." (Pausa.) "Em que você está pensando?"

Eu: "Em você."

Augustus: "O que tem eu?"

Eu: "Não sei mesmo qual preferir, / A beleza das inflexões / Ou a das alusões, / O pássaro-preto assobiando / Ou só depois."

Augustus: "Cara, você é sexy."

Eu: "Nós poderíamos ir para o seu quarto."

Augustus: "Já ouvi ideias piores."

* * *

Nos esprememos no elevador minúsculo. Todas as superfícies, inclusive o piso, eram cobertas de espelhos. Tivemos de puxar a porta para fechar o elevador, e então aquela coisa velha foi rangendo devagar até o segundo andar. Eu estava cansada, suada e com medo de a minha aparência e o meu cheiro estarem horríveis, mas mesmo assim o beijei dentro daquele cubículo. Aí ele se afastou um pouco, apontou para o espelho e disse:

- Veja: infinitas Hazels.
- Alguns infinitos são maiores que outros falei pausadamente, imitando o Van Houten.
- Que palhaço! o Augustus disse, e demorou todo esse tempo, e mais ainda, para chegarmos ao segundo andar.

Por fim, o elevador parou num tranco. O Augustus empurrou a porta espelhada para abri-la. Quando estava metade aberta, ele estremeceu de dor e perdeu a pegada por um segundo.

— Você está bem? — perguntei.

sussurrava, a boca encostada nele:

— Augustus Waters, eu te amo.

Seu corpo relaxou debaixo do meu quando ele me ouviu dizer aquilo. Ele esticou o braço e tentou tirar a minha camiseta, mas ela acabou enrolando no tubo. Eu ri.

* * *

— Como é que você faz isso todos os dias? — ele perguntou enquanto eu desenrolava as coisas.

Tolamente, me dei conta de que minha calcinha rosa não combinava com meu sutiã roxo, como se os garotos reparassem nisso. Eu me enfiei debaixo das cobertas e tirei a calça jeans e as meias, e então fiquei observando a dança do edredom enquanto, debaixo dele, o Augustus tirava primeiro a calça jeans, depois a perna.

* * *

Estávamos deitados de costas, lado a lado, escondidos sob as cobertas. Depois de um segundo, tateei à procura da coxa dele e deixei minha mão seguir para baixo até o cotoco, a pele com a cicatriz grossa. Segurei o cotoco por um tempo. Ele se encolheu.

- Dói? perguntei.
- Não ele respondeu.

Ele se virou de lado e me beijou.

- Você é muito sexy falei, minha mão ainda na perna.
- Estou começando a achar que você tem um fetiche por amputados
 ele retrucou, ainda me beijando.

Eu ri.

— Eu tenho um fetiche por Augustus Waters — expliquei.

CAPÍTULO TREZE

a manhã seguinte, nosso último dia inteiro em Amsterdã, mamãe, Augustus e eu andamos o meio quarteirão entre o hotel e o Vondelpark, onde descobrimos um café à sombra do Museu do Cinema Holandês. Tomando lattes — que, nos disse o garçom, eram chamados pelos holandeses de "café estragado" porque tinham mais leite que café —, nos sentamos à sombra rendada de uma castanheira enorme e contamos à mamãe como foi nosso encontro com o grande Peter Van Houten. Demos um tom engraçado à história. Até onde eu sei, você pode escolher a forma de contar uma história triste nesse mundo, e nós fomos pela opção divertida: o Augustus, afundado na cadeira do café, fingiu ser um Van Houten de língua presa e fala engrolada que nem sequer conseguia levantar da poltrona; eu fiquei de pé para representar a minha versão arrogante e machona, gritando:

- Levante-se, velho gordo e feio!
- Você chamou o Van Houten de feio? o Augustus perguntou.
- Continue, Gus falei para ele.
 - Nau sou feiu. Você é que é feia, garota do nariz entubado.
- Você é um covarde! gritei, e o Augustus caiu na gargalhada, saindo do personagem.

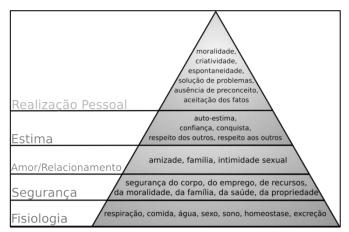
Eu me sentei. Contamos para a mamãe da ida à casa da Anne Frank, deixando de fora a parte do beijo.

- Vocês voltaram à casa do Van Houten depois? a mamãe perguntou.
 - O Augustus não me deu nem tempo de ficar vermelha.
- Não, nós só ficamos jogando conversa fora num café. E a Hazel desenhou um diagrama de Venn muito bem-humorado para mim.

Ele me olhou. Cara, como ele era sexy.

Andamos em silêncio, o Augustus meio passo à minha frente. Meu medo era tanto que eu não conseguia nem perguntar se tinha motivo para ficar com medo. A

Aí existe esse troço chamado Hierarquia de Necessidades de Maslow. Basicamente, um cara chamado Abraham Maslow ficou famoso por sua teoria, que defende que certas necessidades devem ser satisfeitas antes mesmo que se possa ter outros tipos de necessidades. A teoria é representada mais ou menos assim:



HIERARQUIA DE NECESSIDADES DE MASLOW

Logo que suas necessidades de comida e água são atendidas, você passa ao conjunto de necessidades seguinte, que tem a ver com segurança, e então vai para o próximo, e depois para o outro, mas o importante é que, de acordo com Maslow, até que suas necessidades fisiológicas sejam satisfeitas, você não tem nem mesmo como chegar a se preocupar com a necessidade de segurança ou de relacionamentos, quanto mais com a "autorrealização", que é quando você começa a, tipo, fazer arte e pensar nos princípios morais, na física quântica e em coisas assim.

Segundo Maslow, eu estava empacada no segundo nível da pirâmide, incapaz de sentir segurança na minha saúde e, portanto, incapaz de tentar ir atrás de amor, de respeito, de arte e de mais nada, o que, obviamente, era uma bobagem sem tamanho: o desejo de fazer arte ou de filosofar não

Tudo. Aquela palavra ficou suspensa no ar por um tempo. Ambos sabíamos o que significava. Eu me levantei, arrastando meu corpo e o carrinho pelo tapete que era mais velho do que o Augustus jamais seria, me ajoelhei nos pés da cadeira, coloquei minha cabeça no colo dele e abracei sua cintura.

Ele começou a passar a mão no meu cabelo.

- Sinto muito falei.
- Foi mal eu não ter dito nada para você ele disse, o tom de voz manso. Sua mãe deve saber. O jeito como olhou para mim. Minha mãe deve ter contado para ela, ou algo assim. Eu deveria ter contado para você. Foi burrice minha. Egoísmo.

É claro que eu sabia por que o Gus não tinha dito nada: pelo mesmo motivo que não deixei que ele me visse na UTI. Eu não tinha o direito de ficar chateada com ele nem por um instante, e só agora que eu amava uma granada foi que entendi a bobagem que é tentar salvar os outros da minha própria explosão iminente: eu não podia deixar de amar o Augustus Waters. E não queria fazer isso.

- Não é justo falei. É tudo tão injusto...
- O mundo não é uma fábrica de realização de desejos ele retrucou, e então perdeu o controle, só por alguns instantes, seu choro e seus soluços ruídos impotentes como o estrondo de um trovão sem raio, a ferocidade tremenda que os amadores no quesito sofrimento podem tomar erradamente por fraqueza.

Aí ele me puxou mais para perto e, com o rosto a poucos centímetros do meu, decidiu:

— Eu vou lutar contra o câncer. Vou lutar contra o câncer por você. Não se preocupe comigo, Hazel Grace. Estou bem. Vou achar um jeito de continuar por aqui e encher o seu saco por um bom tempo.

Comecei a chorar. Mas mesmo naquele momento ele parecia forte, me dando um abraço apertado para que eu pudesse ver os músculos vigorosos de seus braços em torno de mim quando disse:

— Sinto muito. Você vai ficar bem. Tudo vai ficar bem. Prometo. — Ele abriu aquele sorriso torto, me deu um beijo na testa, e senti seu tórax

— Você pode batalhar contra o câncer — falei. — Essa é a sua batalha. E você vai continuar lutando — disse para ele. Odiava quando as pessoas tentavam me encorajar para me preparar para a batalha, mas fiz isso com ele mesmo assim. — Você vai... você vai... viver o melhor da sua vida hoje. Essa é a sua guerra agora.

Eu me odiei por aquele sentimento brega, mas o que mais eu tinha?

— Grande guerra — ele disse com desdém. — Estou em guerra contra o quê? O meu câncer. E o que é o meu câncer? Meu câncer sou eu. Os tumores são feitos de mim. Eles são feitos de mim tanto quanto meu cérebro e meu coração são feitos de mim. É uma guerra civil, Hazel Grace, a gente já sabe quem vai vencer.

— Gus.

Não havia mais nada que eu pudesse dizer. Ele era inteligente demais para o tipo de consolo que eu poderia oferecer.

— Está tudo bem. — Mas não estava, e depois de alguns instantes ele disse: — Se você for ao Rijksmuseum, o que eu realmente gostaria de fazer, mas, a quem estamos querendo enganar? Nenhum de nós consegue passar horas andando num museu. Bem, de qualquer forma, dei uma olhada na coleção de pinturas deles pela Internet, antes de virmos. Se você fosse lá, e espero que um dia consiga ir, veria várias pinturas de pessoas mortas. Veria Jesus na cruz, um cara sendo esfaqueado no pescoço, pessoas morrendo no mar, outras numa batalha, e um desfile de mártires. Mas nem. Uma. Criança. Com. Câncer. Sequer. Ninguém batendo as botas por causa da praga, nem da varíola, nem da febre amarela, nem nada, porque não existe glória na doença. Não há propósito nela. Não há honra em se morrer de.

Abraham Maslow, apresento a você o Augustus Waters, cuja curiosidade existencial superou a de seus irmãos bem-alimentados, bem-amados e saudáveis. Enquanto a massa de homens seguia em frente levando vidas totalmente inescrutáveis de consumo descabido, o Augustus Waters examinava a coleção de pinturas do Rijksmuseum a distância.

- O que foi? o Augustus perguntou após um tempo.
- Nada respondi. Só... Não pude completar a frase. Não

CAPÍTULO QUATORZE

o voo de volta para casa, vinte mil pés acima de nuvens que pairavam a dez mil pés do chão, o Gus disse:

— Antigamente eu imaginava que seria divertido morar numa

- É falei. Como se fosse, tipo, um pula-pula inflável, só que para sempre.
- Mas, então, na aula de ciências do ensino fundamental, o Sr. Martinez perguntou quem de nós já havia fantasiado em morar nas nuvens, e todo mundo levantou a mão. Aí o Sr. Martinez nos contou que a velocidade do vento nas nuvens é de duzentos e quarenta quilômetros por hora, que a temperatura gira em torno de trinta graus negativos, que nelas não há oxigênio e que todos morreríamos em poucos segundos.
 - Ele parece um cara legal.

nuvem.

- Só digo uma coisa: ele era especialista em arruinar sonhos, Hazel Grace. Você acha que os vulcões são incríveis? Diga isso aos dez mil cadáveres berrando em Pompeia. Lá no fundo você ainda acredita que haja uma aura de mágica neste mundo? São apenas moléculas desalmadas colidindo umas com as outras aleatoriamente. Você se preocupa com quem vai cuidar de você se seus pais morrerem? Pois deveria mesmo, porque eles virarão comida de verme na completude do tempo.
 - A ignorância é uma bênção falei.

Uma comissária de bordo cruzava o corredor empurrando o carrinho de bebidas, sussurrando:

- Bebida? Bebida? Bebida?
- O Gus inclinou o corpo por cima de mim, levantando a mão.
- Será que você poderia nos servir champanhe?
- Vocês têm vinte e um anos? ela perguntou, meio desconfiada.

Meu pai estava esperando por nós na área de desembarque, em meio aos motoristas de limusine de terno que seguravam placas com os sobrenomes de seus passageiros: JOHNSON, BARRINGTON, CARMICHAEL. Papai tinha a própria placa. MINHA FAMÍLIA LINDA, dizia, e logo abaixo: (E GUS).

Abracei o papai e ele começou a chorar (claro). Na volta de carro para casa, o Gus e eu lhe contamos as histórias de Amsterdã, mas só depois que eu já estava em casa, conectada ao Felipe, assistindo aos bons e velhos programas de televisão norte-americanos com o papai e comendo pizza norte-americana com guardanapos no colo, foi que contei a ele do Gus.

- Gus teve uma recorrência falei.
- Eu sei ele disse.

Chegou mais para perto de mim e acrescentou:

— A mãe dele nos contou antes da viagem. Sinto muito por ele ter escondido isso de você. Eu... Eu sinto muito, Hazel. — E não disse mais nada por um bom tempo.

O programa que estávamos vendo era sobre pessoas que tentam escolher que casa vão comprar.

— Eu li o Uma aflição imperial enquanto vocês estavam viajando — o papai disse.

Virei a cabeça na direção dele.

- Ah, que legal. E o que achou?
- Achei bom. Um pouco demais para a minha cabeça. Eu me formei em bioquímica, se você bem se lembra, não em literatura. Realmente acho que a história deveria ter tido um fim.
 - É falei. Essa é uma reclamação recorrente.
- Além do mais, o livro era um pouco pessimista ele disse. Um pouco derrotista.
- Se com derrotista você quer dizer honesto, então concordo com você.
 - Não acho que o derrotismo tenha a ver com honestidade o papai

Eles estavam atacando o câncer com um novo coquetel: duas substâncias quimioterápicas e um receptor de proteína que, eles esperavam, desligaria o oncogene no câncer do Gus. Ele teve sorte de conseguir participar do experimento, me disseram. Sorte. Eu já conhecia uma daquelas substâncias. Só de ouvir o nome dela fiquei com vontade de vomitar.

Depois de um tempo, a mãe do Isaac o levou para visitar o Gus.

— Oi, Isaac, sou eu, a Hazel, do Grupo de Apoio, e não a sua exnamorada do mal.

A mãe do Isaac o guiou até mim, eu levantei da cadeira da mesa de jantar e o abracei, o corpo dele levando alguns instantes para me encontrar antes de me abraçar de verdade, um abraço forte.

- Como foi lá em Amsterdã? ele perguntou.
- Incrível respondi.
- Waters ele falou. Cadê você, irmão?
- Ele está tirando um cochilo eu disse, e minha garganta travou.
- O Isaac balançou a cabeça, o restante de nós permaneceu sem silêncio. Que droga! o Isaac falou depois de um segundo.

A mãe dele o levou até uma cadeira que ela havia puxado. Ele se sentou.

— Eu ainda consigo mandar no seu traseiro cego no Counterinsurgence — o Augustus disse sem se virar para nós.

O remédio deixava a fala dele um pouco lenta, mas aquela velocidade equivalia à de uma pessoa normal.

— Eu tenho quase certeza de que todos os traseiros são cegos — o Isaac respondeu, estendendo a mão no ar sem rumo, procurando a mãe.

Ela o segurou, ajudou-o a se levantar e eles andaram juntos até o sofá, onde o Gus e o Isaac deram um abraço meio sem jeito.

- Como está se sentindo? o Isaac perguntou.
- Tudo tem gosto de moeda. Fora isso, estou numa montanha-russa que só vai para cima, garoto o Gus respondeu. O Isaac riu. Como estão seus olhos?
- Ah, excelentes ele disse. Quer dizer, o fato de não estarem no meu rosto é o único problema.

janela, para o terraço no quintal da casa. Seus olhos se fecharam. O Isaac perguntou como eu estava, respondi que bem, e ele me contou que havia uma garota nova no Grupo de Apoio com uma voz bastante sensual e que ele precisava que eu fosse lá para confirmar se ela era mesmo sensual. Aí, do nada, o Augustus disse:

- Você não pode simplesmente não falar com seu ex-namorado depois de os olhos dele terem sido arrancados do raio do rosto dele.
 - Apenas um dos.... o Isaac começou.
 - Hazel Grace, você tem quatro dólares? o Gus perguntou.
 - Humm falei. Tenho.
- Excelente. Você vai encontrar minha perna debaixo da mesa de café ele falou.

O Gus empurrou o corpo para cima, se sentando, e chegou para a beirada do sofá. Entreguei para ele a prótese; ele a acoplou quase em câmera lenta.

Ajudei o Gus a ficar de pé e ofereci o braço ao Isaac, e fui guiando ele na transposição dos móveis que, de repente, pareciam estar todos no meio do caminho — e percebi que, pela primeira vez em vários anos, eu era a pessoa mais saudável no ambiente.

Eu dirigi. O Augustus foi no banco do carona. O Isaac, no banco de trás. Paramos numa loja de conveniência onde, seguindo instruções expressas do Augustus, comprei uma dúzia de ovos enquanto ele e o Isaac esperavam no carro. E então o Isaac nos guiou, usando a memória, até a casa da Monica, uma casa de dois andares excessivamente estéril perto do Centro da Comunidade Judaica. O Pontiac Firebird verde-esmeralda da década de 1990, com suas rodas largas, estava parado na entrada de veículos.

- O carro dela está aí? o Isaac perguntou quando sentiu que eu estava freando para parar.
- Ah, se está o Augustus disse. Você sabe com o que ele se parece, Isaac? Ele se parece com todas as esperanças que fomos tolos em alimentar.
 - Então ela está lá dentro?

Isaac possa ver isso quando inventarem olhos robóticos.

Ergui o corpo e me sentei na janela com o vidro abaixado, meus cotovelos no teto do carro, e tirei uma foto com o celular: o Augustus, o cigarro apagado na boca, seu sorriso deliciosamente torto, segurando a caixa de ovos cor-de-rosa basicamente vazia no alto da cabeça. Seu outro braço nos ombros do Isaac, cujos óculos escuros não estão exatamente virados para a câmera. Atrás deles, gemas de ovo escorrem pelo para-brisa e pelo para-choque do Firebird verde. E atrás de tudo, uma porta que se abre.

- O que perguntou a mulher de meia-idade um segundo depois de eu tirar a foto —, em nome de Jesus... E então parou de falar.
- Senhora o Augustus disse, balançando a cabeça e olhando para ela —, o carro da sua filha acabou de ser merecidamente coberto de ovos por um cego. Feche a porta, por favor, e volte para dentro de casa, senão seremos forçados a chamar a polícia.

Depois de hesitar por alguns instantes, a mãe da Monica fechou a porta e desapareceu. O Isaac atirou os últimos três ovos um atrás do outro e o Gus o guiou de volta ao carro.

— Viu, Isaac, se você simplesmente tirar... estamos chegando perto do meio-fio agora... deles a sensação de legitimidade, se você inverter as coisas para que achem que são eles que estão cometendo um crime só de ver... só mais alguns passos... os carros sendo cobertos de ovos, eles ficarão confusos, assustados e com medo, e simplesmente voltarão... a maçaneta da porta está bem à sua frente... à vida tediosa deles.

O Gus passou apressado pela frente do carro e se aboletou no banco do carona. As portas se fecharam e eu acelerei, dirigindo várias dezenas de metros antes de me dar conta de que tinha ido na direção de uma rua sem saída. Fiz a volta no cul-de-sac e passei voada pela casa da Monica.

Nunca mais tirei outra foto dele.

Uma semana depois do nosso jantar, o Gus foi parar na Emergência com dores no peito e acabou sendo internado no meio da noite. Fui de carro até o Memorial na manhã seguinte e o visitei no quarto andar. Eu não ia ao Memorial desde a visita ao Isaac. Ali não havia nenhuma parede pintada com cores exageradamente vivas nem as pinturas emolduradas de cães ao volante de veículos que se via no Hospital Pediátrico, mas a esterilidade completa do lugar me fez sentir saudade daquela aura boba de "criança feliz". O Memorial era tão funcional... Era tipo um depósito. Um prematório.

Quando as portas do elevador se abriram no quarto andar, vi a mãe do Gus andando de um lado para outro na sala de espera, falando ao celular. Ela desligou rapidamente e me abraçou, se oferecendo para carregar meu carrinho.

- Não precisa, obrigada falei. Como está o Gus?
- Ele teve uma noite ruim, Hazel ela respondeu. O coração dele está sobrecarregado. O Gus precisa diminuir o ritmo. Daqui para a frente é só cadeira de rodas. Ele está sendo medicado com uma substância nova que deve funcionar melhor no combate à dor. As irmãs dele acabaram de parar o carro no estacionamento.
 - Tá falei. Posso ver o Gus?

Ela colocou o braço no meu ombro e apertou-o com a mão. A sensação foi esquisita.

- Você sabe que nós a amamos, Hazel, mas nesse momento precisamos ficar apenas em família. O Gus concorda com isso. Tudo bem?
 - Tudo respondi.
 - Vou dizer a ele que você esteve aqui.
 - Tá falei. Só vou ficar por aí lendo um pouco, acho.

* * *

Ela andou até o fim do corredor, de volta ao lugar onde ele estava. Eu compreendia, mas ainda assim sentia falta dele e imaginava que talvez estivesse perdendo a última chance de ver o Gus, de me despedir, ou sei

CAPÍTULO DEZESSEIS

sse foi um dia típico com o Gus em estágio terminal:
Fui até a casa dele por volta do meio-dia, depois de ele ter tomado
e vomitado o café da manhã. Ele abriu a porta para mim, de
cadeira de rodas, não mais aquele garoto musculoso e lindo que me
encarou no Grupo de Apoio, mas ainda com o sorriso torto nos lábios,
fumando o cigarro apagado, os olhos azuis intensos e vívidos.

Almoçamos com os pais dele à mesa de jantar. Sanduíches de manteiga de amendoim e geleia, mais os aspargos da noite anterior. O Gus não comeu. Perguntei como ele estava se sentindo.

- Maravilha ele disse. E você?
- Estou bem. O que você fez ontem à noite?
- Dormi um bocado. Quero escrever a continuação do livro para você, Hazel Grace, mas estou sempre tão cansado o tempo todo...
 - Você pode simplesmente me contar o que tem em mente falei.
- Bem, eu continuo fiel à minha análise, anterior ao encontro com o Van Houten, sobre o Homem das Tulipas Holandês. Ele não é um vigarista, mas também não é rico como as fazia acreditar.
 - E a mãe da Anna?
- Ainda não formei uma opinião a respeito dela. Paciência, Gafanhoto. — O Augustus sorriu.

Os pais dele estavam em silêncio, observando o filho sem desviar o olhar, como se quisessem curtir ao máximo o Show do Gus Waters enquanto ainda estava em cartaz.

- Às vezes sonho que estou escrevendo minha autobiografia. Um livro como esse seria a melhor forma de me perpetuar no coração e na memória do público que me idolatra.
 - Por que você precisa desse público quando tem a mim? —

Gus sempre balançava a cabeça negativamente quando ela sugeria isso, então nós simplesmente o deixamos ficar ali sentado na cadeira, meio sonolento, por alguns instantes.

Os pais dele assistiram a um vídeo antigo do Gus com as irmãs — elas tinham mais ou menos a minha idade, e o Gus, uns cinco anos. Estavam jogando basquete na entrada de veículos de uma outra casa e, mesmo o Gus sendo pequeno, conseguia driblá-las como se tivesse nascido fazendo aquilo, correndo em círculos em volta das irmãs enquanto elas riam. Era a primeira vez que eu o via jogar basquete.

- Ele era bom falei.
- Você devia ter visto ele no ensino médio o pai disse. Começou a jogar no time da escola quando ainda era calouro.
 - O Gus balbuciou:
 - Posso ir lá para baixo?

A mãe e o pai empurraram a cadeira de rodas até o porão com o Gus ainda em cima dela, sacudindo loucamente de um jeito que teria sido considerado perigoso se o perigo ainda tivesse sua relevância, e depois nos deixaram sozinhos. Ele foi para a cama e nós ficamos deitados ali juntos, debaixo das cobertas, eu de lado e o Gus de costas, minha cabeça apoiada no ombro ossudo dele, seu calor irradiando para a minha pele através da camisa polo, meus pés entrelaçados ao pé de verdade dele, minha mão em sua bochecha.

Quando o rosto dele ficava bem perto do meu, meu nariz encostando nele de tal maneira que só dava para ver seus olhos, era impossível dizer que estava doente. Nós nos beijamos por um tempo e então ficamos ali, juntos, deitados, ouvindo o álbum epônimo do The Hectic Glow, e acabamos pegando no sono daquele jeito, um emaranhado quântico de tubos e corpos.

* * *

Acordamos algumas horas depois e arrumamos uma armada de travesseiros para que ele pudesse se sentar confortavelmente apoiado na beira da cama

CAPÍTULO DEZESSETE

erta manhã, um mês depois do retorno de Amsterdã, fui dirigindo até a casa dele. Seus pais me disseram que ele ainda estava dormindo lá embaixo, então bati na porta do porão antes de entrar e falei:

— Gus?

Encontrei-o balbuciando um idioma de sua própria criação. Tinha mijado na cama. Foi horrível. Não consegui nem olhar, sério. Só gritei pelos pais dele, que foram até lá embaixo, e subi as escadas enquanto o secavam e limpavam.

Quando voltei ao porão ele estava despertando gradualmente do efeito dos analgésicos para mais um dia excruciante. Arrumei os travesseiros para que pudéssemos jogar Counterinsurgence no colchão sem lençóis, mas ele estava tão cansado e desconcentrado que teve um desempenho ruim como o meu, e não conseguimos passar cinco minutos sem que ambos acabássemos morrendo. E também não eram mortes heroicas nem elaboradas. Só mortes negligentes.

Não falei nada para o Gus. Quase desejei que ele esquecesse que eu estava lá, acho, e esperava que não lembrasse que eu havia encontrado o garoto que eu amo mostrando sinais de demência deitado numa poça de seu próprio mijo. Fiquei meio que esperando que ele fosse olhar para mim e dizer: "Ah, Hazel Grace. Como você chegou até aqui?"

Mas, infelizmente, ele lembrava.

- A cada minuto que passa estou desenvolvendo uma simpatia mais profunda pela palavra mortificado ele disse, por fim.
 - Eu já fiz xixi na cama, Gus, acredite. Não é nada demais.
- Você costumava ele falou, e então suspirou profundamente me chamar de Augustus.

CAPÍTULO DEZOITO

cordei com meu telefone tocando uma música do The Hectic Glow. A preferida do Gus. Aquilo significava que era ele quem estava me ligando... ou que alguém estava me ligando do celular dele. Dei uma olhada no relógio: 2h35 da manhã. Ele se foi, pensei enquanto tudo dentro de mim colapsava para uma singularidade.

Mal consegui dizer:

— Alô?

Esperei pelo som da voz devastada de um pai ou uma mãe.

- Hazel Grace o Augustus disse baixinho.
- Ai, graças a Deus é você. Oi. Oi, eu te amo.
- Hazel Grace, estou no posto de gasolina. Tem alguma coisa errada. Você precisa me ajudar.
 - O quê? Onde você está exatamente?
- Na esquina da Rua 86 com a Avenida Ditch. Eu fiz alguma besteira com o tubo de alimentação e não sei o que foi e...
 - Vou ligar para uma ambulância falei.
- Não não não não não, eles vão me levar para um hospital. Hazel, preste atenção. Não ligue para uma ambulância nem para os meus pais, eu nunca vou perdoar você, não faça isso, só venha aqui, por favor, e conserte a desgraça do meu tubo de alimentação. É só que, cara, isso é a maior estupidez. Não quero que meus pais saibam que saí. Por favor. Estou com o remédio aqui; só não consigo colocá-lo para dentro. Por favor. Ele estava chorando. Nunca o tinha ouvido chorar daquele jeito, exceto quando eu estava do lado de fora da casa dele antes de Amsterdã.
 - Tá falei. Estou indo agora.

Removi o BiPAP e me conectei a um cilindro de oxigênio. Coloquei-o no carrinho, calcei um tênis que combinava com a calça de pijama de — Gus, acho que infeccionou. Não vou conseguir resolver. Por que você está aqui? Por que não está em casa?

Ele vomitou, sem energia nem para virar o rosto e poupar seu colo.

- Ah, meu amor falei.
- Eu queria comprar um maço de cigarros ele balbuciou. Perdi o meu. Ou então esconderam de mim. Não sei. Eles disseram que iam me comprar outro, mas eu quis... fazer isso sozinho. Fazer uma coisa simples sem ajuda. Ele estava olhando fixamente para a frente. Devagarinho, peguei meu celular e olhei para o teclado a fim de discar 911.
- Sinto muito falei para ele. Nove-um-um, qual é a sua emergência?
- Oi, eu estou na esquina da Rua 86 com a Avenida Ditch e preciso de uma ambulância. O amor da minha vida está com um tubo de alimentação defeituoso.

* * *

Ele levantou os olhos para me olhar. Foi horrível. Eu mal conseguia encará-lo. O Augustus Waters dos sorrisos tortos e dos cigarros apagados já era, substituído por uma criatura deploravelmente humilhada sentada ali abaixo de mim.

- É o fim. Não consigo nem mais não fumar.
- Gus, eu te amo.
- Onde está a minha chance de ser o Peter Van Houten de alguém? O Gus bateu sem força no volante, o carro buzinando enquanto ele chorava. Inclinou a cabeça para trás, olhando para cima. Eu me odeio eu me odeio eu odeio isso eu odeio isso eu tenho nojo de mim eu odeio isso eu odeio isso eu odeio isso deixe eu morrer de uma vez.

De acordo com as convenções do gênero, o Augustus Waters manteve o senso de humor até o fim, nem por um momento abandonou sua coragem, e seu espírito elevou-se como uma águia indomável até que o mundo em si não conseguiu conter sua alma repleta de júbilo.

Mas essa era a verdade: um garoto digno de pena que queria

carrinho de mão vermelho

esmaltado de água de chuva

ao lado das galinhas brancas.

Williams era médico. Aquele parecia, para mim, um poema de médico. Tinha acabado, mas a ambulância ainda se afastava de nós, então fui compondo o poema.

* * *

E tanta coisa depende, falei para o Augustus, de um céu azul descortinado pelos galhos das árvores. Tanta coisa depende do tubo de alimentação transparente erupcionando das vísceras do garoto de lábios cianóticos. Tanta coisa depende desse observador do universo.

Só metade consciente, ele olhou para mim e murmurou:

— E você ainda diz que não escreve poesia.

- Ela tem peito um dos outros disse.
- Mesmo?
- Por que você carrega isso? o primeiro perguntou, apontando para o carrinho do oxigênio.
 - Ele me ajuda a respirar respondi. O Gus está acordado?
 - Não, ele está dormindo.
 - Ele está morrendo falou outro.
 - Ele está morrendo confirmou o terceiro, repentinamente sério.

Tudo ficou em silêncio por alguns instantes e eu fiquei tentando imaginar o que deveria dizer, mas então um deles chutou o do lado e os três saíram de novo em disparada, um caindo por cima do outro num furação que migrava para a cozinha.

Segui até a sala de estar para ver os pais do Gus e conheci os cunhados, Chris e Dave.

Eu não tinha chegado a conhecer as meias-irmãs direito, mas ambas me abraçaram mesmo assim. A Julie estava sentada na beira da cama, falando com um Gus adormecido exatamente com o mesmo tom de voz que alguém usaria para falar para uma criança que ela era adorável, dizendo:

— Ah, Gussy Gussy, nosso pequeno Gussy Gussy.

Nosso Gussy? Elas tinham comprado ele?

- E aí, Augustus? falei, tentando reproduzir um modelo de comportamento apropriado.
- Nosso belo Gussy disse a Martha, se inclinando para a frente, mais para perto dele.

Comecei a me perguntar se o Gus estava dormindo de verdade ou se tinha pressionado sem parar a bombinha que liberava os analgésicos a fim de evitar o Ataque das Irmãs Bem-intencionadas.

* * *

Ele acordou depois de um tempo e a primeira coisa que disse foi:

— Hazel.

- Não, não dá.
- É minha sina, esse rosto lindo.
- Isso sem falar no seu corpo.
- Na moral, não vou nem começar a falar do meu corpo sexy. Você não ia querer me ver nu, Dave. Na verdade, me ver pelado foi o que fez a Hazel Grace perder o ar ele falou, fazendo um gesto com a cabeça na direção do cilindro de oxigênio.
- Tá, já chega o pai do Gus disse, e então, do nada, me abraçou e beijou a minha cabeça, sussurrando:
 - Eu agradeço a Deus todos os dias por você existir, menina.

Bem, de qualquer jeito, aquele foi o último dia bom que passei com o Gus até o Último Dia Bom.

Olhei para ela por um segundo, a sobrancelha arqueada.

- Imagino que essa seja uma pergunta retórica.
- Mas por que haveria...
- Porque, por algum motivo, o Gus precisa de mim. Está tudo bem. Posso ir dirigindo.

Fiquei brincando com o BiPAP para que a mamãe pudesse me ajudar a tirá-lo, mas ela nem se mexeu.

- Hazel ela falou —, seu pai e eu estamos com a sensação de que não a vemos mais.
- Principalmente aqueles de nós que trabalham a semana toda papai disse.
 - Ele precisa de mim falei, finalmente tirando o BiPAP sozinha.
 - Nós também precisamos de você, filha meu pai falou.

Ele me segurou firme pelo pulso, como se eu fosse uma garotinha de dois anos prestes a sair correndo pela rua.

- Bem, pai, arrume uma doença terminal, e aí eu fico mais em casa.
- Hazel minha mãe falou.
- Era você quem não queria que eu fosse uma reclusa falei para ela. Papai ainda estava segurando o meu braço. E agora quer que ele vá e morra para que eu volte a ficar aprisionada aqui, deixando que você tome conta de mim como sempre deixei. Mas eu não preciso disso, mãe. Não preciso de você como precisava antes. É você quem precisa viver a sua vida.
- Hazel! o papai falou, apertando ainda mais o meu pulso. Peça desculpas à sua mãe.

Eu estava puxando meu braço, mas ele não me soltava, e eu não conseguia colocar a cânula só com uma das mãos. Era de dar nos nervos. Tudo o que eu queria era um rompante adolescente à moda antiga, sair como um furação, bater a porta do meu quarto, botar o The Hectic Glow bem alto para tocar e escrever freneticamente um elogio fúnebre. Mas eu não podia fazer isso porque não conseguia respirar.

— A cânula — eu me queixei. — Preciso dela.

Meu pai me soltou imediatamente e se apressou em me conectar com

porta do elevador se abrir.

- Hazel Grace ele disse —, você está estonteante.
- Estou, não estou?

Ouvi um barulho vindo de um canto escuro do cômodo. O Isaac estava de pé atrás de um pequeno púlpito de madeira, apoiando-se nele.

- Você quer se sentar? perguntei para o Isaac.
- Não. Estou prestes a começar um elogio fúnebre. Você está atrasada.
 - Você... eu... o quê?

O Gus fez um gesto para eu me sentar. Puxei uma cadeira até o meio da roda, para perto dele, e ele girou a cadeira de rodas para ficar de frente para o Isaac.

- Quero comparecer ao meu enterro o Gus disse. A propósito, você vai dizer algumas palavras no meu enterro?
- Humm, claro, vou sim falei, deixando minha cabeça repousar no ombro dele.

Estendi os braços por suas costas e abracei tanto o Gus quanto a cadeira de rodas. Ele fez uma careta. Eu o larguei.

- Beleza ele falou. Tenho esperança de poder comparecer como fantasma, mas, só para garantir, pensei que talvez... bem, não é que eu queira deixar vocês numa situação difícil nem nada, mas esta tarde tive a ideia de organizar um pré-enterro, e deduzi que, já que estou me sentindo relativamente bem, não há momento melhor que o presente.
 - Como é que você conseguiu entrar aqui? perguntei.
 - Você acredita que eles deixam a porta aberta a noite toda?
 - Humm... não respondi.
- E não deveria mesmo o Gus sorriu. Bem, de qualquer forma, sei que isso é um pouco autoengrandecedor.
- Ei, você está roubando meu elogio fúnebre o Isaac disse. A primeira parte fala de como você era um filho da mãe autoengrandecedor.

Eu ri.

— Tá, tá — o Gus disse. — Quando quiser.

O Isaac limpou a garganta.

- Não fale palavrão no Coração Literal de Jesus o Gus disse.
- Porra o Isaac repetiu. Ele levantou a mão e engoliu em seco. Hazel, você poderia me dar uma mãozinha aqui?

Tinha me esquecido de que ele não conseguia voltar para a roda sozinho. Eu me levantei, coloquei a mão dele no meu braço e o guiei lentamente até a cadeira ao lado do Gus, onde estivera sentada. Aí andei até o pódio e desdobrei o pedaço de papel no qual havia impresso meu elogio fúnebre.

— Meu nome é Hazel. O Augustus Waters foi o grande amor estrelacruzada da minha vida. Nossa história de amor foi épica, e não serei capaz de falar mais de uma frase sobre isso sem me afogar numa poça de lágrimas. O Gus sabia. O Gus sabe. Não vou falar da nossa história de amor para vocês porque, como todas as histórias de amor de verdade, ela vai morrer com a gente, como deve ser. Eu tinha a expectativa de que ele é quem estaria fazendo o meu elogio fúnebre, porque não há ninguém que eu quisesse tanto que.... — Comecei a chorar. — Tá, como não chorar. Como é que eu... tá. Tá.

Respirei fundo algumas vezes e retomei a leitura.

— Não posso falar da nossa história de amor, então vou falar de matemática. Não sou formada em matemática, mas sei de uma coisa: existe uma quantidade infinita de números entre 0 e 1. Tem o 0,1 e o 0,12 e o 0,112 e uma infinidade de outros. Obviamente, existe um conjunto ainda maior entre o 0 e o 2, ou entre o 0 e o 1 milhão. Alguns infinitos são maiores que outros. Um escritor de quem costumávamos gostar nos ensinou isso. Há dias, muitos deles, em que fico zangada com o tamanho do meu conjunto ilimitado. Queria mais números do que provavelmente vou ter, e, por Deus, queria mais números para o Augustus Waters do que os que ele teve. Mas, Gus, meu amor, você não imagina o tamanho da minha gratidão pelo nosso pequeno infinito. Eu não o trocaria por nada nesse mundo. Você me deu uma eternidade dentro dos nossos dias numerados, e sou muito grata por isso.

Foi insuportável. A coisa toda. Cada segundo pior que o anterior. Eu só ficava pensando em ligar para ele, tentando imaginar o que aconteceria, se alguém atenderia o celular. Nas últimas semanas, nós nos limitamos a passar o nosso tempo juntos relembrando o passado, mas isso não significava mais nada: o prazer de lembrar tinha sido tirado de mim, porque não havia mais ninguém com quem compartilhar as lembranças. Parecia que a perda do colembrador representava a perda da própria memória, como se as coisas que tínhamos feito juntos fossem menos reais e importantes do que eram algumas horas antes.

Quando você chega à Emergência de um hospital, uma das primeiras coisas que eles pedem é que você dê uma nota para a sua dor numa escala de um a dez. A partir daí eles decidem que medicamentos prescrever e a velocidade com que têm de ser administrados. Passei por essa situação centenas de vezes no decorrer dos anos, e me lembro de uma vez, logo no início, em que eu não estava conseguindo respirar e parecia que meu peito pegava fogo, as chamas lambendo meu tórax por dentro, tentando encontrar um jeito de sair e queimar o lado de fora, e meus pais me levaram para a Emergência. Uma enfermeira me perguntou sobre a dor e eu não conseguia nem falar, então mostrei nove dedos.

Depois, quando eles já tinham me dado alguma coisa, a enfermeira voltou e ficou meio que acariciando minha mão enquanto media a minha pressão arterial, então disse: "Sabe como eu sei que você é guerreira? Você chamou um dez de nove."

Mas não foi exatamente o que aconteceu. Eu chamei aquilo de nove porque estava poupando o meu dez. E aqui estava ele, o grande e terrível dez me açoitando sem parar, e eu ali sozinha, deitada na minha cama, olhando fixamente para o teto, as ondas me jogando de encontro às pedras e depois me puxando de volta para o mar a fim de poderem me lançar mais uma vez na face chanfrada do penhasco, me abandonando na água, boiando, o rosto virado para cima sem me afogar.

Acabei ligando para ele. O telefone tocou cinco vezes e a caixa postal atendeu. "Esta é a caixa postal do Augustus Waters", ele disse, a voz de

Você sempre foi um amigo tão legal que sinto muito por não ter te visto mais depois que saiu da escola, irmão. Aposto que já está batendo uma bola no paraíso.

Imaginei qual seria a análise do Augustus Waters àquele comentário. Se estou jogando basquete no paraíso, isso implica a existência física de um paraíso contendo bolas de basquete físicas? Quem faz as bolas de basquete em questão? Existem almas menos afortunadas no paraíso que trabalham numa fábrica de bolas de basquete celestial para que eu possa jogar? Ou será que foi um Deus onipotente que criou as bolas de basquete a partir do vácuo no espaço? Este paraíso fica localizado em algum tipo de universo não observável no qual as leis da física não se aplicam? Caso isso seja verdade, por que raios eu estaria jogando basquete quando poderia estar voando, lendo, admirando pessoas bonitas ou fazendo qualquer outra coisa de que realmente gosto? É quase como se o modo como você imagina meu "eu" morto dissesse mais sobre você do que sobre a pessoa que eu era ou sobre o que quer que eu seja agora.

* * *

Os pais dele ligaram por volta do meio-dia para dizer que o enterro estava marcado para dali a cinco dias, no sábado. Imaginei uma igreja cheia de pessoas que achavam que ele gostava de basquete e quis vomitar, mas sabia que precisava ir, já que teria de falar, e tudo mais. Quando desliguei o telefone, voltei a ler o mural:

Acabei de saber que o Gus Waters morreu depois de uma longa batalha contra o câncer.

Descanse em paz, cara.

Eu sabia que aquelas pessoas estavam sinceramente tristes e que eu não estava com raiva delas de verdade. Estava com raiva era do universo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

ssim que chegamos lá eu me sentei no fundo da sala de visitas da igreja, um cômodo pequeno de paredes de pedra ao lado do santuário na igreja do Coração Literal de Jesus. Havia mais ou menos umas oitenta cadeiras dispostas pela sala, que estava dois terços cheia, mas a sensação era de que estava um terço vazia.

Por um tempo, fiquei só olhando as pessoas indo até o caixão em cima de um tipo de carrinho coberto com um pano roxo. Todas aquelas pessoas que eu nunca tinha visto se ajoelhavam ao lado dele ou paravam ao lado dele e o olhavam por alguns instantes, umas chorando, outras dizendo alguma coisa, e então todas colocavam a mão no caixão, em vez de nele, porque ninguém quer tocar os mortos.

A mãe e o pai do Gus estavam em pé ao lado do caixão, abraçando as pessoas conforme iam passando, mas aí me viram, sorriram e vieram até mim. Eu me levantei e abracei primeiro o pai, depois a mãe, que me deu um abraço bem forte, como o Gus costumava fazer, apertando minhas clavículas. Os dois pareciam muito envelhecidos — os olhos fundos, a pele flácida dos rostos exaustos. Eles também haviam chegado ao fim de uma corrida com obstáculos.

- Ele amava tanto você... a mãe do Gus disse. Ele a amava de verdade. Não era um amor qualquer de adolescente ela acrescentou, como se eu não soubesse.
- Ele também amava muito você falei baixinho. É difícil explicar, mas ao falar com os pais do Gus parecia que eu estava dando uma facada neles e eles, em mim. Sinto muito eu disse.

E então os pais dele foram falar com os meus pais, a conversa limitada a gestos de cabeça e lábios apertados. Olhei para o caixão e vi que não havia ninguém em volta, então decidi andar até lá. Tirei a cânula das

a segunda fileira de cadeiras com meu cilindro, para que eu não tivesse de andar muito ao voltar. O papai me deu um lenço de papel quando me sentei. Assoei o nariz, ajeitei os tubos nas orelhas e reinseri os cateteres nasais.

Achei que iríamos até o santuário propriamente dito para a cerimônia, mas tudo aconteceu naquela pequena sala lateral, a Mão Literal de Jesus, acho — a parte da cruz na qual ele fora pregado. Um pastor se posicionou atrás do caixão, quase como se o caixão fosse um púlpito, e tal, e falou um pouco sobre como o Augustus havia enfrentado uma batalha corajosa e como o heroísmo dele diante da doença foi uma inspiração para todos nós, e eu já estava começando a ficar irritada com o homem quando ele disse: "No paraíso, o Augustus vai, finalmente, ser curado e ficar inteiro", o que implicava que ele tinha sido menos inteiro que as outras pessoas por lhe faltar uma perna, e eu meio que não consegui evitar um suspiro de repulsa. Meu pai colocou a mão na minha perna, logo acima do joelho, e me lançou um olhar de desaprovação, mas da fileira logo atrás de mim alguém resmungou perto do meu ouvido, tão baixo que quase não deu para escutar:

— Quanta baboseira, hein, garota?

Eu me virei.

O Peter Van Houten usava um terno de linho branco, feito sob medida para abarcar sua rotundidade, uma camisa azul-claro e uma gravata verde. Parecia que estava vestido para uma ocupação colonial do Panamá, não para um enterro. O pastor falou:

— Oremos. Mas enquanto todo mundo baixava a cabeça, eu só conseguia olhar boquiaberta para aquela visão do Peter Van Houten.

Depois de alguns segundos, ele sussurrou:

— Temos de fingir que estamos orando — e baixou a cabeça.

Tentei tirá-lo da cabeça e só rezar para o Augustus. Decidi prestar atenção ao que o pastor estava falando e não olhar para trás.

O pastor chamou o Isaac, que estava muito mais sério do que no préenterro.

— O Augustus Waters era o prefeito da Cidade Secreta de

Depois que a Julie, a irmã dele, falou, a cerimônia foi encerrada com uma oração que falava sobre a união de Gus com Deus, e aí eu pensei no que ele tinha dito no Oranjee, que não acreditava em mansões e harpas, mas que acreditava, sim, em Algo com A maiúsculo, então tentei imaginá-lo em Algum lugar com A maiúsculo enquanto rezávamos, mas mesmo naquele momento não consegui me convencer direito de que nós dois ficaríamos juntos de novo. Eu já conhecia muitas pessoas mortas. Sabia que agora o tempo passaria para mim de um jeito diferente do que passaria para ele. Que eu, como todas as pessoas naquele ambiente, seguiria acumulando amores e perdas enquanto ele, não. E para mim aquela era a tragédia final e verdadeiramente insuportável: como todos os inumeráveis mortos, ele havia sido, de uma vez por todas, rebaixado de assombrado para assombração.

E aí um dos cunhados do Gus havia levado um aparelho de som portátil e eles botaram para tocar uma música que o Gus havia escolhido: uma canção triste e lenta do The Hectic Glow chamada "The New Partner". Sinceramente, tudo o que eu queria era ir para casa. Eu não conhecia quase nenhuma daquelas pessoas, e podia sentir os olhinhos do Peter Van Houten olhando detidamente para meus ombros expostos, mas, depois que a música terminou, todos tiveram de vir até mim e me dizer que o que eu falei foi lindo e que aquela tinha sido uma cerimônia adorável, o que era mentira: aquilo era uma cerimônia de enterro. E se parecia com qualquer outra cerimônia de enterro.

Os carregadores do caixão dele — alguns primos, o pai, um tio, amigos que eu nunca tinha visto — se aproximaram e o seguraram, e todos começaram a andar na direção do carro funerário.

Quando mamãe, papai e eu entramos no carro, falei:

- Não quero ir. Estou cansada.
- Hazel mamãe disse.
- Mãe, não vai ter lugar para sentar, vai durar horas e eu estou exausta.

voado meio mundo para comparecer a um enterro.

- Como é que você.... comecei, mas ele me cortou.
- Utilizei sua Internet infernal para acompanhar o obituário de Indianápolis. Ele colocou a mão dentro do terno de linho e tirou de lá uma garrafa de uísque de 750 ml.
 - E simplesmente comprou uma passagem de avião e...

Ele me interrompeu de novo enquanto desenroscava a tampa.

— Paguei 15 mil por uma passagem de primeira classe, mas sou suficientemente capitalizado para me dar a esses luxos. E as bebidas no voo são de graça. Dependendo da sua ambição, dá quase para ficar no zero a zero.

O Van Houten deu uma golada no uísque e depois chegou o corpo para a frente, a fim de oferecê-lo ao meu pai, que reagiu dizendo:

— Ah, não, obrigado.

Em seguida, o Van Houten fez um gesto com a garrafa na minha direção. Eu a segurei.

— Hazel — minha mãe disse, mas eu desenrosquei a tampa e bebi um pouco. Aquilo fez meu estômago se sentir como meus pulmões.

Entreguei a garrafa de volta para o Van Houten, que entornou um bocado para dentro e falou:

- Então. Omnis cellula e cellula.
- Hein?
- Seu namorado Waters e eu nos correspondemos um pouquinho, e em sua última...
 - Peraí, você lê cartas de fãs agora?
- Não, ele mandou a carta para a minha casa, e não através do meu editor. E eu não poderia chamá-lo de fã. Ele me desprezava. Mas, de qualquer forma, ele insistiu muito no fato de que eu seria absolvido de meu mau comportamento se comparecesse ao enterro dele e dissesse a você o que acontece com a mãe da Anna. Então, aqui estou, e eis sua resposta: Omnis cellula e cellula.
 - O quê? perguntei de novo.
 - Omnis cellula e cellula ele falou mais uma vez. Toda célula

desorientação, tive a sensação de que tudo estava bem, mas logo depois me senti sendo esmagada de novo. Mamãe me tirou do BiPAP, eu me conectei a um cilindro portátil e segui aos trancos e barrancos até o meu banheiro para escovar os dentes.

Ao me olhar no espelho enquanto escovava os dentes, fiquei pensando que existiam dois tipos de adultos: os Peter Van Houtens — criaturas desprezíveis que varriam a Terra à procura de algo a que magoar, e pessoas como meus pais, que andavam de um lado para outro como zumbis, fazendo o que quer que tivessem de fazer para continuar andando de um lado para outro.

Nenhum desses futuros me pareceu particularmente almejável. Eu me sentia como se já tivesse visto tudo o que há de mais puro e bom no mundo e começava a suspeitar de que, mesmo se a morte não tivesse atrapalhado o andar da carruagem, o tipo de amor que eu e o Augustus compartilhamos não teria durado. Assim a aurora se transforma em dia, o poeta escreveu. Nada que é dourado fica. Alguém bateu na porta do banheiro.

- Está ocupado falei.
- Hazel meu pai disse. Posso entrar?

Não respondi, mas depois de um tempo destranquei a porta. E me sentei no vaso sanitário com a tampa fechada. Por que o ato de respirar precisava ser tão trabalhoso? Papai se ajoelhou ao meu lado. Ele segurou minha cabeça, puxou-a até encostar no ombro dele, e disse:

— Sinto muito pela morte do Gus.

Eu me senti meio que sufocada pela camisa de malha dele, mas a sensação de ser segurada com tanta intensidade era boa demais, aninhada no cheiro familiar do meu pai. Era quase como se ele estivesse com raiva ou coisa assim, e gostei disso, porque eu também estava.

— É tudo uma grande palhaçada — ele disse. — A coisa toda. Uma taxa de sobrevivência de oitenta por cento e ele está nos vinte por cento? Palhaçada. Ele era um garoto tão brilhante! É uma palhaçada. Odeio isso. Mas com certeza foi um privilégio poder amar o Gus, não foi?

Fiz que sim com a cabeça, encostada na camisa dele.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

lguns dias depois, me levantei por volta do meio-dia e fui de carro até a casa do Isaac. Ele mesmo veio abrir a porta.

— Minha mãe levou o Graham ao cinema — ele disse.

- Nós deveríamos fazer alguma coisa falei.
- Essa alguma coisa pode ser jogar videogames para cegos no sofá?
- É, essa é exatamente a alguma coisa que eu tinha em mente.

Então ficamos sentados ali umas duas horas juntos, falando com a tela, navegando por uma caverna labiríntica invisível sem um lúmen de luz sequer. A parte mais divertida do jogo era, de longe, tentar fazer o computador estabelecer um diálogo engraçado com a gente:

Eu: "Encoste na parede da caverna."

Computador: "Você encosta na parede da caverna. Ela está úmida."

Isaac: "Lamba a parede da caverna."

Computador: "Não compreendo. Fale de novo?"

Eu: "Dê um amasso na parede úmida da caverna."

Computador: "Você tenta dar um passo. Você bate com a cabeça."

Isaac: "Não é dê um passo. É DÊ UM AMASSO."

Computador: "Não compreendo."

Isaac: "Cara, eu tenho estado sozinho nesta caverna escura há várias semanas e preciso me aliviar. DÊ UM AMASSO NA PAREDE DA CAVERNA."

Computador: "Sua tentativa de dar um pass..."

Eu: "Pressione a pélvis com

tra a parede da caverna."

Computador: "Não com..."

Isaac: "Faça amor com a caverna."

Computador: "Não com..."

Pensei no meu pai me dizendo que o universo quer ser notado. Mas o que nós queremos é ser notados pelo universo, fazer com que o universo dê alguma bola para o que acontece com a gente — não a ideia coletiva de vida senciente, mas cada um de nós, como indivíduos.

- O Gus amava você de verdade, sabe ele falou.
- Sei.
- Ele não conseguia parar de falar nisso.
- Eu sei.
- Era irritante.
- Eu não achava irritante falei.
- Ele chegou a te dar aquela coisa que ele estava escrevendo?
- Que coisa?
- A continuação, ou sei lá o quê, daquele livro que você gostava. Eu me virei para o Isaac.
 - O quê?
- Ele disse que estava escrevendo alguma coisa para você mas que não era bom escritor.
 - Quando foi que ele disse isso?
 - Sei lá. Foi, tipo, em algum momento depois da volta de Amsterdã.
 - Em que momento? pressionei-o.

Será que Gus não teve a chance de completar? Será que tinha terminado e deixado no computador ou algo assim?

- Humm o Isaac suspirou.
- Humm. Não sei. Nós falamos disso aqui, uma vez. Ele estava aqui, tipo... é, nós mexemos na minha máquina de e-mails e eu tinha acabado de receber um e-mail da minha avó. Posso procurar na máquina se você...
 - Tá, tá, cadê?

* * *

Ele tinha falado daquilo um mês atrás. Um mês! Não um bom mês, devo reconhecer, mas ainda assim um mês. Era tempo suficiente para ter conseguido escrever pelo menos alguma coisa. Ainda havia algo dele, ou

- É só dirigir ele disse.
- Saia.
- Não. Você me lembra a Anna ele disse de novo.

Depois de um segundo, engatei a marcha à ré e comecei a andar com o carro. Eu não estava conseguindo fazê-lo sair, e não precisava continuar tentando. Iria até a casa do Gus e os pais do Gus o fariam ir embora.

- Obviamente você está familiarizada o Van Houten disse com Antonietta Meo.
 - Não falei.

Liguei o rádio e o hip-hop sueco tocou alto, mas o Van Houten gritou mais alto ainda.

— Ela poderá se tornar, em breve, a santa não mártir mais jovem a ser beatificada pela Igreja Católica. Teve o mesmo câncer que o Sr. Waters, osteossarcoma. Eles amputaram a perna direita dela. A dor era excruciante. Enquanto Antonietta Meo estava à beira da morte, na tenra idade de seis anos, por causa desse câncer agonizante, disse para o pai: "A dor é como um tecido. Quanto mais forte, mais valioso." Isso é verdade, Hazel?

Eu não estava olhando diretamente para ele, mas para seu reflexo no espelho.

- Não gritei mais alto que a música. Isso é bobagem.
- Mas você não gostaria que fosse verdade? ele gritou em resposta.

Eu desliguei o som.

— Sinto muito por ter estragado sua viagem. Vocês eram tão jovens... Vocês eram...

Ele começou a chorar. Como se tivesse algum direito de chorar pela morte do Gus. O Van Houten era apenas mais um dos diversos pranteadores que não o conheciam, mais um lamento que chegou tarde demais em seu mural.

- Você não estragou nossa viagem, seu filho da mãe convencido. Nossa viagem foi maravilhosa.
 - Estou tentando ele disse. Estou tentando, juro.

- Presumo que você esteja familiarizada com o exercício mental de Philippa Foot intitulado "dilema do bonde"?
- E aí eu apareço na sua casa, vestida como a menina que você esperava que ela viveria para se tornar, e você fica, tipo, desconcertado.
 - Em determinada linha, há um bonde desgovernado ele disse.
 - Não dou a mínima para o seu exercício mental idiota falei.
 - É o exercício da Philippa Foot, na verdade.

iria para lá, e respondi que seria logo. Vinte e dois anos atrás.

- Bem, nem para o dela.
- Ela não entendia por que aquilo estava acontecendo ele disse. Tive de contar para ela que iria morrer. A assistente social falou que eu precisava contar. Precisei lhe dizer que iria morrer, então falei que ela iria para o céu. Ela perguntou se eu estaria lá, então respondi que não, não naquele momento. Mas algum dia, ela quis saber, e prometi que sim, claro, muito em breve. E falei que naquele ínterim haveria uma ótima família lá em cima que tomaria conta dela. Ela me perguntou quando eu
 - Sinto muito.
 - Eu também.

Depois de um tempo, perguntei:

— O que aconteceu com a mãe dela?

Ele sorriu.

— Você ainda está em busca de uma continuação, sua danadinha.

Sorri também.

- Você deveria voltar para casa falei para ele. Fique sóbrio. Escreva outro livro. Faça aquilo no qual você é bom. Nem todo mundo tem essa sorte de ser bom em alguma coisa. Ele ficou olhando fixamente para mim pelo espelho durante um bom tempo.
- Certo ele disse. Está bem. Você tem razão. Você tem razão. Mas, mesmo ao dizer isso, tirou do bolso a garrafa de uísque quase vazia. Bebeu, recolocou a tampa na garrafa e abriu a porta.
 - Tchau, Hazel. Fique bem, Van Houten.

Ele se sentou no meio-fio atrás do carro. Enquanto eu o via encolher pelo espelho retrovisor, ele pegou a garrafa e por um instante pareceu que tempo DANIEL NÃO CHAME SEU IRMÃO DE BUNDÃO Mãe se eu não posso dizer essa palavra por que você acabou de falar bundão bundão — e então, em coro, bundão bundão bundão bundão, e, à mesa, os pais do Gus estavam agora de mãos dadas, o que me fez sentir um pouco melhor.

— O Isaac me disse que o Gus estava escrevendo uma coisa, uma coisa para mim — falei.

As crianças ainda estavam cantando o melô do bundão.

- Podemos dar uma olhada no computador dele a mãe do Gus disse.
 - Ele não usou muito o computador nas últimas semanas falei.
- É verdade. Não tenho nem certeza se o trouxemos aqui para cima. Ainda está no porão, Mark?
 - Não faço ideia.
 - Bem falei —, será que posso...

Fiz um gesto com a cabeça na direção do porão.

— Ainda não estamos preparados — o pai dele disse. — Mas, claro que sim, Hazel. É claro que você pode.

* * *

Andei até lá embaixo, passei pela cama desarrumada, pelas poltronas do videogame abaixo da TV. O computador dele ainda estava ligado. Cliquei no mouse para ativá-lo e então procurei pelos arquivos editados mais recentemente. Nada no último mês. A coisa mais recente era uma resenha do livro O olho mais azul, de Toni Morrison.

Talvez ele tivesse escrito algo à mão. Andei até as prateleiras de livros, procurando um diário ou bloco ou caderno. Nada. Folheei o exemplar dele do Uma aflição imperial. O Gus não havia deixado uma marquinha sequer no livro. Em seguida andei até a mesa de cabeceira. Mayhem infinito, o nono volume da série "O preço do alvorecer", estava em cima da mesa ao lado do abajur, a página 138 com uma orelha dobrada.

Ele nem conseguiu chegar ao fim do livro.

— Para acabar com o suspense: o Mayhem sobrevive — falei alto,

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

rês dias depois, no terceiro dia DG, o pai do Gus me ligou de manhã. Eu ainda estava conectada ao BiPAP, por isso não atendi, mas ouvi o recado deixado na caixa postal assim que o celular apitou avisando do recebimento.

"Hazel, oi, aqui é o pai do Gus. Eu achei um Moleskine preto no revisteiro que estava do lado da cama de hospital, acho que próximo o suficiente para ele alcançá-lo. Infelizmente não há nada escrito nele. As páginas estão todas em branco. Mas as primeiras, acho que umas três ou quatro, foram arrancadas. Vasculhamos a casa toda à procura delas, mas não as encontramos. Por isso não sei o que pensar. Mas talvez fosse a essas páginas que o Isaac estava se referindo. De qualquer forma, espero que esteja bem. Você está em nossas orações todos os dias, Hazel. Então, tá. Um beijo. Tchau."

Três ou quatro páginas arrancadas de um Moleskine e que não estavam mais na casa do Augustus Waters. Onde ele as teria deixado para mim? Presas com fita adesiva nos Ossos Maneiros? Não, ele não estava em condições de ir até lá. O Coração Literal de Jesus. Talvez ele tivesse deixado as páginas lá para mim no seu Último Dia Bom.

Por causa disso, saí para ir ao Grupo de Apoio no dia seguinte vinte minutos mais cedo. Fui dirigindo até a casa do Isaac, ele entrou no carro e nós seguimos para o Coração Literal de Jesus com as janelas da minivan abertas, ouvindo o novo álbum do The Hectic Glow, recentemente disponibilizado na rede. Que o Gus nunca ouviria.

Pegamos o elevador. Guiei o Isaac até uma cadeira na Roda da Esperança e depois fui percorrendo vagarosamente todo o Coração Literal. Olhei em todos os lugares: debaixo das cadeiras, em volta do púlpito atrás do qual eu tinha ficado enquanto lia meu elogio fúnebre, debaixo da mesa passei a bola.

Estava cansada de falar.

O Isaac começou a falar do amor verdadeiro. Eu não poderia dizer a eles o que tinha em mente porque soava brega, mas o que eu estava pensando era no universo querendo ser notado e em como eu havia reparado nele da melhor forma possível. Eu me sentia em dívida com o universo, uma dívida que só a minha atenção poderia saldar, e, além disso, me sentia em dívida com todo mundo que deixou de ser uma pessoa e com todo mundo que ainda não tinha chegado a ser uma pessoa. Tudo o que meu pai tinha me dito, basicamente.

Fiquei em silêncio até o fim da reunião do Grupo de Apoio, o Patrick me dedicou uma oração especial, o nome do Gus foi adicionado à longa lista de mortos — quatorze para cada um de nós — todos prometemos viver o melhor da nossa vida hoje, e aí eu levei o Isaac para o carro.

* * *

Quando cheguei de volta à minha casa, mamãe e papai estavam à mesa de jantar, cada um com seu laptop, e assim que entrei pela porta mamãe fechou a tampa do dela.

- O que tem no computador?
- Só algumas receitas antioxidantes. Preparada para o BiPAP e para o America's Next Top Model? ela perguntou.
 - Só vou me deitar um minuto.
 - Você está bem?
 - Estou, só um pouco cansada.
 - Bem, você precisa comer antes de...
 - Mãe, eu não estou com a menor fome.

Dei um passo na direção da porta, mas ela me parou.

- Hazel, você precisa comer. Só um pouco de...
- Não. Estou indo deitar.
- Não mamãe falou. Você não vai. Olhei para o meu pai, que só deu de ombros.

com medo de vocês não terem uma vida para viver, de ficarem sentados aqui o dia todo sem um "eu" para cuidar, olhando para as paredes, querendo dar o fora.

Depois de um minuto, a mamãe disse:

- Eu estou fazendo um curso. A distância, da Universidade de Indiana. Para obter um diploma de mestrado em serviço social. Na verdade, eu não estava lendo receitas de antioxidantes; estava fazendo um trabalho do curso.
 - Sério?
- Não quero que pense que estou imaginando um mundo sem você. Mas se conseguir o mestrado poderei ajudar famílias que estejam em momentos difíceis ou liderar grupos que lidam com as doenças dos familiares deles ou...
 - Peraí, você vai virar um Patrick?
- Bem, não exatamente. Existem vários tipos de trabalho de assistência social.

Papai falou:

- Nós dois ficamos preocupados achando que você poderia se sentir abandonada. É importante que você saiba que sempre estaremos aqui para você, Hazel. Sua mãe não vai a lugar algum.
- Não, isso é ótimo. Isso é fantástico! Eu estava sorrindo de verdade. — A mamãe vai virar um Patrick. Ela vai ser um ótimo Patrick! Ela vai ser tão melhor nisso que o Patrick!
 - Obrigada, Hazel. Isso significa muito para mim.

Eu balancei a cabeça. E comecei a chorar. Não consegui conter a felicidade que estava sentindo, chorando lágrimas verdadeiras de felicidade pela primeira vez em sei lá quanto tempo, imaginando minha mãe como um Patrick. Aquilo me fez pensar na mãe da Anna. Ela também teria dado uma ótima assistente social. Depois de um tempo, ligamos a TV e assistimos ao ANTM. Mas dei uma pausa no programa cinco segundos após o início porque tinha várias perguntas a fazer para a mamãe.

- Quanto falta para você terminar o curso?
- Se eu for a Bloomington e passar uma semana lá nesse verão, pode

preocupada com isso?

— Só não quero estragar a vida de vocês nem nada.

A mamãe se inclinou para a frente e encostou o rosto no meu cabelo bagunçado, me beijando no alto da cabeça.

Falei para o papai:

— Não quero que você se torne um alcoólatra desempregado e patético ou coisa assim.

Minha mãe sorriu.

- Seu pai não é o Peter Van Houten, Hazel. Você, mais que qualquer pessoa, sabe que é possível conviver com a dor.
- É, tá falei, e mamãe me abraçou, e eu deixei que ela fizesse isso, mesmo, no fundo, não querendo.
 - Tá, você pode dar play agora falei.

A Anastasia foi eliminada. Ela fez um escândalo. Foi incrível. Comi um pouco no jantar, farfalle com molho pesto, e consegui fazer com que a comida continuasse dentro de mim.

desinteressantes.

- Ele não era perfeito nem nada. Ele não era um príncipe encantado de conto de fadas, e tal. Tentava ser assim às vezes, mas eu gostava mais dele quando essas coisas desapareciam.
- Você tem, tipo, um álbum com as fotos e as cartas que ele escreveu?
- Tenho algumas fotos, mas ele nunca chegou a me escrever nenhuma carta. Exceto, bem, há algumas páginas faltando no caderninho dele que podem ter sido algo para mim, mas acho que ele as jogou fora ou elas se perderam ou coisa assim.
- Talvez ele tenha mandado essas páginas pelo correio para você ela disse.
 - Não, elas já teriam sido entregues aqui.
- Então talvez não tenham sido escritas para você ela falou. Talvez... Quer dizer, não quero deixar você deprimida nem nada, mas talvez ele as tenha escrito para outra pessoa e colocado no correio...
 - VAN HOUTEN! gritei.
 - Você está bem? Isso foi uma tosse?
 - Kaitlyn, eu te amo. Você é um gênio. Tenho que ir agora.

Desliguei o telefone, rolei para o lado, peguei o laptop, apertei o botão de ligar e então escrevi um e-mail endereçado a Lidewij Vliegenthart.

Lidewij,

Acredito que o Augustus Waters tenha enviado algumas páginas do caderninho dele para o Peter Van Houten logo antes de ele (o Augustus) morrer. É muito importante para mim que alguém leia essas páginas. Eu quero lê-las, claro, mas talvez elas não tenham sido escritas para mim. De qualquer forma têm de ser lidas. Precisam ser lidas.

Você poderia me ajudar com isso?

Hazel Grace Lancaster

Ela respondeu no fim daquela tarde.

Eu sentia falta do futuro. É claro que eu sabia, muito mesmo antes da recorrência dele, que nunca envelheceria ao lado do Augustus Waters. Mas ao pensar na Lidewij e em seu namorado, eu me senti roubada. Era muito provável que eu nunca mais fosse ver o oceano de uma altura de trinta mil pés de novo, uma distância tão grande que não dá nem para distinguir as ondas, nem nenhum barco, de um jeito que faz o oceano parecer um enorme e infinito monólito. Eu poderia imaginá-lo. Eu poderia me lembrar dele. Mas não poderia vê-lo de novo, e me ocorreu que a ambição voraz dos seres humanos nunca é saciada quando os sonhos são realizados, porque há sempre a sensação de que tudo poderia ter sido feito melhor e ser feito outra vez.

E mesmo se você conseguir chegar aos noventa anos, deve dar essa mesma sensação — embora eu inveje as pessoas que têm a oportunidade de comprovar isso. Mas, pensando bem, eu já tinha vivido o dobro do tempo que a filha do Van Houten. O que ele não teria dado para ter uma filha morta aos dezesseis anos...

De repente, a mamãe estava de pé entre mim e a TV, as mãos cruzadas nas costas.

— Hazel — ela disse.

Seu tom de voz era tão grave que achei que algo estava errado.

- Sim?
- Você sabe que dia é hoje?
- Não é meu aniversário, é?

Ela riu.

- Ainda não. Hoje é dia quatorze de julho, Hazel.
- É o seu aniversário?
- Não... É o aniversário do Harry Houdini?
- Não...
- Cansei de tentar adivinhar, sério.
- É O DIA EM QUE SE COMEMORA A QUEDA DA BASTILHA!

Ela levou os braços à frente do corpo, revelando duas bandeirinhas de plástico da França e agitando-as entusiasticamente.

- Você quer passar filtro solar? a mamãe perguntou.
- Não, obrigada.

Dava para ouvir o vento balançando as folhas, e naquele vento viajavam os gritos das crianças no playground, a distância, descobrindo como continuar vivas, como percorrer um mundo que não foi feito para elas ao percorrer um playground que foi.

O papai me viu observando-as e perguntou:

- Você sente saudade de correr de um lado para outro desse jeito?
- Acho que sim, às vezes.

Mas não era nisso que eu estava pensando. Só estava tentando reparar em todos os detalhes: a luz nas Ruínas arruinadas, a criancinha que mal conseguia andar descobrindo um graveto no canto do playground, minha infatigável mãe ziguezagueando a mostarda no sanduíche de peru dela, meu pai dando batidinhas no smartphone no bolso e resistindo à tentação de dar uma espiada, um cara jogando um frisbee que seu cachorro ficava correndo para alcançar e depois levar de volta para ele.

Quem sou eu para dizer que essas coisas podem não durar para sempre? Quem é o Peter Van Houten para afirmar como verdade a conjectura de que nossa labuta é temporária? Tudo o que eu sei sobre o paraíso e tudo o que eu sei sobre a morte está naquele parque: um universo elegante em movimento constante, pululando com ruínas arruinadas e crianças estridentes. Meu pai começou a balançar a mão na frente do meu rosto.

- Sintonize, Hazel. Você está aí?
- Foi mal, é, o quê?
- A mamãe sugeriu que fôssemos ver o Gus.
- Ah. Tá falei.

* * *

Então, depois do nosso almoço no parque, fomos de carro até o Cemitério Crown Hill, o último e derradeiro local de descanso de três vice-presidentes, de um presidente, e do Augustus Waters. Subimos a ladeira e

Que Deus te abençoe e te guarde, Hazel. Sua amiga, Lidewij Vliegenthart

Cliquei e abri os quatro arquivos anexados. A letra dele estava confusa, inclinada, o tamanho variando, a cor da caneta mudando. Ele tinha escrito a carta durante vários dias, em graus de consciência variados.

Van Houten,

Sou uma pessoa boa, mas um escritor de merda. Você é uma pessoa de merda, mas um bom escritor. Nós formaríamos uma bela equipe. Não quero lhe pedir nenhum favor, mas, se tiver tempo — e pelo que vi, você tem tempo de sobra —, fiquei me perguntando se poderia escrever um elogio fúnebre para a Hazel. Tenho algumas anotações e tudo mais, mas se você pudesse transformá-las num texto completo e coerente, e tal... Ou então só me dizer o que eu deveria escrever de forma diferente.

O bom da Hazel é o seguinte: quase todo mundo é obcecado por deixar uma marca no mundo. Transmitir um legado. Sobreviver à morte. Todos queremos ser lembrados. Eu também.

É isso o que me incomoda mais, ser mais uma vítima esquecida na guerra milenar e inglória contra a doença.

Eu quero deixar uma marca.

Mas, Van Houten: as marcas que os seres humanos deixam são, com frequência, cicatrizes. Você constrói um shopping center medonho ou dá um golpe de Estado ou tenta se tornar um astro do rock e pensa: "Eles vão se lembrar de mim agora", mas: (a) eles não se lembram de você, e (b) tudo o que você deixa para trás são mais cicatrizes. Seu golpe de Estado se transforma numa ditadura. Seu shopping center acaba dando prejuízo.

(Tá, talvez eu não seja um escritor tão de merda assim. Mas não consigo organizar minhas ideias, Van Houten. Meus pensamentos são estrelas que eu não consigo arrumar em constelações.)

Nós somos como um bando de cães mijando em hidrantes. Nós envenenamos as águas subterrâneas com nosso mijo tóxico, marcando tudo

cara disse: "Ela ainda está fazendo água." Bênção do deserto, maldição do oceano.

O que mais? Ela é tão linda! Não me canso de olhar para ela. Não me preocupo se ela é mais inteligente que eu: sei que é. É engraçada sem nunca ser má. Eu a amo. Sou muito sortudo por amá-la, Van Houten. Não dá para escolher se você vai ou não vai se ferir neste mundo, meu velho, mas é possível escolher quem vai feri-lo. Eu aceito as minhas escolhas. Espero que a Hazel aceite as dela.

Eu aceito, Augustus.

Eu aceito.

FIM